



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Luís Miguel Ribeiro Barbosa

**A CERÂMICA UTILITÁRIA DOS NÍVEIS DE
ABANDONO DE UMA OFICINA DE SALGA EM
OSSONOBA (FARO)**

Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, na área de especialização em
Arqueologia Romana orientada pelo Professor Doutor Ricardo Costeira da Silva,
apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Junho de 2021

FACULDADE DE LETRAS

A CERÂMICA UTILITÁRIA DOS NÍVEIS DE ABANDONO DE UMA OFICINA DE SALGA EM OSSONOBA (FARO)

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	A Cerâmica Utilitária dos níveis de abandono de uma oficina de salga em <i>Ossonoba</i> (Faro)
Autor/a	Luís Miguel Ribeiro Barbosa
Orientador/a(s)	Doutor Ricardo Costeira da Silva
Júri	Presidente: Doutora Helena Maria Gomes Catarino Vogais: 1. Doutor Ricardo Costeira da Silva 2. Doutor Adolfo Fernández Fernández
Identificação do Curso	2º Ciclo em Arqueologia e Território
Área científica	Arqueologia
Especialidade/Ramo	Arqueologia Romana
Data da Defesa	21- 07- 2021
Classificação	17 Valores

Agradecimentos

A realização de uma dissertação de mestrado constitui um percurso, onde não se trata apenas de produção de conhecimento científico, mas também de um processo de aprendizagem tanto teórico como criativo. Desta maneira torna-se necessário expressar a minha gratidão pela oportunidade de dar o primeiro contributo científico arqueológico, através deste estudo.

Oportunidade essa, que não teria sido possível sem ajuda dos meus pais, os quais sempre me apoiaram e criaram as condições necessárias à perseguição do meu sonho, que era tornar-me arqueólogo.

A realização deste trabalho de investigação é fruto da colaboração de diversas pessoas que me cabe enumerar. É necessário salientar que devido à situação pandémica e com os condicionalismos derivados do confinamento, bem como o encerramento das atividades letivas na Universidade de Coimbra, essa colaboração manteve-se, adaptando-se a esta nova realidade.

Desta maneira, e em primeiro lugar é necessário fazer um agradecimento especial ao meu orientador, o Doutor Ricardo Costeira. Por ter sido aquele que me “pegou o bichinho” pelas cerâmicas, pelo seu profissionalismo, pela excecionalidade da sua orientação, pela paciência perante as minhas dúvidas e questões, pelo seu saber, pela sua competência científica, pela sua exigência, partilha, dedicação e afeto, pelo excelente exemplo profissional que o é, e acima de tudo, pela amizade sincera.

Um agradecimento à ENGOBE- Arqueologia e Património Cultural, que me disponibilizou os materiais cerâmicos estudados nesta dissertação, bem como providenciou o conjunto das informações estratigráficas essenciais, assim como colmatou prontamente todas as dúvidas que foram existindo ao longo do tempo e colocadas por mim.

A todos os professores que compõem o corpo docente, do 1.º e do 2.º Ciclo, do curso de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, por fazerem parte do meu percurso académico.

Ao Dr. José Luís Madeira por todas as dicas e ajudas em relação às características intrínsecas do desenho arqueológico. Por toda a sua paciência com as minhas dúvidas.

Aos funcionários do Museu do Rabaçal, nomeadamente à Sónia Vicente e ao Flávio Simões, por toda a ajuda com os desenhos arqueológicos, pela paciência, pelos desabafos, pelos conselhos e acima de tudo pela amizade.

Aos meus colegas de casa desde sempre, Oliveira e Ferreira, por serem peças fundamentais do meu percurso por Coimbra. Por todos os momentos partilhados, por todas as discussões construtivas em torno da tese, por todos os desabafos quando a coisa corria menos bem, enfim por tudo.

Ao Babo por se perder comigo em debates e reflexões em torno do tema. Por tentar imaginar comigo tudo o que seria possível significarem cacos e contextos. Por todas as noites de companhia e amizade.

Ao André, pela ajuda preciosa na fase de marcação e separação dos fabricos. Pela generosidade, afeto e amizade sincera.

Ao grupo de amigos “Pintos”, por todos os momentos de amizade e descontração, bem necessários durante a escrita desta dissertação.

À Mariana, pelo incrível apoio na forma do “ainda nem comecei”. Pela amizade sincera.

À minha avó, tia e madrinha, que me ampararam durante o meu percurso em Coimbra. Por toda a ajuda, disponibilidade, afeto e carinho e pelos jantares de domingo, que faziam a minha semana.

Às pessoas mais importantes da minha vida: os meus pais, que apesar da distância de 1500 km, sempre me garantiram o suporte de todo este trabalho e deste percurso. Por terem acreditado em mim e pelo apoio incondicional.

A todos os que de uma forma ou de outra contribuíram para esta dissertação, obrigada.

Resumo

Uma escavação arqueológica realizada na área ribeirinha de Faro (Rua Francisco Barreto, n.º 32) permitiu identificar uma nova unidade de preparados de peixe, integrada numa zona de cariz industrial da antiga cidade romana de *Ossonoba*. Enquanto decorre o estudo global da intervenção, é possível perceber a existência de oito cetárias que se distribuem em redor de um pátio central e de outros pequenos compartimentos articulados entre si, desativados durante o séc. VI d.C.

O presente estudo que se apresenta incide nos níveis de colmatação das cetárias e de abandono do sítio, onde foi possível recuperar um conjunto diverso de espólio maioritariamente cerâmico. De todo o conjunto selecionaram-se todos os fragmentos de cerâmica doméstica comum (que preferimos designar por cerâmica utilitária) e que, nesta dissertação, constituem o objeto de análise.

A partir de uma análise macroscópica, foi possível agrupar o conjunto em 7 fabricos distintos que conferem, por sua vez, três grupos de diferentes proveniências. Para cada fabrico ou grupo tecnológico apresenta-se a análise morfo-tipológica e funcional, tendo também como referência a base percentual e o número mínimo de indivíduos.

As características do conjunto, onde se destaca a diversidade de fabricos e riqueza tipológica, enquadra-o naquilo que, por norma, se tem verificado no território algarvio, especialmente em zonas costeiras e noutras oficinas de salga conhecidas.

Sendo *Ossonoba* uma das cidades portuárias mais importantes do Sul da Lusitânia, era previsível a presença de produções oriundas de diversas zonas banhadas pelo Mediterrâneo. Neste caso, valorizam-se as relações de proximidade com o golfo de *Cádiz* ou a existência de contactos com zonas mais distantes como o Norte de África. Mesmo através da cerâmica utilitária verifica-se que *Ossonoba* se encontrava bem posicionada e integrada neste *mare Nostrum*.

Palavras-Chave: *Ossonoba* (Faro), oficina de salga, níveis tardios de abandono, cerâmica utilitária.

Abstract

An archaeological excavation carried out in the riverside area of Faro (Rua Francisco Barreto, nº 32) was able to identify a new fish preparation workshop, incorporated in a zone with an industrial character of the ancient roman city, *Ossonoba*. While the global study of the intervention was underway, it was possible to notice the presence of eight fish salting tanks, that were distributed around a central courtyard and other small compartments articulated among themselves, which were deactivated during the 6th century AD.

The present study focuses on the clogging and abandonment levels of the archaeological site, where it was possible to recover a diverse set of archaeological materials, which were mostly ceramics. From the whole set, all fragments of common ware (we preferred to designate it utilitarian ware) were selected and constitute in the present study the object of analysis.

Through the macroscopic analysis it was possible to group the set in 7 distinct types, that were consequently divided into 3 groups according to the provenance. For each type or technological group, we presented the morpho-typology as well as the functional analysis, while also taking into consideration the base percentage in addition to the minimum number of individuals.

The characteristics of the ensemble, which highlights the diversity of the types and typological richness, fits in what has usually been observed in the Algarve territory, especially in coastal areas and other known fish salting workshops.

Being *Ossonoba* one of the most important port cities in the south of Lusitania, it was predictable the presence of ceramic productions from different areas bathed in the Mediterranean Sea. In this case, the proximity relations with the gulf of Cádiz or the existence of contacts with more distant areas such as the North of Africa are valued. Even through the utilitarian ware we can see that *Ossonoba* was a very well positioned and integrated in the so-called *mare Nostrum*.

Key Words: *Ossonoba* (Faro), fish preparation workshop, late abandonment levels, utilitarian ware.

Índice

Agradecimentos.....	3
RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	6
1. - Notas Introdutórias.....	9
2. - Considerações Gerais.....	11
2.1- Contextualização Geográfica.....	11
2.2- Referências Clássicas de <i>Ossonoba</i>.....	13
2.3- Trabalhos de Investigação no Século XIX, XX e XXI.....	14
2.4- Investigações Atuais.....	18
2.5- <i>Ossonoba</i> Romana.....	22
3- O sítio Arqueológico da Rua Francisco Barreto n.º 32, Faro.....	29
4- Metodologia Geral.....	35
5- A Coleção de Cerâmica Utilitária: Fabricos e Análise Morfo - Tipológica.....	37
5.1- Cerâmicas Importadas.....	39
5.1.1- Cerâmica da Bética.....	39
5.1.1.1- Caracterização dos Fabricos.....	42
5.1.1.2- Classificação Morfo – Tipológica.....	43
5.1.1.3-Análise e Discussão do Conjunto.....	49
5.1.2- Cerâmica de Cozinha Africana.....	52
5.1.2.1- Classificação Tipológica e caracterização dos fabricos.....	52
5.1.2.2- Análise e Discussão do Conjunto.....	58
5.2- Cerâmica de Produção Local ou Regional.....	62
5.2.1- Cerâmica de Matriz Cinzenta.....	62
5.2.1.1- Caracterização dos Fabricos.....	62
5.2.1.2- Classificação Morfo – Tipológica.....	64
5.2.1.3- Análise e Discussão do Conjunto.....	66
5.2.2- Cerâmica de Matriz Avermelhada.....	69
5.2.2.1- Caracterização dos Fabricos.....	69
5.2.2.2- Classificação Morfo – Tipológica.....	70
5.2.2.3- Análise e Discussão do Conjunto.....	73

5.2.3-	Cerâmica de Imitação de Produção Local/Regional.....	76
5.2.3.1-	Classificação Tipológica e caracterização dos fabricos	76
5.2.3.2-	Análise e Discussão do Conjunto.....	79
5.3-	Cerâmica de Proveniência Indeterminada.....	81
5.3.1-	Cerâmica de Matriz Acastanhada.....	81
5.3.1.1-	Caracterização do Fabrico.....	81
5.3.1.2-	Classificação Morfo – Tipológica	81
5.3.2-	Cerâmica Modelada à Mão.....	85
5.3.2.1-	Classificação Tipológica e caracterização dos fabricos	85
6-	Considerações Finais.....	87
7-	Referências Bibliográficas.....	92

1. Notas Introdutórias

A presente dissertação de mestrado enquadra-se num âmbito mais amplo de investigação sobre a dinâmica de ocupação do sítio arqueológico da Rua Francisco Barreto (RFB) n.º 32, em Faro, identificado como uma fábrica de preparados piscícolas de época romana.

O início do presente trabalho, coincide com o momento final das escavações da RFB n.º 32. Nesta intervenção arqueológica de natureza preventiva, recolheram-se extensas quantidades de materiais, provenientes de diversos contextos estratigráficos, que se encontram ainda, na sua maioria, em fase de estudo. Desses, destacamos as unidades estratigráficas de abandono ou colmatação de estruturas, objeto deste estudo. Apesar de não ter sido possível aceder ao relatório final da intervenção, por se encontrar em fase de preparação, todas as informações que permitiram a composição desta dissertação foram prontamente disponibilizadas pelos arqueólogos responsáveis – Paulo Botelho e Fernando Santos da empresa ENGOBE-Arqueologia e Património Cultural.

O presente trabalho apresenta o estudo da cerâmica utilitária dos níveis de abandono desta oficina de salga de época romana, esperando perceber qual o seu impacto no quotidiano das populações locais. Apesar desta categoria cerâmica ser maioritária nestes contextos, o seu estudo só se tornou de maior interesse após se cruzar a informação obtida da análise das peças de cerâmica fina e das ânforas recolhidas em paralelo com estas. Este exercício permitiu sugerir uma cronologia de depósito para as unidades estratigráficas de proveniência. Com efeito, o estudo preliminar das cerâmicas finas tardo antigas e material anfórico permitiram concluir que os níveis de abandono e colmatação das cetárias de onde provêm os materiais em estudo deverá situar-se no século VI d.C. (Fernández *et al.*, no prelo).

Um dos principais objetivos deste trabalho passou pela análise, descrição e divisão da coleção por fabricos. Através da análise macroscópica das pastas foi possível individualizar produções locais de outros fabricos importados. Desta forma, foi possível inferir também um pouco sobre as redes de distribuição e redes comerciais mais ativas e perceber o peso a que equivalem as importações dentro desta categoria cerâmica.

Outro dos objetivos deste estudo, mais técnico, visava, dentro de cada conjunto, a criação e definição de grupos morfo-tipológicos e sua respetiva integração em conjuntos funcionais, tentando perceber a sua relevância no quotidiano desta comunidade.

Pode-se então afirmar que esta dissertação, surge como mais um contributo para o estudo global da intervenção arqueológica que pôs a descoberto esta fábrica de preparados piscícolas no n.º 32 da Rua Francisco Barreto. Só o prosseguimento dos estudos em curso nos permitirão conhecer a planta arquitetónica deste sítio e perceber os ritmos da sua ocupação – construção, utilização, destruição e abandono. Além disso, alguns elementos da cultura material, nomeadamente a cerâmica doméstica comum de uso quotidiano poderá permitir acercar-nos de alguns aspetos dos seus utilizadores. Foi sempre com o intuito de melhor compreender a vida quotidiana desta comunidade que desenvolvemos a presente dissertação.

2. Considerações Gerais

2.1. Contextualização Geográfica

O Algarve, situado no extremo Sul de Portugal, é delimitado a Norte pelo Alentejo, tendo como divisão natural não só as serras de Monchique e Caldeirão, mas também as ribeiras de Odeceixe, que corre para o Atlântico desaguando na praia de Odeceixe e a ribeira de Vascão. A Sul e a Oeste confina com o oceano Atlântico, sendo que a Este é delimitado pelo rio Guadiana que o separa de Espanha.

Nas palavras de Orlando Ribeiro: “(...) *há dois Algarves: o povo só conhece por êste nome a orla do maciço antigo; o resto é a serra, um mar de cerros de xisto que sobe a mais de 500 metros.*” (Ribeiro, 1945: 233-234). A serra, ou o chamado Alto Algarve, é uma das três divisões geomorfológicas existentes no Algarve, sendo este a única região geográfica claramente individualizada em território português (Arruda, 1999: 21). Devido em grande parte às suas características geomorfológicas, que resultam num relevo acentuado, a Serra, desde muito cedo constituiu um entrave à circulação de bens e pessoas do Algarve para o restante atual território português. Como tal e também devido à sua geografia costeira, torna-se claro a preferência pelo contacto com outros povos do mediterrâneo, através do mar, como é possível atestar através das evidências observáveis em Castro Marim, Tavira e Faro, entre outros. (Arruda, 1999: 21). A orla a qual Orlando Ribeiro se refere é então dividida pelo barrocal e pelo litoral. O barrocal, correspondente à região que liga o litoral à serra, é delimitado a ocidente pela cidade de Lagos e a oriente pela cidade de Tavira. A nível geomorfológico é descrito como sendo “(...) *constituída por rochas mesozoicas essencialmente carbonatadas que assentam em discordância angular sobre o soco paleozoico*” (Trindade, 2007: 31).

O litoral é nas palavras do geógrafo Jorge Gaspar (1993: 176) “*a razão de ser do Algarve e a estreita faixa mais ou menos plana que se estende da foz do Guadiana até Sagres constitui a plataforma logística que viabilizou a Região (...)*”, sendo onde se encontra a maior densidade populacional da região e tratando-se do motor económico da região. Atualmente, o pouco destaque da agricultura (Gaspar, 1993: 177) contrasta com o fulgor do turismo de sol e praia. Importa destacar o contributo da atividade piscatória e a exploração do sal, que nesta região já é praticada, pelo menos, desde época clássica, como é possível verificar através do testemunho deixado por Estrabão (III.2.6). Estes dados permitem perceber que a fácil obtenção de peixe e sal, impulsionou o desenvolvimento das diversas unidades de preparados piscícolas existentes na região (Fabião, 2009: 556).

O litoral algarvio é ainda dividido em duas zonas diferentes: o barlavento e o sotavento. O primeiro, do qual fazem parte as cidades de Lagos, Albufeira, Portimão, Monchique e Silves, caracteriza-se geomorfologicamente “(...) *pela presença de arribas talhadas em rocha dura de formação mesozoica e cenozoica; (...)*” (Viegas, 2011: 53). O segundo onde estão inseridas as cidades de Faro, Castro Marim, Tavira e Olhão, caracteriza-se por apresentar uma orla costeira que (...) *é formada por arribas arenosas talhadas na rocha branda e de menor altura, atribuídas ao Pliocénico e Plistocénico e com extensas praias de areias holocénicas.*” (Trindade, 2007: 31).

Faro situa-se em plena Ria Formosa, um extenso sapal, (que se estende desde a praia da Manta Rota, em Vila Real de Santo António, até à praia do Ancão em Loulé) constituído por diversas ilhas-barreiras que limitam o acesso à costa e simultaneamente a protegem. É interessante perceber que “(...) *a morfologia do sistema de ilhas-barreira está constantemente a ser modificada pela acção do mar através de galgamentos mais ou menos intensos ao longo do ano, dependendo da sua associação ao regime normal de marés ou em períodos de tempestade* (Matias, 2006)” (Matias, 2006 *apud* Trindade, 2007: 32) o que contribui para a instabilidade destas ilhas-barreiras (Viegas, 2011: 54).

2.2. Referências arcaicas a *Ossonoba*

Ossonoba, localizada sob a atual capital do Algarve – Faro, terá sido uma das cidades portuárias mais importantes do Sul da antiga província romana da Lusitânia. Situada na extremidade ocidental do chamado golfo de Cádiz, sempre desempenhou um papel relevante no tráfego mercantil entre o Mediterrâneo e o Atlântico. De origens pré-romanas (Arruda, Bargão e Sousa, 2005) é referida por diversas fontes clássicas (*Estrab.* III, 2, 4-5; *Mela*, III, 7; *Plin.* IV, 116 -118; *Ptol. Geog.*, II.5.2; *Itin Ant*, 426.1; *Marcian.* II, 13; *Ravenn*, 306.10), surgindo o seu nome em moedas cunhadas localmente e em várias epígrafes descobertas em Faro e nas suas imediações (Encarnação, 1986).

A descrição de Estrabão, no seu livro “*Geographia*” (III, 2, 5) (século I a.C.), é uma das primeiras referências a esta antiga cidade romana e remete para a rede de povoamento existente na altura: “*Depois de terem apreendido as características naturais destes lugares e que os estuários podiam prestar um serviço semelhante ao dos rios, os habitantes fundaram cidades poderosas e outras povoações nas suas margens, como nas dos rios. Entre elas estão Asta*, Nabrissa*, Ónoba*, Ossónoba*, Ménoba* e outras mais.*” (Deserto e Pereira, 2016: 46).

Aponta também para a importância da fundação de cidades junto a estuários de rios, fator que contribuía para uma melhor comunicação entre as regiões, além de dinamizar o comércio entre as mesmas: “*Acrescentam-se também canais que foram abertos em vários pontos, já que existe comércio que vem de muitos lugares e que vai para muitos lugares, quer a nível interno, quer para o exterior. E as confluências das águas contribuem de igual modo muito para as navegações, quando as enchentes da maré se derramam sobre os istmos que separam os canais e os tornam navegáveis, de forma que os bens podem ser transportados dos rios para os estuários e destes para aqueles.*” (*idem*). Deste modo é possível comprovar a importância estratégica da localização de *Ossonoba*, acessível por via marítima e um relevante pólo comercial daquela região.

Já no século I d.C., Plínio-o-velho, no Livro IV (dedicado à Geografia e à Etnografia) da sua obra “*Naturalis Historia*”, faz uma breve referência a *Ossonoba* localizando-a entre o “*(...) o Sacrum Promunturium e depois o Cuneus;(...)*” (Plínio-o-Velho IV, 4, 116), identificando também *Balsa* e *Myrtilis* (Mértola). É importante referir que, nesta breve referência, Plínio classifica *Ossonoba* como “*oppida*”, fornecendo algumas pistas acerca do estatuto, que teria então esta cidade. (Viana, 1952: 11).

De igual modo, Pompónio Mela, contemporâneo de Plínio, faz nova alusão a *Ossonoba*. Na sua obra “*De Chorographia*” (III, 1, 7), especialmente no volume III, localiza *Ossonoba*, juntamente com *Balsa* e *Myrtilis* no *Cuneus*.

Refira-se ainda Cláudio Ptolomeu que, no século II d.C., na sua obra “*Geografia*” (II, 5, 1-7) faz uma breve referência às cidades localizadas no litoral algarvio, enumerando não só *Ossonoba* como também *Balsa*.

2.3. Trabalhos de Investigação nos séculos XIX, XX e XXI

A arqueologia urbana realizada em Faro, à semelhança de outras cidades portuguesas, tem contribuído para resgatar alguns elementos desconhecidos da sua História e que se encontram omissos na documentação histórica. Apesar disso, a leitura desses elementos não é linear nem fácil.

De forma a melhor enquadrar os vestígios arqueológicos em estudo, sentimos necessidade de fazer uma revisão do estado da arte de *Ossonoba*, integrando as perceções e pensamentos dos primeiros investigadores, assim como os resultados das primeiras pesquisas efetuadas no local.

Natural de Tavira, o pioneiro das investigações arqueológicas no Algarve foi Estácio da Veiga (1828-1891). Numa primeira fase, após a assinatura de um contrato com o Governo, surge então a “*Carta Archeológica do Algarve*”, documento onde se compila toda a informação recolhida e fruto das diversas escavações realizadas na região algarvia (Cardoso, 2007). O espólio recolhido tinha como objetivo ser posteriormente integrado nas coleções do futuro Museu do Algarve, facto que acabou por se concluir com sucesso em 1880 (Cardoso, 2007: 70). Porém, a vida deste espaço museológico foi curta devido a variadas vicissitudes e o mesmo terá encerrado pouco tempo depois da sua abertura (Cardoso, 2007:70).

Posteriormente são publicadas as “*Antiguidades Monumentaes do Algarve*”. O volume I ao IV desta obra de tombo cobre a época da Pré-História e Proto Histórica, desde o Paleolítico à Idade do Ferro. O volume V refere-se, na totalidade, à época romana. Contudo, a compilação deste volume ficou incompleta, devido ao falecimento do autor em 1891, tendo sido o mesmo publicado a título póstumo na revista “*O Arqueólogo Português*” (Veiga 1904; Veiga 1905a; Veiga 1905b; Veiga 1910).

Destaque-se, o facto de Maria Luísa Estácio da Veiga Afonso dos Santos ter ficado responsável por publicar as plantas geográficas e as fotografias relativas ao período romano recolhidas por Estácio da Veiga, na sua obra “*Arqueologia Romana do Algarve*” (Santos 1971, 1972).

No âmbito deste notável trabalho de investigação, Estácio da Veiga, dedicou ainda um esforço maior às suas “explorações” na *villa* romana de Milreu iniciadas em 1877 local que, já desde o século XVI, vinha a ser associado como possível localização de *Ossonoba* (Viegas, 2011: 84). Importa também destacar a ação deste investigador na própria cidade de Faro em locais tão distintos como o Campo da Trindade, o Amendoal, e o Bairro de Lethes e ainda as explorações efetuadas na rua do Arco e na rua das Adegas (Viegas, 2011: 83-84).

Para além daquele ilustre investigador destaca-se a ação de outros arqueólogos como o Cónego Pereira Botto que, ao longo da sua atividade, dirigiu também a sua atenção para a arqueologia algarvia. O seu primeiro ensaio arqueológico consistiu no estudo de algumas peças que se encontravam no Museu de Faro. Neste contexto, executa, nomeadamente, a transcrição de 4 epígrafes a que apelida de “pedras funerárias” (Botto, 1896). Posteriormente, elabora uma possível planta da *villa* romana de Milreu que reconhece como se tratando da afamada *Ossonoba*. Esta planta é posteriormente publicada na revista “*O Arqueólogo Português*” sobre o nome “*Ichnographia parcial das construções luso-romanas de Milreu (Estoi; - Algarve)*” (Botto, 1898). Já em 1899, o investigador Cónego Pereira Botto, publica um glossário crítico relativamente ao existencial na coleção do Museu de Faro, que fornece linhas de estudo e investigação a desenvolver futuramente (Botto, 1899).

É o epigrafista alemão Hübner que faz a primeira chamada de atenção pública para a hipótese de *Ossonoba* não se situar em Milreu. Na sua obra “*Notícias archeológicas de Portugal*”, o autor chama a atenção para a situação desse ponto concreto, afirmando que: “*A muito contestada situação de Ossonoba parece, portanto, dever marcar-se nas ruínas de Estoy junto a Faro*” (Hübner, 1871: 32), o que revela uma evidente discordância relativamente à localização até aqui atribuída do local (Viegas, 2011: 32; Bernardes e Encarnação, 2018: 28). Em 1876, G. Henriques chega mesmo a publicar um guia turístico onde atribuiu a localização de *Ossonoba* a Faro (Viegas, 2011: 32).

No final do século XIX, a correspondência das cidades algarvias com os locais mencionados nas fontes escritas continuava a ser um tema de controverso. Temos o exemplo de Teixeira de Aragão que ao referir-se a algumas materiais provenientes de Torre de Ares e da

Quinta das Antas indica que provêm de Balsa e confirma: “(...) o que combina com o Itinerário de Antonino, que diz achar -se *Balsa* a cinco léguas de *Aesuri* (Ayamonte ou Castro Marim) e a quatro de *Ossonoba* (Faro), distâncias que existem hoje muito aproximadamente entre a Torre de Ares e Ayamonte e Castro Marim, e a capital do Algarve” (Viegas, 2011: 32).

Contudo continuava-se a acreditar que as pedras romanas encontradas em Faro teriam originalmente vindo de Milreu, onde já eram conhecidos de longa data a presença de vestígios romanos (Bernardes e Encarnação, 2018: 28). Esse era ainda o entendimento, nos inícios do século XX com J. Leite de Vasconcelos, fundador do Museu Nacional de Arqueologia, a remeter a localização de *Ossonoba* para Milreu na sua obra “*Religiões da Lusitânia*”. No volume II da referida obra, aludindo aos aspetos da Proto-História, o autor afirma que “(...) *Ossonoba e Balsa, duas cidades algarvias, cujos nomes não-latinos revelam a sua procedência pré-romana, eram situadas em terrenos planos, - a segunda á beira mar, a primeira, ou igualmente á beira mar ou perto.*” (Vasconcelos, 1905: 85). Igualmente no volume III, da obra referida, na qual são abordados os “*Tempos Históricos*”, o autor insere *Ossonoba* no “*Conventus Pacensis*” na Lusitânia (Vasconcelos, 1913: 175).

A implementação de trabalhos arqueológicos nem sempre foi consensual e pacífica. É exemplo disso mesmo, as palavras de Mário Lyster Franco, presidente da Câmara Municipal de Faro, durante a época do Estado Novo, que afirma o seguinte relativamente às escavações efetuadas no Largo da Sé em 1870: “*Então, ao que se diz, foram dadas ordens rigorosas para que nada transparecesse, não fossem os arqueólogos meter o bedelho e entravar o andamento de trabalhos sobre que já houvera demasiada discussão.*” (Viana, 1952: 21; Rosa, 1984: 150).

De igual modo em 1883 aquando da construção do edifício camarário, relata-se o seguinte episódio: “*Assim parece que aconteceu, por exemplo, com o próprio edifício camarário, construído no local do anterior, mas cujas obras, segundo a tradição corrente entre o seu mais antigo pessoal, se descobriam vestígios de remotas construções. O sigilo imposto aos trabalhadores impediu que deles tomassem conhecimento os entendidos da matéria.*” (Viana, 1952: 21-23; Rosa, 1984: 151).

Apesar dos imensos contributos, dos diversos autores e investigadores acima referidos, para o desenvolvimento da arqueologia Algarvia, só a partir dos anos 20 do século XX, é que se começaram a efetuar escavações de natureza arqueológica, com maior frequência, melhor registo e com um maior rigor científico.

É igualmente em simultâneo que se verifica um “boom” de novas descobertas em diversas escavações efetuadas.

Em 1926, dá-se início às escavações na Rua Infante D. Henriques para a implementação de uma rede de saneamento público. Nessas intervenções descobre-se o “Mosaico do Oceano”, o que ficou historicamente registado em Ata da Sessão de Câmara de 17 de julho desse mesmo ano (Viegas, 2011: 88). Apenas 50 anos depois é que a principal atração arqueológica da *Ossonoba* romana seria devidamente escavada na sua totalidade e amplitude.

Em 1932, são identificadas diversas cerâmicas romanas durante a abertura de um poço junto à muralha, destacando-se a presença de fragmentos *terra sigillata*, tendo sido posteriormente depositados no Museu Municipal de Faro (Rosa, 1984: 150).

Em 1933, Abel Viana procede à execução de escavações extensivas no Largo da Sé, onde descobriu “grandes alicerces de estruturas antigas” em frente à porta principal da Sé (Santos, 1971: 185-186). Apesar das dúvidas iniciais, confirma-se, anos mais tarde, que se estava na presença do templo que integraria o fórum da cidade. Nestas intervenções é igualmente identificada uma epígrafe onde surge referida a “*Civitas Ossonobensis*” (IRCP7) (Encarnação, 2016: 58).

Apesar dos dados e informações constatados, é importante referir que só em 1952 e na sua obra “*Ossonoba. O problema da sua localização*” (Viana 1952), Abel Viana refuta a teoria de que *Ossonoba* estaria situada em Milreu. Para além dos vestígios arqueológicos, aquele arqueólogo afirma que devido à impossibilidade de navegar o Rio Seco, bem como o facto de este não apresentar sinais de depósitos que coincidissem com os de um antigo estuário, Milreu não poderia ter sido uma cidade portuária e não poderia ser identificada como *Ossonoba* (Viana, 1952: 24-40). A esta evidência alia-se a referência documental do geógrafo Rasis que Viana acaba por citar: “*diz que era “vizinha do mar” e com “pequenas ilhas em que (ou seja, entre as quais) navegam barcos”, ilhas que julgo evidente colocar entre a cidade e o mar. Sendo assim, teremos Ossonoba junto à ria e não quase nove quilómetros distante desta*” (Viana, 1952: 16).

Não poderíamos terminar esta breve incursão pelos trabalhos arqueológicos mais antigos, sem referir José António Pinheiro e Rosa, antigo diretor do Museu de Faro. Em 1984, na sua obra intitulada “*Estamos em Ossonoba?*” (Rosa, 1984), este organiza por ordem cronológica os diversos achados ocorridos em escavações realizadas em vários pontos da cidade

e enumera os vários fatores mencionados pelos autores clássicos que comprovam a localização de *Ossonoba* no substrato da atual cidade de Faro.

2.4. Investigações Atuais

Através das provas apresentadas por Abel Viana e da fundamentação desenvolvida por José António Pinheiro e Rosa torna-se incontestável a localização de *Ossonoba* em Faro e não em Milreu como outrora se pensava. A partir do último terço do séc. XX são vários os nomes da arqueologia portuguesa que se debruçam sobre o estudo desta cidade romana da qual, ainda assim, muito se desconhece.

Em 1968 são apresentados dois trabalhos sobre materiais romanos integrados nas coleções de Museus do Alentejo e Algarve. Jorge de Alarcão (1968) estuda os vidros recolhidos por Estácio da Veiga e Santos Rocha, enquanto Manuela Delgado (1968) dedica-se a uma pequena coleção de *Terra Sigillata* Clara (Africana).

Não é possível discutir as investigações arqueológicas efetuadas no Algarve sem referir Maria Luísa Estácio da Veiga Afonso dos Santos. Foi esta autora que deu continuidade e terminou os estudos sobre época romana iniciados por Estácio da Veiga, dando a conhecer o que aquele investigador tinha identificado e recolhido. A sua obra "*Arqueologia Romana do Algarve*" é uma referência para o entendimento de *Ossonoba* (Santos, 1971 e 1972). Relativamente a *Ossonoba*, para além de situar a antiga cidade em Faro, citando outros autores como Abel Viana e Mário Lyster Franco, apresenta ainda toda a informação recolhida nas escavações executadas pela cidade, organizando-a por categorias (epígrafes, estruturas, necrópoles, esculturas, pinturas, mosaicos, cerâmicas (Santos, 1971: 165-214).

Em 1973 Jorge de Alarcão edita o livro "*Portugal Romano*" (Alarcão, 1973), no qual apresenta a história do domínio romano em Portugal. Porém, é na sua outra grande obra de síntese - "*Roman Portugal*" (Alarcão, 1988a) - que a cidade de *Ossonoba* é referenciada. No volume "*Gazeteer III. Évora, Lagos and Faro*" (Alarcão 1988a), o autor dedica-se em particular à região Algarvia. Na mesma linha, acrescenta-se "*O domínio romano em Portugal*" (Alarcão, 1988b), onde o autor aborda os aspetos mais importantes do período romano no território português, a nível político, económico e cultural. O mesmo investigador faz ainda referência às *civitates* do Algarve, apontando as suas capitais em *Ossonoba* e *Balsa*, onde existem epígrafes que o comprovam (Alarcão, 1988b: 53). Esta informação é de novo sintetizada e atualizada na

obra “*Identificação das cidades da Lusitânia portuguesa e dos seus territórios*” (Alarcão, 1990).

Na década de 80 do século XX, José d’ Encarnação publica as “*Inscrições Romanas do Conventus Pascensis*” (Encarnação, 1984) (IRCP). Nesta obra, além de fazer a inventariação de toda a epigrafia romana algarvia, apresenta também estudos sobre diferentes aspetos da romanização do território Alentejano e Algarvio. J. d’Encarnação refere ainda que “*Ossonoba teria importante papel no tráfico marítimo das castas meridionais, o que explica a existência dum escol cuja riqueza assentaria não só em bens imobiliários como igualmente na atividade comercial.*” (Encarnação, 1984: 59) (IRCP).

Vasco Mantas, em “*Arqueologia urbana e fotografia aérea: contributo para o estudo do urbanismo antigo de Santarém, Évora e Faro*” (Mantas, 1986), apresenta propostas para a localização das principais áreas urbanas que compõem o urbanismo, utilizando para tal a fotografia aérea (Mantas, 1986: 13-16). Posteriormente, nas “*Cidades marítimas da Lusitânia*” (Mantas, 1990: 149-205) o autor defende que *Ossonoba* teria possivelmente ascendido a município durante o principado de Cláudio (Mantas, 1990:184). O mesmo investigador continua a debruçar-se sobre Faro romana, atualizando as suas interpretações nos anos seguintes (Mantas, 1993; Mantas 1997a; Mantas 1997b; Mantas 1999).

Outro nome de destaque, quando se aborda o tema da investigação arqueológica do Algarve é o de Teresa Júdice Gamito. Esta investigadora está associada aos primórdios do ensino da arqueologia na Universidade do Algarve (UAAlg). É também responsável por inúmeras intervenções arqueológicas na cidade de Faro, nomeadamente as escavações levadas a cabo na Rua das Alcaçarias (Gamito, 1922), no quintal da Polícia Judiciária (Gamito, 1994), bem como outros estudos relacionados com esta problemática (Gamito, 1983; Gamito, 1991; Gamito, 1997; Gamito, 2007).

Também Maria Maia, dirigiu ou codirigiu trabalhos arqueológicos em Faro, nomeadamente as escavações no mosaico do Oceano (Viegas, 2011:90) e na Rua Infante D. Henrique nº58-60 (Maia, 2004).

Carlos Fabião em “*O Algarve Romano*” (Fabião, 1999) faz uma análise da geografia da região, tendo como referência alguns autores clássicos como Estrabão e Artemidoro de Éfeso. Analisa também a estrutura das cidades romanas, desde a sua conquista até à fundação do império, destacando *Ossonoba* como sendo o centro urbano mais importante do Algarve em época romana (Fabião, 1999: 37), algo que já teria mencionado na sua obra “*Garum na*

Lusitânia Rural? Alguns comentários sobre o povoamento romano do Algarve” (Fabião, 1994). O autor faz ainda diversas referências a *Ossonoba* noutros artigos, onde foram retratados temas tal como estudos anfóricos, preparados de peixe ou locais onde foram identificadas cetárias (Fabião, 2000; Fabião, 2007).

Ana Margarida Arruda, debruçou-se sobre o período proto-histórico de *Ossonoba*, sendo indispensável mencionar dois artigos: “*O Algarve nos séculos V e IV a.C.*” (Arruda, 1990a), bem como “*A ocupação pré-romana de Faro: alguns dados novos*” (Arruda, Bargão e Sousa, 2005). Neste último, a autora defende que a ocupação humana de Faro poderá ter-se iniciado apenas no século IV a.C., atingindo o seu apogeu no século III a.C. (Arruda, Bargão e Sousa, 2005: 203). Sendo o Algarve uma das suas áreas geográficas preferenciais de estudo, esta investigadora aborda igualmente outras temáticas e até âmbitos cronológicos tendo-se debruçado sobre os inícios da ocupação romana em “*Sobre a Romanização do Algarve*” (Arruda e Gonçalves 1993); “*O Algarve no quadro geocultural do Mediterrâneo antigo*” (Arruda, 1999b) e “*O Algarve Romano na Rota Atlântica do Comércio Romano*” (Arruda, 2012).

Em 2004, Sandra Rodrigues apresenta o estudo sobre “*As Vias Romanas do Algarve*” (Rodrigues, 2004), no qual indica as principais vias que teriam existido nesta região, que ligavam as capitais de *civitates* localizadas no Algarve e Alentejo. Alguns destes estudos, para além da cidade debruçam-se sobre o território da *civitas ossonobensis*. Neste caso concreto, apresentam-se os sítios que poderão ser classificados como estações viárias (Rodrigues 2004: 19-21). Num outro trabalho que incide sobre o povoamento rural, faz-se o levantamento de todos os sítios arqueológicos do distrito de Faro, efetuado por Teresa Marques (1995), englobados no projeto “*Carta Arqueológica de Portugal*”.

Atualmente, é inevitável mencionar João Pedro Bernardes quando nos debruçamos nas investigações arqueológicas realizadas na região do Algarve. Nos últimos anos, este autor tem também vindo a elaborar alguns dos trabalhos mais recentes acerca de *Ossonoba*, contribuindo dessa forma para a atualização do conhecimento sobre a mesma (Bernardes, 2006; Bernardes, 2011; Bernardes, 2014). Em “*A cidade de Ossónoba e o seu Território*” (Bernardes, 2011), apresenta a história de *Ossonoba*, desde a ocupação romana até aos inícios da Idade Média. Explana ainda as particularidades urbanísticas da cidade, bem como todo o território que era administrado por esta cidade. O autor aborda ainda outros aspetos concretos, como as suas necrópoles (Bernardes, 2005; Bernardes, 2014), o seu porto (Bernardes, 2017), o templo

romano do *forum* (Bernardes e Encarnação 2018) e, mais recentemente, da arquitetura doméstica (Bernardes *et al.*, 2020). Faz ainda o enquadramento da cidade no território algarvio (Bernardes, 2004) e na província da Lusitânia (Bernardes, 2017).

Outro nome incontornável quando se fala de arqueologia romana no Algarve é o de Catarina Viegas. Esta investigadora tem contribuído consideravelmente para o conhecimento não só de *Ossonoba*, mas de toda a região. Na sua dissertação de doutoramento “*A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*” (Viegas, 2011) apresenta, de forma exaustiva, os vestígios de ocupação romana dos centros urbanos de *Ossonoba*, *Balsa* e *Baesuri* e, através dos conjuntos cerâmicos daqui provenientes e estudados, integra e enquadra estes locais na economia antiga. Relativamente a *Ossonoba*, a autora estuda as coleções cerâmicas (cerâmico campaniense, *terra sigillata* e ânforas) recolhidas nas intervenções arqueológicas do Museu de Faro e nas escavações do mosaico do Oceano, integrando-as na estratigrafia de proveniência. O interesse desta investigadora por estas coleções tinha sido já manifestado noutros estudos (Viegas, 2008a; Viegas, 2008b), alguns destes em torno das cerâmicas tardias (Viegas, 2007a) ou da cerâmica cinzenta grosseira (Viegas, 2012).

A análise de materiais arqueológicos provenientes de escavações arqueológicas tem suscitado um número crescente de estudos. Poderemos, desde logo mencionar alguns trabalhos mais recentes como o de Angelina Pereira acerca de um lote de *Terra Sigillata* datado entre a 1ª metade do séc. I e o séc. IV d.C., recolhido aquando das escavações realizadas no Largo da Sé (Pereira, 2003-2004). Alguns dos estudos mais recentes têm sido apresentados em trabalhos académicos como o nosso. Neste particular, destaca-se o trabalho de Ana Martins (2019) que aborda uma volumosa coleção de *terra sigillata* proveniente da Rua Infante D. Henrique, n.º 58-60.

De igual modo, e por fim, é necessário aludir ao trabalho desenvolvido por Carlos Pereira que na sua dissertação de doutoramento - “*As necrópoles romanas do Algarve - Acerca dos Espaços da Morte no Extremo Sul da Lusitânia*” (Pereira, 2014) faz um apanhado geral de todos os contextos funerários no Algarve conhecidos até à data. No que toca aos espaços fúnebres de *Ossonoba*, o autor não entra em descrições das intervenções, devido ao facto de estas já se encontrarem feitas por outros autores. Porém, localiza-as e atualiza os dados existentes sobre as mesmas (Pereira, 2014: 277). Destaque ainda para os estudos cerâmicos “*Lucernas romanas de Ossonoba (Faro, Portugal). Um contexto ambíguo*” (Pereira, 2012) e “*As lucernas romanas no ocidente*” (Pereira, 2018).

2.5. *Ossonoba* Romana

Apesar do fulgor dos trabalhos de arqueologia preventiva e de emergência que nas últimas décadas se têm realizado um pouco por toda a área urbana da cidade (Viegas, 2011: 81-98) são ainda muitas as indefinições relativas ao seu traçado urbanístico e arquitectónico. Ainda assim, paulatinamente, cruzando toda a informação que vai brotando do subsolo desta urbe, é possível avançar com uma proposta de reconstituição parcial da topografia de *Ossonoba* (e.g. Viegas, 2011: 98, fig. 26; Bernardes, 2014: 357, lám. 2; Mantas, 2016: 41, fig. 8). A área monumental da cidade, onde se encontraria implantado o fórum (atual Largo da Sé) como centro político administrativo da capital de *civitas*, estaria cercada à colina que se encontra definida pela linha amuralhada medieval. A expansão da cidade para além dos limites do seu núcleo genético terá tido início logo na primeira metade do séc. I d.C., muito embora a consolidação e definição do seu tecido urbano tenha ocorrido apenas na segunda metade desta centúria ou já no início do séc. II (Bernardes, 2011: 13-14). Será nesta fase que a cidade ocupa a zona poente, junto à frente ribeirinha, onde irá proliferar uma intensa actividade artesanal e industrial essencialmente dedicada à exploração e transformação de recursos piscícolas (Bernardes, 2011: 19-20; Bernardes, 2014: 357). É neste contexto que se enquadram os vestígios postos a descoberto em 2017, na rua Francisco Barreto e de onde provém a coleção estudada.

De forma a perceber o enquadramento da oficina de salga da R. Francisco Barreto em *Ossonoba*, apresenta-se, de seguida, uma breve resenha acerca dos principais espaços conhecidos da cidade romana (**Figura 1**). É de salientar que não se faz referência à área residencial apresentada por João Pedro Bernardes (2014). Apesar de se conhecerem vestígios arqueológicos do que poderão ser alguns espaços domésticos, ainda não foi possível estabelecer conclusões definitivas e concretas sobre esta temática.

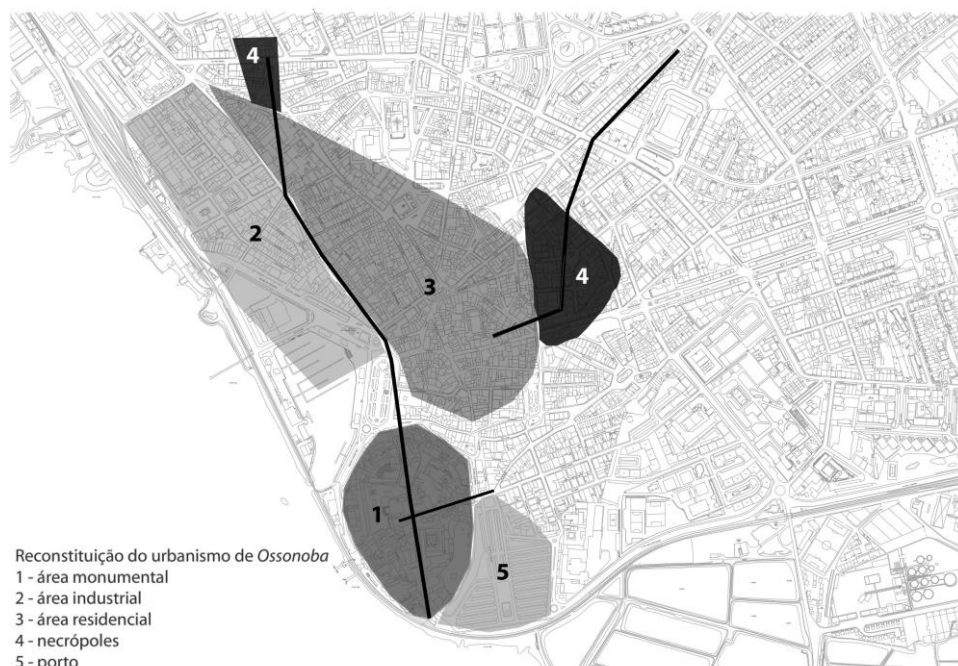


Figura 1- Divisão dos principais espaços da cidade romana de Ossonoba (Extraído de Bernardes, 2014)

Fórum Romano

Em 1870, aquando do processo da renovação dos pavimentos do Largo da Sé, foram encontrados diversos vestígios arqueológicos. Anos mais tarde, em 1883, as obras efetuadas nas fundações do atual edifício da Câmara Municipal puseram a descoberto estruturas, algumas das quais foram destruídas ou propositadamente ocultadas durante este processo (Rosa, 1984: 150).

As primeiras escavações de carácter puramente arqueológico ou cientificamente conduzidas no Largo da Sé datam de 1933 e foram realizadas por Abel Viana. As estruturas que coloca a descoberto e, posteriormente, o aparecimento de uma epígrafe que alude para a existência da *Civitas Ossonobensis* referido pelo então Presidente da Câmara Municipal, Mário Lyster Franco, muito contribuem para o processo de atribuição da verdadeira localização de *Ossonoba*. Na verdade, os vestígios encontrados por aqueles investigadores foram interpretados como fazendo parte do *podium* de um grande templo localizado no fórum romano, edifícios apenas compagináveis com uma verdadeira capital de *civitas* – como *Ossonoba* (Bernardes e Encarnação, 2018: 29).

No ano de 1969, prosseguem as intervenções no Largo da Sé, desta vez chefiadas por Gonçalo Lyster Franco, filho de Mário Lyster Franco. Todavia, destas novas escavações não resultaram dados relevantes. Estas não seguiram um registo cuidado, nem foram objeto de uma

coordenação apropriada ao nível da execução dos trabalhos, visto que Gonçalo Franco raramente se encontrava no local (Bernardes e Encarnação, 2018: 34).

As últimas intervenções arqueológicas efetuadas no Largo da Sé são recentes e datam já do século XXI e são geralmente executadas em contexto de obra, no âmbito de trabalhos preventivos. Destaca-se, por exemplo, o achado de uma tubagem romana em chumbo encontrada durante a execução de um destes trabalhos realizados em 2009 (Bernardes e Encarnação, 2018: 34) e que traduz, só por si, a opção por soluções de alguma complexidade ao nível da construção. Apesar disso, nenhum destes trabalhos veio contribuir para um acréscimo de conhecimento relativamente ao que já tinha sido dado a conhecer, sobre o templo e fórum, pelas intervenções de Abel Viana e Mário Lyster Franco.

Só muito recentemente, João Pedro Bernardes e José D'Encarnação (2018) apresentam uma revisão sobre as estruturas identificadas neste local. Neste estudo, defendem que se trata de um templo dedicado ao culto do imperador. A fachada do templo, com uma orientação aproximadamente E-O, bem como a sua escadaria, ficariam voltados para a ria e para o porto de *Ossonoba* possibilitando deste modo, a quem chegasse à cidade por via marítima, um fácil acesso ao fórum, o que constituía uma prática comum nas cidades portuárias (Bernardes e Encarnação, 2018:35). Através da distância entre o tramo final do *podium* e da escadaria, foi possível deduzir que se tratava de um templo com uma dimensão considerável, tendo paralelos com os templos de Évora e de *Pax Iulia* (Beja). Seria ainda envolvido por tanques de água, existindo diversos paralelos no território Ocidental Hispânico, nomeadamente *Emerita Augusta*. Apesar disso ainda não existem dados concretos relativamente à utilização ou conotação que a água pudesse ter em relação com as práticas efectuadas no próprio templo (Bernardes e Encarnação, 2018: 36).

Espaços Funerários

Atualmente sabe-se, através das escassas evidências arqueológicas conhecidas (Sousa, 2017), que durante a vigência da época republicana a cidade era limitada ao interior das muralhas, espaço esse hoje conhecido como Vila-Adentro. Porém, é plausível assumir que com o início da época imperial os seus limites são naturalmente expandidos, tendo a mesma alcançado o seu auge no século I d.C. (Bernardes, *et al* 2014: 128-129).

Atualmente estão identificados três espaços funerários romanos inseridos na atual malha urbana de Faro: a necrópole Norte de *Ossonoba*, a Horta dos Fumeiros e a Horta do Ferregial/Campo da Trindade.

A primeira, é das três, a maior e mais bem conhecida, resultado dos inúmeros trabalhos de escavação, nela efetuados. Situa-se na zona que abrange o Bairro Lethes, o Largo das Mouras Velhas, a Rua das Alcaçarias, a Rua D. João de Castro, o Largo 25 de Abril e a Rua de Portugal (Pereira, 2014: 277-295). Tratava-se da principal necrópole pública de *Ossonoba* e acompanharia uma das principais vias de saída e ou de entrada da cidade, como era norma romana, na direção Norte/Este (Bernardes, 2005: 26-28). Este espaço estaria ainda separado da cidade pela Ribeira de Lethes (Bernardes, *et al*, 2014:129). As primeiras informações de caráter arqueológico relativas a este espaço chegaram-nos através das investigações de Estácio da Veiga. Este, no decorrer das suas “explorações”, identificou cerca de 38 sepulturas, porém não se sabe ao certo quantas terão sido efetivamente exploradas (Pereira, 2014: 277-295). No decorrer do século XX e século XXI, verificaram-se diversas intervenções arqueológicas que tem vindo apoiar a perceção da dimensão deste espaço funerário, nomeadamente à mão de Abel Viana (1951) ou Teresa Gamito (1992). Segundo João Pedro Bernardes, totalizando todas estas intervenções, contabilizam-se mais de 150 sepulturas, (Bernardes, *et al*, 2014: 130).

O segundo espaço funerário conhecido como o da Horta dos Fumeiros, ocuparia uma zona que abrangeria o espaço entre o largo de S. Sebastião até ao pavilhão da Escola Afonso III. Esta necrópole seguia a margem da via que saíria da cidade por Ocidente (Bernardes, 2005: 26-28). José Pinheiro e Rosa (1984: 151-152) afirma que se tratava de uma necrópole de datação mais tardia que as outras conhecidas. Porém, Carlos Pereira (2014: 307) chama a atenção para o facto da não existência de dados que permitam atribuir com rigor uma cronologia para este espaço funerário.

Por fim, refira-se o espaço funerário da Horta do Ferregial/Campo da Trindade, que é de todos aquele que provavelmente apresenta menos dados conhecidos. Pela sua localização, características e dimensões tem-se colocado a possibilidade de poder tratar-se de uma necrópole privada pertencente a uma das *villae* existentes na periferia de *Ossonoba*. Porém, de momento, não se pode nem se deve excluir a hipótese de se tratar de uma necrópole pública (Bernardes, *et al*, 2014: 129). O espólio exumado numa sepultura aponta para uma cronologia dentro da segunda metade do século III ou inícios do século IV d.C. (Bernardes, 2005: 26-28). Todavia, apenas com mais trabalhos de escavação será eventualmente possível, no futuro obter uma mais correta interpretação deste espaço.

Zona do Porto

Devido à sua localização geográfica privilegiada, situada numa zona de charneira entre o mar Mediterrâneo e o oceano Atlântico *Ossonoba* seria uma cidade portuária com uma elevada importância. A cultura material que tem sido recuperada nas diversas intervenções permite-nos perceber que terá desenvolvido importantes ligações comerciais, não só com as geografias do Norte de África, mas também com outros portos mais distantes do Mediterrâneo (Bernardes, 2017).

No limite do território da *civitas* de *Ossonoba*, e inseridos no sistema lagunar da ria Formosa, existiam dois aglomerados populacionais secundários, dependentes e intimamente relacionados com a cidade capital: O Cerro da Vila (Vilamoura) e a Quinta de Marim (Olhão). Juntamente com *Ossonoba*, estes dois aglomerados formavam uma tríade portuária que funcionaria de forma interdependente, tendo por esse facto de ser vistos em conjunto tendo em conta as atividades portuárias que desenvolveriam (Bernardes, 2017: 382).

Apesar desta evidência, ainda hoje, pouco se sabe acerca do sistema portuário de *Ossonoba*. Em primeira razão, porque as investigações arqueológicas que têm sido levadas a cabo em Faro ainda não permitiram identificar a presença de estruturas portuárias. Em segundo lugar, porque a linha costeira de *Ossonoba* seria diferente da atual devido à dinâmica própria dos sistemas lagunares em que se insere (Bernardes, 2017: 382) e que, como é frequente, apresentam diversas alterações geomorfológicas ao longo dos séculos. Este assunto é reforçado por João Pedro Bernardes que refere: “*Não há registo de qualquer estrutura portuária da época romana nem sequer o local ou locais exatos onde aportariam os navios, ainda que se conheçam os possíveis ancoradouros a partir dos materiais do fundo da ria. (...) É provável que o primeiro daqueles lugares e onde está hoje o parque de estacionamento de São Francisco, correspondesse ao principal ancoradouro de barcos que chegavam a Ossonoba.*” (Bernardes, 2017: 382).

Área Industrial

É provável que tivesse existido em *Ossonoba*, um espaço reservado às atividades de cariz industrial, porém é difícil apontar com exatidão a localização dessa área ou zona, sendo que muito provavelmente esta estaria relacionado com as atividades portuárias, piscatórias e produção de seus derivados. Seguindo a proposta de João Pedro Bernardes (2014: 357), a área

industrial enquadrar-se-ia no espaço delimitado pelas atuais ruas de Conselheiro Bivar, Infante D. Henriques e a Ria Formosa. Nesta área, apesar de escassos, têm sido encontrados, geralmente em trabalhos de natureza preventiva, algumas estruturas que se enquadram com as atividades referidas. Contudo, a ausência de publicações e mesmo dos relatórios destas intervenções (normalmente realizadas em contexto de obra) não permitem tecer grandes considerações sobre esta temática.

Deve ainda ter-se em conta que as alterações da linha de costa verificadas ao longo dos anos, bem como a morfologia da Ria Formosa, a zona ribeirinha de *Ossonoba* se pudesse estender ao espaço que é atualmente ocupado pela Avenida da República. José Pinheiro e Rosa aponta para esta hipótese referindo que a dita rua “*outrora*” seria chamada de “*a Ribeira*” (Rosa, 1984;153). Neste local, terá mesmo sido descoberto uma coluna de mármore, com paralelos depositados no Museu de Faro, bem como três tanques de salga que apenas foram fotografados sem, no entanto, aqui terem sido executadas escavações arqueológicas (*Idem*).

No espaço atualmente ocupado pela rua da Travessa da Alfândega, o mesmo autor refere que foram encontradas seis ânforas colocadas verticalmente ao lado umas das outras. Estas continham ainda no seu interior restos de sal, escamas de peixe e *garum*. Na mesma rua terá sido recolhida uma moeda de Nero e exumadas grandes quantidades de cerâmica e outros numismas pelos trabalhadores que executavam estas obras e que, muitas vezes, vendiam a colecionadores no mercado negro (Rosa, 1984; 152).

Em 1976, aquando da renovação urbana de um prédio situado entre a rua Infante D. Henriques e a rua Ventura Coelho surge, surpreendentemente, aquele que ainda hoje é considerado o *ex-libris* da arqueologia de Faro – o então conhecido Mosaico do Oceano. Estes trabalhos arqueológicos na zona do mosaico e em seu redor, foram efetuados pelas conservadoras do Museu Nacional de Arqueologia, Maria Maia e Maria Luísa Estácio da Veiga (Viegas, 2019: 79). O painel musivo apresenta um medalhão circular onde está inserido em destaque o deus Oceano e uma pequena inscrição (voltada para a entrada desta sala) de três linhas, da qual ficamos a saber os nomes dos quatro indivíduos que patrocinaram este admirável conjunto. Atualmente é consensual integrar esta sala num edifício público que muito provavelmente estaria ligado à exploração de preparados piscícolas ou a uma associação profissional ligada ao comércio (Viegas, 2019: 79-85).

Tratando-se de uma escavação de emergência, não haveria naquele momento, condições para a realização de obras de preservação do mosaico. Atendendo a estes condicionalismos,

este, foi levantado por uma equipa do Museu Monográfico de Conímbriga, liderada por Adília Alarcão. Em Conímbriga, o mosaico, terá posteriormente sido objeto da realização de trabalhos de conservação (Rosa, 1984: 152; Viegas, 2019: 80). Só após alguns anos mais tarde, Catarina Viegas (2008a, 2011, 2019) elabora o estudo minucioso do espólio proveniente daquela escavação, tentando recuperar e cruzar essa informação com a sua estratigrafia de proveniência.

José Pinheiro e Rosa refere, por fim, que, nos edifícios próximos, terão sido alegadamente e propositadamente destruídos outros painéis musivos para “*evitar maçadas.*” (Rosa, 1984: 152).

3. O sítio Arqueológico da Rua Francisco Barreto nº 32, Faro

Em 2017, no âmbito da construção de um complexo hoteleiro, a empresa Engobe – Arqueologia e Património Ld.^a, levou a cabo intervenções arqueológicas na rua Francisco Barreto n.º 32 (**Fig. 2 - A**), lideradas pelos arqueólogos Fernando Santos e Paulo Botelho. Dessas intervenções resultou a identificação de uma unidade de preparados piscícolas, integrada na zona industrial de *Ossonoba*, da qual se conhecem poucas referências, com uma baliza cronológica que abrange o séc. II d.C. até ao século VI d.C., altura em que o complexo parece ter sido abandonado (Fernández *et al.*, no prelo). O relatório final da intervenção ainda não foi concluído. As informações relativas à planta e estratigrafia do sítio foram-nos cedidas pelos arqueólogos responsáveis pela intervenção. Esses dados foram complementados por outros estudos que detalham matérias várias e que começam, pouco a pouco, a surgir – (Silva *et al.*, no prelo; Fernández Fernández *et al.*, no prelo; Rasteiro, Silva e Botelho, 2020; Bernardes *et al.*, 2020).



Figura. 2: **A** - Localização da R. Francisco Barreto, n.º 32 na malha urbana da atual cidade de Faro; **B** - Área monumental de *Ossonoba*, onde se encontraria implantado o fórum (base do Google Earth).



Figura 3 – Planta geral do sítio – localização das cetárias e compartimentos que compõem a fábrica de salga da R. Francisco Barreto, n.º 32. (Figura adaptada a partir de Silva *et al.*, no prelo).

A escavação, que contemplou cerca de 400m² de área, permitiu identificar duas etapas de ocupação diferenciadas. A fase de ocupação mais recente corresponde a uma nova unidade de preparados de peixe composta por, pelo menos, oito tanques de salga que se organizam em torno de um pátio central (**Fig. 3 a 5**). Deste conjunto fabril, só parcialmente escavado, fazem ainda parte outros pequenos compartimentos (alguns com pavimentos em *opus signinum*) articulados entre si e uma área de combustão onde funcionou uma forja destinada ao trabalho do vidro. A análise preliminar do conjunto de baixela fina importada exumado nos níveis de colmatção das cetárias e de amortização da oficina permitem estimar o final da produção e conseqüente abandono do sítio nos finais do séc. VI (Fernández *et al.*, no prelo).



Figura 4 - Vista geral da área de intervenção – oficina de salga da R. Francisco Barreto, n.º 32 (Foto cedida por Engobe, Lda.)



Figura 5 - Pormenor da área de intervenção – cetárias da oficina de salga da R. Francisco Barreto, n.º 32 (Foto cedida por Engobe, Lda.)

A topografia, arquitetura e funcionalidade da primeira fase de ocupação do local continua a ser de difícil interpretação. Os poucos vestígios identificados e associados a esta fase primitiva foram anulados e parcialmente cortados, truncados ou mesmo destruídos por aquela instalação mais recente. Ainda assim, foi possível identificar alguns níveis pré-oficina que se configuram como absolutamente fundamentais para tentar estimar o início de laboração ou construção da unidade de preparados piscícolas. É este o caso de uma fossa de formato elipsoidal (**Fig. 6**) de onde provém os materiais que permitem estimar que o início de laboração da oficina de salga possa ter ocorrido cerca do séc. II d.C. Os muros das cetárias assentam e cortam parcialmente esta estrutura negativa e os seus níveis de colmatação. Entre o espólio exumado neste contexto destaca-se um número considerável de ânforas de produção Bética, denotando também por aqui que esta região se encontra fortemente centrado em Cádiz, em torno do *Círculo do Estreito*. Entre estas que, apesar de descartadas, permitiram uma reconstituição significativa dos seus perfis, destaca-se a presença de ânforas oleícolas Dr. 20; piscícolas Béltran IIB e vinárias Dr. 2-4 e Gauloise 4. Para além destes foi possível recolher outro tipo de espólio onde se destaca a presença de cerâmica fina (*terra sigillata*) proveniente do Sul da gália e Hispânia que apontaria para uma datação flaviana. No entanto, é a presença de uma importação tunisina (Hayes 23B) que fornece a datação mais contundente e permite fixar, por agora, a 2ª metade do séc. II d.C. como o início da laboração da oficina que se vem fixar sobre os níveis de colmatação desta fossa (Silva *et al.*, no prelo).

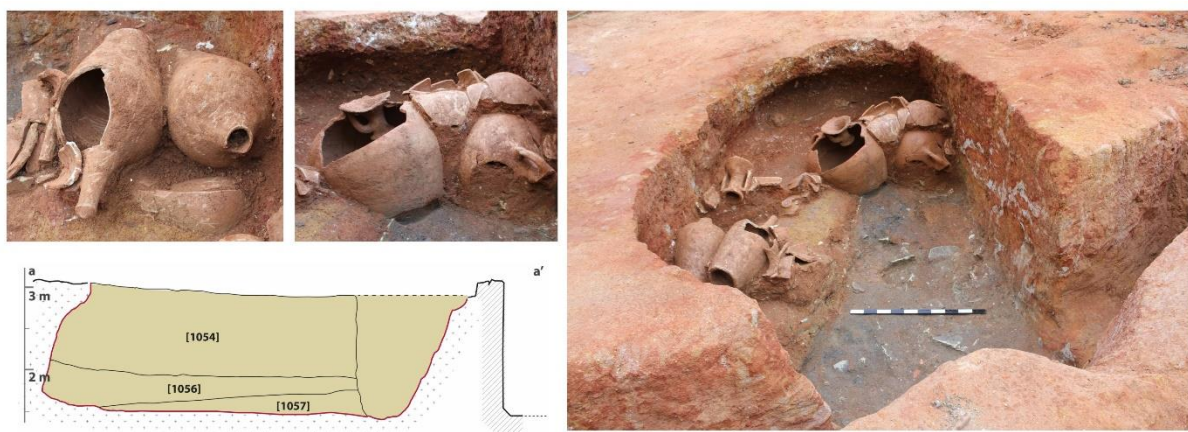


Figura 6 - Perfil, vista geral e de pormenor do contexto (fossa) alto imperial pré-oficina de salga. (Fotos cedidas por Engobe, Lda)

Com efeito, a primeira fase de ocupação deste sítio terá sido terraplanada para a construção da nova unidade de preparados piscícolas que terá perdurado até ao séc. VI. Para

além da presença das oito cetárias referidas e de uma pequena estrutura de combustão localizada num pátio central é ainda difícil interpretar os restantes compartimentos identificados. Para alguns autores estes poderão corresponder a uma realidade que se tem verificado nalgumas áreas mais ou menos periféricas e ribeirinhas de algumas cidades e que corresponde a uma tipologia doméstica que associa atividades artesanais e áreas residenciais (Bernardes *et al.*, 2020). Se assim fosse, parte destes compartimentos residenciais poderiam ocorrer no piso superior. Possibilidade que ganha força dada a quantidade e diversidade de espólios associados e onde ocorre um conjunto variado de peças em *terra sigillata*, paredes finas, vidros etc...

Entre a baixela fina já analisada, destaca-se aquela que é proveniente dos níveis de abandono desta oficina e nos pode auxiliar a enquadrar cronologicamente a coleção em estudo. Nestes contextos foi possível recuperar importantes quantidades de importações africanas que surgem a par com outras produções como as sigillatas focences (Late Roman C), a denominada “sigillata luzente” ou as conhecidas “Dérivée de Sigillé Paléochrétienne” (DSP) que permitem centrar nos inícios do séc. VI o abandono desta unidade fabril (Fernández Fernández *et al.*, no prelo).

A coleção de cerâmica utilitária estudada é proveniente destes níveis de abandono, sobretudo da colmatação dos tanques de salga. Podendo eventualmente corresponder nalguns casos a material residual mais antigo, tudo indica que a generalidade da coleção se enquadre no momento precedente ao abandono do sítio.

A relação das unidades estratigráficas com a cetária, compartimento ou área de proveniência é apresentada na tabela abaixo (**Tabela 1**). A descrição pormenorizada de cada estrato poderá ser consultada no **anexo II**.

	Cetária/Compartimento/Área	UE'S
Níveis de Abandono/Colmatação	Cetária 1	940; 942; 944; 945
	Cetária 2	959
	Cetária 3	947; 953
	Cetária 4	894; 909; 910
	Cetária 5	107; 108; 112; 114
	Cetária 6	1140; 1141
	Compartimento II	712; 715; 718; 721
	Compartimento III	714; 828
	Compartimento V	720; 724; 860
	Compartimento VI	709
	Compartimento IX	722; 731
Níveis de Pós-Abandono	Sector A	702
	Sector C	704
	Sector D	705; 707; 708
	Sector I	877

Tabela 1 – Unidades estratigráficas englobadas neste estudo.

4. Metodologia

O conjunto de materiais cerâmicos integrados no presente estudo foi-nos confiado após seleção realizada pelos responsáveis da intervenção arqueológica na rua Francisco Barreto, n.º 32. Como referido anteriormente, procurou-se agrupar todos os fragmentos de cerâmica utilitária, proveniente dos contextos de colmatção/abandono de 6 Cetárias e de diversos compartimentos identificados naquela oficina de salga.

Importa salientar a impossibilidade de se apresentar uma contagem do n.º total de fragmentos exumados em cada um daqueles estratos, uma vez que a referida coleção foi entregue ao signatário, já triada. Com efeito, apenas tivemos acesso aos materiais que apresentavam forma (bordo, asas e fundos) ou sem forma, mas com decoração. Embora esta situação nos possa ter privado de uma ou outra abordagem diferenciada, importa referir que o bom estado de conservação de algumas peças nos deu garantias de obtenção de uma contabilização fiável. Assim sendo, como método de quantificação efetuou-se a contagem do Número Mínimo de Indivíduos (NMI), seguindo os critérios propostos no *Protocole de Beauvray por Arcelin e Tuffreau-Libre (1998)*.

Antes de se proceder à análise tecnológica, todos os fragmentos foram marcados e inseridos num inventário geral criado para o efeito. A marcação teve por base o acrónimo (RF32/17), a unidade estratigráfica de proveniência, seguido de um número sequencial.

Nesta fase inicial do estudo desenvolveu-se um inventário que procurou sistematizar o grande volume de informação recolhido com a análise do espólio. Esta tabela de inventário geral contemplou diversos campos (**Anexo III**): o n.º de ordem de inventário; a proveniência do fragmento com indicação da Cetária ou compartimento de origem e respetiva unidade estratigráfica; o fabrico; a forma; o n.º de fragmentos; uma breve descrição da peça e um campo reservado às observações onde se complementa com outro tipo de informação como por ex. a indicação da estampa (no caso de ter sido desenhada).

Tendo em conta que todas as peças englobadas neste estudo pertencem à época romana, não faria sentido, seguir um critério cronológico para a caracterização das mesmas, mas sim um critério tecnológico, seguindo a mesma linha de pensamento de Jorge de Alarcão (1974: 21). Com efeito, os grupos tecnológicos foram definidos prioritariamente pela natureza da pasta, sendo posteriormente subdivididos tendo em conta outros critérios complementares como a textura e dureza, a cozedura, os processos de acabamento, os elementos decorativos, tipo de

cozedura ou a cor, conforme se encontra preconizado por aquele autor (Alarcão, 1974: 24-28) e outros (Stienstra, 1986).

Desta forma, a um grupo genérico que partilhe uma natureza petrográfica semelhante poderão corresponder vários fabricos de acordo com a análise desses outros critérios complementares. A cada fabrico corresponde um repertório de tipos e formas. Ao nível da denominação dos recipientes, tendo em conta o espectro cronológico e os problemas acrescidos pela diversidade do vocabulário português, decidiu-se seguir a nomenclatura preconizada por Jorge de Alarcão (1974). No entanto, dada a complexidade morfológica e/ou o elevado índice de fratura de algumas peças não foi possível fazer a correspondência, de modo concludente, a uma forma determinada. É o caso, por exemplo, da distinção entre jarro e bilha ou alguidar e bacia, entre outros. Ainda assim, dadas as características de determinado fabrico e sempre que possível, agrupou-se a panóplia formal em conjuntos funcionais. Desta forma é necessário lembrar que a plurifuncionalidade é uma característica por excelência da cerâmica utilitária, que seria utilizada nas mais variadas ações em contextos domésticos. Contemplaram-se quatro grupos: cerâmica de mesa, cerâmica de cozinha, cerâmica de armazenamento e cerâmicas de uso complementar.

Ao longo do estudo realizaram-se várias leituras que auxiliaram a caracterização tecnológica, a busca por paralelos morfológicos e a obtenção de cronologias gerais e das quais devemos destacar algumas. No caso dos serviços importados provenientes da Bética salientam-se os estudos realizados por Maria Peinado Espinosa (2017) e Inês Vaz Pinto (2006). Para a cerâmica de cozinha africana recorreu-se às tipologias pré-definidas e usualmente utilizadas neste tipo de trabalhos – nomeadamente as tipologias propostas por J. Hayes (1972), Tortorella (1981) e ao complemento apresentado por M. Bonifay (2004). Para a restante cerâmica de produção local recorreu-se a obras de âmbito regional em que se poderão destacar os estudos de Catarina Viegas (2012) e Jeannette Nolen (1994). Neste caso concreto, reconhecemos a dificuldade sentida em encontrar trabalhos de natureza científica que se debrucem sobre as produções cerâmicas locais.

Por fim, refira-se que o registo gráfico das peças mais significativas deverá ser consultado em formato de estampa no anexo I. Procurou-se desenhar um número alargado de exemplares e que fosse representativo do repertório formal identificado em cada fabrico. Este investimento, num copioso conjunto desenhado, pretendia também evidenciar alguns pormenores distintivos de determinadas peças como a decoração. Nalguns casos juntou-se ao

desenho a fotografia da peça devidamente orientada e salvaguardando a proporcionalidade da escala.

5. A coleção cerâmica: fabricos e análise morfo-tipológica

Nos níveis de abandono da fábrica de salga da R. Francisco Barreto foram exumados 795 fragmentos de cerâmica utilitária com forma e/ou decorados (**anexo III**). Estes perfazem 568 NMI (contando igualmente com peças cuja forma é indeterminada) que se fazem corresponder por diversos grupos de fabrico (**Tabela 2**). De um ponto de vista mais genérico, dividiu-se o conjunto em três grandes grupos de acordo com a sua proveniência – a cerâmica importada (193 NMI), a cerâmica de produção local/regional (348 NMI) e as cerâmicas de proveniência indeterminada (27 NMI). No primeiro grupo distinguem-se os serviços provenientes da Bética (143 NMI) e o conjunto de cerâmica de cozinha africana (50 NMI). Entre a cerâmica de produção local e/ou regional distinguem-se outros 3 grupos: a cerâmica de matriz cinzenta (48 NMI); cerâmica de matriz avermelhada (294 NMI) e a cerâmica de imitação de produção local (6 NMI). Entre a cerâmica de proveniência indeterminada distinguem-se outros dois fabricos: a cerâmica de matriz acastanhada (23 NMI) e a cerâmica modelada à mão (4 NMI).

Em alguns destes grupos gerais foi possível determinar a presença de outros sub-grupos de fabrico tendo em conta a análise de outros critérios complementares, como a natureza da pasta (elementos não plásticos), os processos de acabamento ou os elementos decorativos. Para além da descrição exaustiva dos grupos tecnológicos ou fabricos contemplados, elenca-se o repertório formal correspondente.

Grupos de Proveniência	Fabricos	NMI	Percentagem de NMI
Cerâmica Importada	Cerâmica da Bética	143	25.18%
	Cerâmica Cozinha Africana	50	8.80%
Cerâmica de Produção Local	Matriz Cinzenta	48	8.45%
	Matriz Avermelhada	294	51.76%
	Cerâmica de Imitação local/regional	6	1.06%
Cerâmica de proveniência indeterminada	Cerâmica Acastanhada	23	4.05%
	Cerâmica Modelada à Mão	4	0.70%
Total	7	568	100%

Tabela 2 – Percentagens de NMI na sua totalidade.

5.1. Cerâmicas Importadas

5.1.1. Cerâmica da Bética

No território português, Jorge de Alarcão é o pioneiro dos estudos que se debruçam em coleções de cerâmica doméstica comum, e entre elas também as de pasta clara. As primeiras cerâmicas béticas estudadas, provenientes de Conimbriga, formam uma coleção composta por 33 peças (Alarcão, 1976: 71-74) das quais se destacam almofarizes, jarros, tampas, bilhas e potes com cronologias atribuídas à época de Cláudio e dos Flávios, e por vezes de Trajano (Alarcão, 1976: 84-85). Muito embora Jorge de Alarcão não tenha atribuído a produção destas cerâmicas a uma região específica, considerou-as, no entanto, uma produção Ibérica. Ainda assim, através da descrição pertinente das pastas e de algumas formas, é mesmo possível identificá-las e fazer a correspondência com algumas produções béticas (Pinto e Morais, 2007: 235).

Posteriormente, no estudo das cerâmicas provenientes de Torre de Aires (*Balsa*), Jeannette Nolen analisa um conjunto significativo de cerâmicas béticas, atribuindo a sua possível proveniência à costa Oeste da Bética ou à área geral de Cádiz (Nolen, 1994: 123). Este tipo de cerâmica comum, além de surgir conjuntamente com ânforas piscícolas provenientes da mesma região (Bética), nomeadamente as ânforas Beltrán II e Dressel 7-11, representa cerca de 25.9% da cerâmica encontrada em *Balsa* (Viegas, 2007: 83).

Incontornável e de grande importância para o desenvolvimento do estudo de cerâmicas comuns béticas é o trabalho realizado por Inês Vaz Pinto (2006) na *villa* romana de São Cucufate (Vidigueira). Neste local, as produções béticas foram integradas em três grupos: o grupo 9, o grupo 10 e o grupo 12. Os dois primeiros grupos distinguem-se pela sua pasta esbranquiçada, enquanto, que o último grupo se diferencia por exibir no seu interior/cerne, uma coloração rosada (Pinto, 2006: 168). No total, o acervo será composto por cerca de 143 peças, sendo que 123 pertencem aos dois primeiros grupos e os restantes 16 exemplares ao grupo 12 (*Idem*: 170). As formas predominantes são os almofarizes, bilhas e tampas, sendo que este fabrico cerâmico corresponde apenas a cerca de 1.1% do total da cerâmica comum registada para São Cucufate. No entanto, a mesma produção corresponde a cerca de 55% da cerâmica importada vinda de fora da Lusitânia. (*Ibid.*: 178).

Ainda a propósito do estudo das produções de cerâmica comum Bética e em território português, destacam-se dois trabalhos centrados no estudo dos almofarizes que normalmente se encontram em grandes quantidades e num leque diversificado de locais.

O primeiro trabalho, desenvolvido por Rui Morais (2004), foca-se nos almofarizes béticos encontrados em *Bracara Augusta*. São no total cerca de 75 peças, que segundo este autor e pelas suas tipologias e fabricos, são provenientes de Cádiz, excetuando uma peça possivelmente originária do vale do Guadalquivir (Morais, 2004: 567). Para este autor, os contextos de recolha evidenciam que estes almofarizes não deverão ser considerados produções complementares às ânforas. Deverão ter tido alguma autonomia no seio do processo de comercialização destas produções, devendo ser considerados elementos essenciais (Morais, 2004: 570).

O segundo trabalho, foi desenvolvido por Ana Margarida Arruda e Catarina Viegas, e trata os almofarizes descobertos na Alcáçova de Santarém. Apesar de *Scallabis* apresentar uma longa diacronia de ocupação que remonta, pelo menos, à Idade do Ferro, a grande maioria dos materiais contemplados são provenientes de contextos datados de final da época republicana (Arruda e Viegas, 2004:342). Apesar da presença maioritária de produções locais regista-se a presença de cerâmica utilitária importada não apenas da Bética, mas também das regiões italianas da Etrúria, Lácio e Campânia e mais rara, da região norte africana (*idem*). Apesar disso, as autoras focam-se no estudo dos Almofarizes Béticos e das suas tipologias, tentando associar-lhes uma cronologia em conformidade com a estratigrafia de proveniência. Cerca de 86% dos almofarizes importados de Santarém são provenientes da Bética (*idem*: 343). As autoras dividiram a coleção em dois sub-grupos de fabrico distinto. O primeiro, contempla uma pasta calcária com uma textura arenosa, cuja cor varia entre o bege/esbranquiçado e os tons de rosa (*idem*), muito semelhantes aos grupos 9 e 10 de São Cucufate acima referenciados. O segundo fabrico, corresponde às produções do Guadalquivir, por apresentar as mesmas pastas que constituem as ânforas dessa região (Arruda e Viegas, 2004: 343).

Seguindo a linha de pensamento proposta por Rui Morais, também estas autoras chegam à conclusão de que os almofarizes são uma parte essencial do comércio que aportava da Bética também em Santarém (Arruda e Viegas, 2004: 348).

No território espanhol, o estudo da Cerâmica Comum da Bética, reveste-se de uma importância complexa sobretudo devido à extensa lista de centros produtores e de tipologias conhecidas.

Os primeiros trabalhos efetuados em centros de produção de cerâmica comum romana na Andaluzia remontam à segunda metade do século XX, com as escavações realizadas em Cartuja e em Rinconcillo, orientadas por Manuel Sotomayor Muro (1966a; 1966b,1966c; 1969-

1970). Por sua vez, Miguel Beltrán (1970) apresenta a síntese destas primeiras investigações sobre ânforas béticas e respetivos centros de produção no seu livro “*Las ánforas romanas en Espana*”, fazendo referência aos trabalhos de Bonsor, Confort e Sotomayor (Espinosa, 2017: 102). Posteriormente, em “*Guía de la Cerámica Romana*” (Beltrán, 1990) este autor apresenta a descrição das produções originárias dos principais centros produtores de cerâmica comum da Bética (Marchena, La Cartuja, Andújar, Torrox e Rumina), assinalando as suas características essenciais.

Encarnación Serrano Ramos (1978), em “*Cerámica comum del alfar de Cartuja (Granada)*”, inicia o estudo da cerâmica utilitária proveniente da Bética focando-se no centro produtor de Cartuja em Granada. A autora apresenta um resumo conciso das diversas tipologias existentes, além de fazer uma rápida referência aos fabricos, nomeadamente à natureza das pastas (Serrano Ramos, 1978: 257). No seu estudo “*Producciones de cerámica comunes locales de la Bética*”, foca-se na época augustana (Serrano Ramos, 1995: 227), fazendo uma breve referência a diversos centros produtores dispersos pelo território espanhol e individualizando as suas respetivas características.

O centro produtor de Cartuja, situado na província de Granada, é um dos que tem merecido maior destaque, não apenas pelo número de fornos identificados, como também pela variedade de tipologias inventariadas. Este local terá tido uma produção contínua e relevante desde a 2ª metade do século I d.C. até à 2.ª metade do século II d.C. (*idem*).

Considerado por muitos como o centro produtor mais importante da Bética é também inevitável fazer uma referência a Los Villares de Andújar, localizado na Andaluzia Oriental. Terá produzido outras categorias de cerâmica e contribuído para a obtenção de cronologias mais finas que surgem também associadas a tipologias de cerâmica comum. Estima-se que o início da sua atividade tenha ocorrido na época de Tibério (*ibidem*).

Para além destes destacam-se outros centros produtores que terão tido grande relevância em termos produtivos. Na província de Málaga assinala-se Torrox, também referido por M. Beltrán (1990: 193) e do qual se conhecem dois fornos de planta circular com um corredor central e paredes laterais. Estas estruturas, também utilizadas para a produção de ânforas, apresentam uma cronologia de atividade centrada durante o século I d.C. (Serrano Ramos, 1995:227).

Maria Fernández Garcia faz um breve resumo, sobre os centros produtores de cerâmica na província de Jaén, realçando as cerâmicas comuns especialmente encontradas em Villares

de Andújar. A autora faz ainda a distinção entre cerâmica comum de mesa e cerâmica comum de cozinha, listando as diversas tipologias e referindo a presença de almofarizes, taças, tampas, vasos e jarros (Fernández García, 2004: 262).

Mais recente, o trabalho de Maria Victoria Peinado Espinosa sobre as “*Cerámicas comunes romanas producidas en la Bética*” (Peinado Espinosa, 2017), apresenta o estado de arte relativo destas produções comuns da Bética. Para tal, refere os diversos centros produtores já referidos, apresentando as variadas tipologias identificadas e a descrição dos fabricos tendo por base uma observação macroscópica. Esta investigadora conclui que, devido à existência de uma grande diversidade de centros de produção e de variantes tipológicas, torna-se difícil chegar a conclusões definitivas e consensuais acerca destes e outros aspetos relevantes para o conhecimento destas produções. Essa foi, aliás, uma das dificuldades que sentimos. Apesar de se distinguirem três fabricos diferenciados, não é para já possível, através de uma simples observação macroscópica, fazer corresponder a centros de produção específicos.

5.1.1.1. Caracterização dos Fabricos

A análise macroscópica geral do grupo da Cerâmica Bética permite perceber que estamos perante pastas duras e calcárias, de cor clara entre o branco-amarelado e o rosáceo, o que denuncia uma atmosfera oxidante. No entanto, a análise de outros critérios complementares, nomeadamente a dispersão dos elementos não plásticos, permitiu definir 3 sub-grupos de fabrico (**Tabela 3**) dentro desta produção genérica:

A1- Pasta dura de argila calcária sendo a cor dominante o branco-amarelado (atmosfera oxidante). A pasta revela-se muito arenosa e porosa, apresentando elementos não plásticos de pequena dimensão, maioritariamente de quartzo e raros pequenos minerais de mica e alguma hematite. As superfícies apresentam-se bastante granuladas. Foram colocadas neste grupo algumas peças que conseguimos reportar à zona de Cádiz. Estas peças apresentam uma pasta que, por vezes, se apresenta mais cinzenta/esverdeada, com presença de alguns elementos não plásticos de cor preta.

A2- Pasta dura de argila calcária que denuncia a presença de um ambiente oxidante. Embora se apresente coberto por um engobe branco amarelado e semelhante à tonalidade de A1, difere ao nível da cor do núcleo que se apresenta mais rosácea. A pasta revela-se arenosa e

porosa, com presença de elementos não plásticos de quartzo de pequena e média dimensão. Este fabrico difere de A3, por se fazer representar por peças mais finas que aquele fabrico.

A3- Pasta dura de argila calcária exibindo, de igual forma, uma cor clara que denuncia a cozedura num ambiente oxidante. Apresenta semelhanças com o fabrico anterior (A2) quer ao nível da tonalidade, quer ao nível dos elementos não plásticos observados. Porém, difere ao nível da textura da pasta que se apresenta mais granulosa e grosseira, podendo estabelecer-se paralelos com os fabricos de ânforas da região do Guadalquivir (Arruda, Bargão e Viegas, 2005).

Fabricos de Cerâmica Bética	NMI	NMI%
A1	77	53,85
A2	46	32,17
A3	20	13,99
Total	143	100,00%

Tabela 3 – Relação de NMI distribuídos pelos diferentes fabricos de cerâmica Bética

5.1.1.2. Análise morfo-tipológica

A cerâmica da Bética denota uma variedade morfo-tipológica significativa que se poderá integrar em quatro categorias funcionais distintas. Prevaecem os serviços de cozinha (66,43%) sobre os serviços de mesa (21,68%) e a cerâmica de armazenamento (2,10%) ou de uso complementar (2,80%) com valores mais residuais (**Tabela 4**).

Categorias Funcionais	Formas Cerâmica Bética	NMI			% NMI	% por categoria funcional
		A1	A2	A3		
Cerâmica de Mesa	Taças	17	-	3	13,99	21,68
	Cálice	1	-	-	0,70	
	Jarros/Bilhas	5	5	-	6,99	
Cerâmica de Armazenamento	Talhas/Dolium	1	2	-	2,10	2,10
Cerâmica de Cozinha	Almofarizes	5	8	-	9,09	66,43
	Alguidares	27	7	15	34,27	
	“Bacias”	-	10	-	6,99	
	Potes	7	14	1	15,38	
	Frigideira	-	-	1	0,70	
Uso Complementar	Tampas	4	-	-	2,80	2,80
Formas Indeterminadas		10	-	-	6,99	6,99
		143			100%	

Tabela 4- Distribuição das formas identificadas no fabrico de cerâmica Bética

Apresenta-se, de seguida, a respetiva panóplia formal identificada, surgindo agrupada consoante a sua funcionalidade:

Cerâmica de Mesa:

A cerâmica de mesa corresponde ao segundo grupo com mais expressão deste fabrico. No total contabiliza-se a presença de 20 **taças**, 1 **cálice** e 10 **jarros/bilhas** (Tabela 4).

As **Taças** contemplam 5 variantes tipológicas distintas, englobando dois fabricos diferentes. À exceção da 5.^a variante que pertence ao fabrico A3, todas as outras se inserem no fabrico A1.

A **1.ª Variante** surge apenas representada por um indivíduo (1 NMI- fabrico A1). Trata-se de uma forma algo complexa que apresenta duas asas verticais que arrancam do bordo

oblíquo que surge decorado. O lábio e a parede (a meia altura) apresentam decoração digitada. Exibe ainda uma inflexão na ligação da parede exterior com o fundo (**Est. I- n.º 1**). O diâmetro é de 36cm.

A **2.ª Variante** é a mais numerosa com 11 NMI, todos integrados no fabrico A1. Com o perfil muito simples, caracteriza-se por apresentar bordo arredondado ligeiramente voltado para o interior. O seu diâmetro ronda os 13 - 14 cm (**Est. I- n.º 2 e 3**). Uma única peça foi integrada naquilo que se considerou tratar de uma variante à série 2. Esta **variante 2.1** (1 NMI-fabrico A1) difere apenas da anterior por exibir asa horizontal ligeiramente abaixo do bordo (**Est. I- n.º 4**). Não foi possível obter o diâmetro da peça devido ao seu elevado índice de fragmentação;

A **3.ª Variante** (3 NMI- fabrico A1), de forma hemisférica, caracteriza-se por apresentar bordo ligeiramente extrovertido (**Est. I- n.º 5**). O diâmetro é de 12cm. Admitimos a possibilidade destas peças serem provenientes da região de Cádiz, por apresentarem uma pasta com uma tonalidade mais cinzenta/esverdeada, com presença de alguns elementos não plásticos de cor preta, remetendo assim para aquilo que é padrão nesta região.

A **4.ª Variante**, apenas representada por um indivíduo pertencente ao fabrico A1, está representada por uma peça de reduzidas dimensões. Embora com muitas reservas, decidiu-se integrar no grupo das taças. No entanto, o seu perfil (com diâmetro reduzido de 7cm) apresenta semelhanças a tinteiro (**Est. II- n.º 6**). Esta hipótese não foi, porém, confirmada através da constatação de paralelos.

Por fim, a **5.ª Variante** (3 NMI- Fabrico A3) parece assemelhar-se a uma taça carenada com bordo vertical (**Est. II- n.º 7**). Apresenta semelhanças com o tipo COM-RO-BET 2.2 proveniente de Villares de Andújar. Cronologicamente esta forma remete para contextos que medeiam entre o final da época de Cláudio e a época Flaviana (Peinado Espinosa, 2017: 114).

Para além das taças, destaca-se a presença de um pequeno fragmento tubular que pensamos, poder pertencer ao pé de um **cálice** (fabrico A1) (**Est. II- n.º 8**).

Entre a cerâmica de mesa, revelou-se bastante complexo fazer a distinção morfológica entre jarro e bilha devido ao elevado índice de fragmentação de alguns destes bordos. Desta maneira, juntamos os possíveis **Jarros ou Bilhas** na mesma categoria, criando 4 variantes tipológicas.

A **1.ª Variante** (3 NMI - fabrico A2) caracteriza-se pela presença de um bordo com lábio (com canelura) extrovertido com espessamento externo (**Est. III- n.º 9**). Esta variante

assemelha-se às bilhas n.º 17-19 de São Cucufate (Pinto, 2006: 174). Em Balsa, identificou-se um exemplar (cr-38) com as mesmas características, ao qual se atribuiu uma cronologia alto-imperial (Nolen, 1994: 225).

A **2.ª Variante** surge representada apenas por um exemplar (1 NMI – fabrico A1). De bordo torneado com lábio ligeiramente extrovertido e colo que se adivinha cilíndrico (**Est. III- n.º 10**), deverá integrar o grupo das bilhas. Inês Vaz Pinto apresenta 5 exemplares (n.º125-130) provenientes de diversos sítios arqueológicos, no território português, com os quais é possível traçar algumas similitudes, muito embora esse facto não contribua com informações cronológicas relevantes (Pinto e Morais, 2007: 243). Não obstante, novamente em Balsa, um exemplar muito semelhante (cr36) aponta novamente para uma cronologia alto-imperial (Nolen, 1994: 225).

A **3.ª Variante** (2 NMI – fabrico A2), expõe um bordo com lábio extrovertido e topo plano diâmetro de 9 cm (**Est. III- n.º 11**).

A **4.ª Variante** (4 NMI – fabrico A1) distingue-se, desde logo, pela presença de paredes caneladas (**Est. III- n.º 12**). O formato da peça parece indicar a presença de um lábio trilobado, ou bico vertedouro o que justificaria a sua inclusão no grupo dos jarros. No entanto, a reduzida dimensão do fragmento não permite esclarecer esta situação.

Cerâmica de Armazenamento:

As cerâmicas de transporte/armazenamento que surgem representadas por grandes recipientes do tipo **Talha/Dollium** são o grupo mais reduzido entre os fabricos Béticos (**Tabela 4**). No total, contabilizam-se 3 indivíduos distribuídos por duas variantes distintas. A **Primeira** (2 NMI – fabrico A2) apresenta bordo simples e introvertido com algumas caneluras na parte exterior do lábio (**Est. IV- n.º 13**). A **Segunda** (1 NMI – fabrico A1) corresponde a um grande pote de bordo voltado para o exterior e lábio boleado com um diâmetro de 42 cm (**Est. IV- n.º 14**).

Cerâmica de Cozinha:

O grupo constituído pelas cerâmicas de cozinha é, dentro das produções Béticas, o grupo com maior expressão, contemplando 95 indivíduos (**Tabela 4**). Nesta categoria contemplou-se

a presença dos **almofarizes** (13 NMI), os **alguidares** (49 NMI), **pequenos alguidares/bacia** (10NMI), **potes** (22 NMI) e uma **frigideira**.

Entre os **Almofarizes** registaram-se 4 variantes tipológicas.

A **1.^a Variante** (4 NMI - fabrico A1) apresenta um perfil troncocónico, com bordo de lábio amendoado (diâmetro é de 23 cm) e estrias concêntricas na parte superior da parede interior (**Est. V- n.º 15**). É possível traçar paralelos entre esta variante e o Tipo COM- RO-BET 3.1 de Villares de Andújar proposto por Maria Peinado Espinosa (2017: 117), e a forma IV-A-2 de São Cucufate (Pinto, 2006: 170). No primeiro caso, aponta-se uma baliza cronológica que remete para os meados do século I d.C. O exemplo de São Cucufate apresenta uma cronologia que medeia os meados ao segundo terço do século I d. C.

A **2.^a Variante** encontra-se apenas representada por um exemplar (fabrico A1) com bordo em aba descaída e lábio ligeiramente introvertido onde também se situa um bico vertedor (**Est. V- n.º 16**).

Na **3.^a Variante** (2NMI - fabrico A2) também é perceptível a presença de bico vertedor. Desta feita, o modelo segue o que parece ser um perfil mais hemisférico com um bordo que exhibe uma aba curta e curvada (**Est. VI- n.º 17**).

Por fim, a **4.^a Variante** de almofarizes (6 NMI - fabrico A2) caracteriza-se por ter uma aba mais larga (e amendoada) e ressaltado na extremidade interna (**Est. VI- n.º 18**). Apresenta uma parede envasada, e o seu diâmetro ronda os 30 cm. Revela semelhanças com os exemplares integrados na 7.^a série proposta por Inês Vaz Pinto que tem por base os materiais de fabrico bético recolhidos em diversas escavações em território português. Em termos cronológicos, a autora remete esta tipologia para o início de exportação destes recipientes que fixa entre os meados do século I d.C. os meados do século II d.C. (Pinto e Morais, 2007: 239).

Os **alguidares** são, de longe, a forma mais numerosa (49 NMI) entre os fabricos béticos. Trata-se de peças com paredes esvasadas e perfil troncocónico que se distinguem, normalmente, ao nível do bordo. Ao todo foi possível distinguir a presença de 6 variantes tipológicas:

A **1.^a Variante** agrupa as peças com bordo extrovertido simples. Contempla 17 indivíduos – 10 de fabrico A1 e os restantes 7 de fabrico A2. O seu diâmetro varia entre os 30 e os 32 cm (**Est. VII- n.º 19 e 20**).

A **2.^a Variante** de alguidares (5 NMI – fabrico A3) com parede menos vertical e bordo plano (**Est. VIII- n.º 21**). Tratam-se de peças de maior dimensão que podem atingir os 38 cm de diâmetro.

A **3.^a Variante** (6 NMI – fabrico A1) apresenta o bordo extrovertido com lábio amendoado que se demarca do bojo com singela canelura (**Est. IX- n.º 23**). A parede esvasada remata num fundo côncavo muito pronunciado. Um dos exemplares apresenta perfil completo permitindo observar a sua dimensão total – são peças com 23.2 cm de altura e que podem atingir os 44 cm de diâmetro.

A **4.^a Variante** difere da anterior por apresentar bordo “pinçado” (**Est. X- n.º 24 e 25**). Esta técnica decorativa regista-se com frequência neste tipo de recipiente (13 NMI – 10 fabrico A1 e 3 fabrico A3) que apresenta igualmente uma grande variabilidade de diâmetro de abertura que pode oscilar entre os 40 e os 57 cm.

A **5.^a Variante** (7 NMI – 1 fabrico A1 e 6 fabrico A3) apresenta um bordo extrovertido (com 38 cm de diâmetro) mas muito recortado na superfície interna por caneluras, sendo estas mais acentuadas na zona de ligação com a parede da peça (**Est. VIII- n.º 22**).

A **6.^a Variante** (1 NMI - fabrico A3) apresenta bordo voltado para o exterior com um ligeiro engrossamento interno (**Est. X- n.º 26**). Trata-se de peças dimensão mais modesta, menos profundas, mas que podem ainda atingir os 36cm de diâmetro. O exemplar exhibe meandros aplicados sobre o lábio.

Neste processo, nem sempre fácil, de classificação formal optou-se por individualizar o que se convencionou designar por **pequenos alguidares** ou **bacias**. Apesar dos seus perfis se assemelharem aos alguidares, distinguem-se claramente destes pela diferença acentuada de dimensão com diâmetros que não ultrapassam os 26 cm. Todas as peças identificadas (10 NMI – fabrico A2) apresentam bordo extrovertido, ligeiramente soerguido (**Est. X- n.º 27**). Um dos exemplares ostenta decoração digitada no lábio. Este modelo apresenta semelhanças com uma peça (cr-23) proveniente de Balsa (Nolen, 1994: 224) que, todavia, não aporta qualquer informação cronológica.

Entre estes serviços de cozinha distingue-se a presença de **Potes**. Estes distribuem-se por três variantes tipológicas:

A **1ª Variante** (5 NMI - fabrico A2) apresenta o bordo extrovertido e colo curto (**Est. XI- n.º 28**). Uma pequena ranhura no topo do lábio poderá denunciar a existência de um encaixe para tampa.

A **2ª Variante**, representada apenas por um exemplar (fabrico A1) distingue-se da anterior, sobretudo, por apresentar decoração incisa (provavelmente penteada) na sua superfície interior (**Est. XI- n.º 29**). Ostenta um bordo extrovertido em fita e ombro descaído. Trata-se, igualmente, de um recipiente de menores dimensões com 15 cm de abertura, por oposição aos 24 cm de diâmetro verificado na variante 1.

A **3ª Variante** (9 NMI - fabrico A2) diferencia-se pelo bordo quase triangular com lábio biselado (**Est. XII- n.º 30**). Este modelo ostenta igualmente uma pequena canelura interior no lábio que poderia, talvez, dar apoio a possível tampa. O diâmetro ronda os 22 cm.

A **4ª Variante** (7 NMI – 6 fabrico A1 e 1 fabrico A3) apresenta o bordo extrovertido, com uma canelura na ligação com o lábio. Tem um diâmetro de 32 cm (**Est. XII- n.º 31**).

Ainda integrada nos serviços de cozinha deve referir-se a presença de uma pega tubular (fabrico A3) que, apesar de alguma incerteza, se classificou como pertencendo a possível **frigideira** (**Est. XIII- n.º 32**).

Cerâmica de uso complementar:

Por último, deverá mencionar-se a presença de algumas tampas que integramos num grupo individualizado de uso complementar. O único tipo representado (4 NMI – fabrico A1), que pode atingir os 30 cm de diâmetro, apresenta bordo simples e parede oblíqua (**Est. XIV- n.º 33**). Este modelo de tampa é semelhante ao exemplar n.º 153 (Pinto e Morais, 2007: 251) proveniente do Aljube em Lisboa que, infelizmente, surge referenciada sem qualquer associação cronológica.

5.1.1.3 Análise e discussão do conjunto

A cerâmica, de proveniência comprovada da Bética, representa 74,09% do conjunto das cerâmicas importadas, bastante mais que a Cerâmica de Cozinha Africana, apenas com 25,91% do grupo. No total da coleção os serviços importados da província vizinha da Bética representam 25,18% de todo o lote (**Tabela 2**).

A produção Bética é composta por 143 indivíduos que se encontram dispersos por três grupo de fabrico.

Como foi referido, o **fabrico A1** é o mais numeroso (77 NMI), correspondendo a cerca de 53,85% da totalidade desta produção. Logo de seguida, o **fabrico A2** (46 NMI) representa cerca de 32,17%, seguido do **fabrico A3** (20 NMI), o mais grosseiro, com 13,99% do acervo (**Tabela 3**).

Quando individualizamos a coleção por categoria funcional, percebe-se que existe uma preponderância da cerâmica de cozinha.

Esta encontra-se representada por 95 indivíduos, resultando numa percentagem de 66,43% da totalidade destas produções (**Tabela 4**). Naturalmente, é também aqui que se encontra uma maior variedade morfológica. Situação que se pode dever ao facto de aqui termos incluído peças destinadas à preparação de alimentos como os alguidares e almofarizes. Os alguidares são mesmo os recipientes mais numerosos com 49 indivíduos, correspondendo a 51,58% de toda a cerâmica de cozinha classificada. O segundo grupo constituído pelos potes/panelas (22 NMI), corresponde a cerca de 23,16%, muito perto dos almofarizes (13 NMI) com cerca de 13,68%. Com um carácter minoritário, temos os pequenos alguidares e a frigideira, com pesos percentuais de 10,53% (10 NMI) e 1,05% (1 NMI), respetivamente.

Por sua vez, a cerâmica de mesa é composta por 31 indivíduos, tendo um peso de 23,48%. A forma mais representada são as taças (20 NMI – 64,52%), seguidas dos jarros/bilhas (10 NMI - 35,56%) e de um único cálice (3,23%).

Por fim, a cerâmica de armazenamento, composta por 3 talhas/*dolia* tem um peso meramente residual, representando 2,27% (3 NMI).

Esta preponderância da cerâmica de cozinha dentro das produções béticas, com um peso de 66,43%, mostra a clara tendência para importar este tipo de recipientes, sobretudo de auxílio à preparação de alimentos. Constata-se, desta forma, a existência de uma certa “especialização” ao nível da produção e de gosto ao nível da tendência de consumo, nomeadamente para a aquisição de alguidares e almofarizes. Estes conjuntos formais béticos superiorizam-se relativamente a qualquer outro tipo de fabrico (**Tabela 12**).

Rui Morais (2004), alerta-nos para o facto de os almofarizes não poderem continuar a ser considerados uma produção complementar das ânforas. Como tal, os alguidares deveriam

ter uma procura específica, tanto mais neste tipo de oficinas onde seria necessário triturar os vários ingredientes com que se preparavam os molhos e o produto final.

Salienta-se, finalmente, a ausência de formas abertas como os pratos. Essa ausência será constatada em todos os fabricos. Desconhecemos se este facto terá alguma relação com mudanças de dieta alimentar ou de práticas de comensalidade ou pura coincidência.

Em termos estatísticos, foi possível fazer algumas comparações com alguns sítios já estudados não só na região do Algarve, mas também na região do Alentejo.

O estudo da Cerâmica Comum de São Cucufate revelou que 89,6% de toda a cerâmica encontrada corresponde a cerâmicas produzidas localmente. No que toca à cerâmica Bética conseguiu-se determinar, que com 143 indivíduos, esta cerâmica representa apenas 1.1% de toda a cerâmica comum daquele local. No entanto, este fabrico representa 55% da cerâmica comum importada de fora da Lusitânia (Pinto, 2006: 178)

Comparativamente na Rua Francisco Barreto n.º 32, a Cerâmica Bética corresponde a cerca de 25,04% da totalidade de cerâmicas encontradas. É possível que esta discrepância de valores entre os dois sítios possa ser explicada pela diferença entre NMI. Em relação à percentagem de cerâmicas importadas, esta representa 73,58%. Ambos os sítios apresentam uma percentagem maioritária deste tipo de importação. O favorecimento deste fabrico ao invés de outros, poderá ter como explicação a proximidade da área de produção e a redução dos custos na obtenção destes produtos. Esse fator poderá ter sido decisivo para a sua presença maioritária entre as importação e vasta dispersão pelos diversos sítios do sul da Lusitânia.

Porém só com a continuidade dos estudos é que se poderá ter uma melhor compreensão da abrangência desta dispersão e do impacto da sua comercialização, nomeadamente a sul do Tejo

As formas dominantes em São Cucufate são os almofarizes, bilhas e tampas, não se registando a preponderância dos alguidares que aqui se constata.

Apesar do estudo sobre a cerâmica bética não se encontrar completamente desenvolvido no Monte Molião (Lagos), foi possível apurar que numa primeira fase (Fase 1), esta produção tinha um carácter maioritário, representando 61,72% de toda a cerâmica encontrada. Porém, numa fase mais tardia (Fase 3) esta percentagem desce para os 25,72% ao invés das cerâmicas de cozinha africana que passam agora a ter um valor quase maioritário com 42,70%. Estes valores poderão evidenciar uma preferência crescente pelas cerâmicas de cozinha africana ou, simplesmente, mudanças ao nível das redes de comercialização e redistribuição. Todavia é

preciso ter em consideração de que se trata de um sítio com uma cronologia distinta e mais antiga dos níveis que aqui abordamos, nomeadamente da época de Flávio até ao terceiro quartel do século II (Viegas e Arruda 2014). Apesar de podermos contar com muitas peças residuais, os níveis em estudo fixam-se no séc. V-VI d.C.

Os dados estatísticos sobre *Balsa* são escassos, conhecendo-se apenas que foram recolhidos 3304 fragmentos de cerâmica comum, dos quais 25.9% correspondem ao fabrico Bético. Juntamente com a cerâmica de cozinha africana (26.9%), consegue-se perceber que mais de metade da cerâmica doméstica de uso comum é de importação (Viegas, 2007: 83). Este dado vem novamente reforçar a ideia de que estes fabricos importados teriam um peso significativo no quotidiano destas comunidades.

5.1.2. Cerâmica de Cozinha Africana

O conjunto de cerâmica de cozinha africana é composto por 53 fragmentos que representam 50 NMI (**Tabela 5**). Estamos na presença de uma cerâmica que é, por excelência, de carácter doméstico e em concreto utilizada para a confeção de alimentos. De acordo com Stefano Tortorella (1981: 208), esta cerâmica caracteriza-se por apresentar uma argila geralmente de cor alaranjada-avermelhada, muito semelhante à TS Africana A. Como referido, estando integradas no trem de cozinha, a sua panóplia formal é maioritariamente constituída por Caçoilas, Tachos, Tampas e Pratos.

5.1.2.1. Classificação Tipológica e caracterização do Fabrico

Esta cerâmica apresenta três grandes grupos de fabrico: o A, B e C que, por sua vez, se subdivide no fabrico C/A e C/B (Bonifay, 2004: 211-221). O fabrico A, no qual se destacam as caçoilas Hayes 23 A/B e Hayes 193, bem como os pratos Hayes 181, apresenta semelhanças com a TS Africana A, em relação ao engobe aplicado na superfície interior, levando por vezes à classificação errada do mesmo (Bonifay, 2004: 211). O fabrico B, que apresenta igual engobe na face interna, terá sido produzido, maioritariamente, em oficinas na região de Bizacena (Bonifay, 2004: 213). As formas mais comuns contemplam os pratos Hayes 181 e os tachos Hayes 182 e Hayes 184 também com engobe na face interna. No fabrico C não se encontra o engobe característico das produções anteriores. Este parece ter sido substituído por um forte polimento que é visível nas superfícies internas e externas. Distingue-se, ainda, por apresentar

um “bordo enegrecido” e uma “patina de cinzas” (Bonifay, 2004: 221). Este fabrico C subdivide-se em C/A e C/B. O primeiro (C/A) remete-se para uma produção do norte da Tunísia e surge maioritariamente representado pelas formas de tacho e caçoila Hayes 197 e Hayes 183, respetivamente, bem como as tampas Hayes 196, Hayes 195 e Black Top Lid. No segundo (C/B), tratando-se fundamentalmente de uma produção de Bizâncio, observa-se com mais frequência a presença das formas de tampas Hayes 195 e de caçoilas Hayes 183 (Bonifay, 2004: 227-229).

Do ponto de vista cronológico, o início de produção desta categoria cerâmica tem sido atribuído a partir do século I d.C., atingindo a sua fase de apogeu em meados do século II d.C. com o aparecimento de novas formas ou novas variantes de formas já existentes (Hayes 1972:15-17).

Forma	NMI	NMI%
Hayes 196	18	36
Hayes 197	15	30
Hayes 23B	6	12
Hayes 182	6	12
Ostia IV, fig 59	2	4
Ostia IV, fig 61	1	2
Hayes 184	1	2
Hayes 181	1	2
Total	50	100%

Tabela 5- Distribuição das formas de Cerâmica de Cozinha Africana

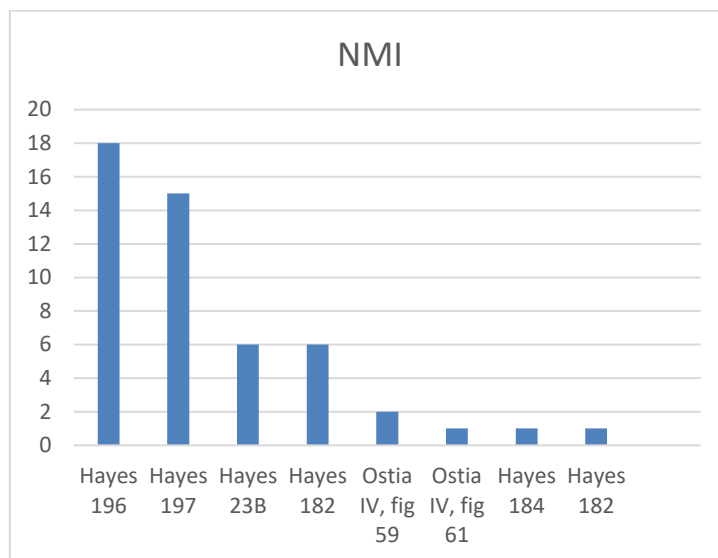


Gráfico 1 – Dispersão das formas de Cerâmica de Cozinha Africana

Forma Hayes 23

Trata-se de uma caçoila com o bordo voltado para o interior. Apresenta um fundo convexo e estriado no seu exterior (Hayes, 1972: 45). Poderá apresentar-se em duas variantes. A **Variante A** corresponde a um recipiente de menor dimensão e mais raso, com bordo simples e um diâmetro que varia entre os 14 e os 18cm; a **Variante B** de maior dimensão, é também mais funda, apresentando um lábio espessado no interior, com diâmetro variável entre os 20-30 cm (Hayes, 1972: 45- 48; Tortorella, 1981: 217; Bonifay, 2004: 211). Esta última variante pode ainda apresentar uma patina enegrecida na parte exterior do bordo, possivelmente resultante da incidência de fogo direto irregular sobre a peça (Hayes, 1972: 47). Tal como já referido esta tipologia integra o fabrico A, com engobe interior.

Em termos cronológicos a variante A tem uma diacronia de produção estimada entre o final do século I d.C. e os finais do século IV/V d.C. Já a variante B terá sido produzida entre a 1ª metade do século II/inícios do século III d.C. e o final do século IV ou inícios do século V (Hayes, 1972: 45-48; Tortorella, 1981: 217; Bonifay, 2004: 211).

No lote em estudo identificaram-se 6 indivíduos exclusivamente pertencentes à variante B. Alguns exemplares apresentam uma patina enegrecida na parte exterior do bordo, fruto de um possível contacto direto e irregular do fogo sobre a peça. O diâmetro das peças identificadas varia entre os 22cm e os 26cm (**Est. XV- n.º 34, 35 e 36**).

Forma Hayes 181

Corresponde a um prato de paredes curvas, com base plana e bordo voltado para o interior, com diâmetro variável entre 21 e 36 cm. Surgem em maior número as produções de fabrico B (Bonifay, 2004: 211-215).

No fabrico A contemplam-se três variantes: a **Variante A** com bordo espessado para o interior e fundo convexo marcado com algumas estrias no seu exterior (com várias semelhanças a Hayes 23) está datada dos inícios/meados do século II d.C. (Bonifay, 2004: 213); a **Variante B**, a mais comum, com pança mais vertical, apresentando por vezes uma carena na ligação entre o fundo e a parede. Encontra-se datada entre os finais do século II e III; por fim, a variante C que apresenta as paredes altas e verticais, o exterior enegrecido e engobe no interior, é a mais tardia, situando-se entre os finais do século IV e o século V (*idem*).

O fabrico B apresenta um engobe com um “polimento às riscas” (Tortorella, 1981: 215) e divide-se em 4 variantes: a **Variante A** com bordo ligeiramente espessado e reentrante e fundo convexo, situa-se entre os finais do século I e a primeira metade do século II d.C. (Bonifay, 2004: 213); a **Variante B** com bordo ligeiramente espessado, fundo plano e pequeno ressalto no seu interior, está datada da primeira metade do século III d.C. (*idem*); a **Variante C** com bordo arredondado, paredes arqueadas e fundo plano com pequeno ressalto na ligação com a parede, situa-se entre os finais do século II e o século III (Bonifay, 2004: 213-214); por fim, a **Variante D** apresenta bordo arredondado, paredes verticais altas, fundo plano e amplo, situando-se entre a segunda metade do século IV, e a primeira metade do século V d.C. (Bonifay, 2004: 213).

A intervenção providenciou a recolha de apenas um exemplar desta forma. Este corresponde ao fabrico B e variante B e apresenta um diâmetro de 20 cm (**Est. XV - n°37**). Admitimos que o diâmetro do indivíduo pertencente a este acervo não se enquadra nos parâmetros definidos por Stefano Tortorella. Porém, não se trata de um caso isolado, tendo surgido exemplares desta forma, com dimensões inferiores ao estipulado, no decorrer do estudo sobre a cerâmica de cozinha Africana do Banco de Portugal (Lisboa) (Santos, 2015: Estampa 11 n.º 161).

Forma Hayes 197

Trata-se de um tacho (correspondente ao fabrico C/A) de bordo arredondado e voltado para o exterior com pequeno sulco para o encaixe de tampa e diâmetro variável entre 14 e 25 cm. Apresenta paredes verticais com caneluras em ambas as superfícies (interna e externa) e uma outra na ligação com o fundo côncavo (Hayes, 1972: 209; Bonifay, 2004: 225).

Esta forma apresenta três variantes: a chamada **Variante Precoce**, de menor dimensão e com o bordo mais arredondado, datada do final do século II (*idem*); a **Variante Clássica**, de maiores dimensões, mais profunda, datada dos finais do século II e o século III (*idem*); e a **Variante Tardia** que se distingue por ter parede mais alta e o bordo mais vincado que os anteriores, enquadrando-se nos finais do século III e inícios do IV (*idem*).

No lote em apreço regista-se a presença de 15 exemplares pertencentes a esta forma, todos com diâmetros que oscilam entre os 20 e 24 cm.: Quatro indivíduos integram-se na variante precoce (**Est. XVI – n.º 38**); dois na variante clássica (**Est. XVI – n.º 39**); e três na variante tardia (**Est. XVI – n.º 40, 41**). Para os restantes 6 exemplares não foi possível determinar a variante por se tratar de fragmentos pertencentes ao fundo.

Forma Ostia IV, fig.59

Trata-se de um Prato/Tampa de bordo espessado recurvado para o exterior, com parede externa que pode apresentar caneluras ou polimento em bandas e diâmetro de 22 a 41 cm (Tortorella, 1981: 213). A sua produção integra o fabrico B e enquadra-se cronologicamente nos finais do século IV e inícios do século V d.C.

No conjunto em estudo foram identificados 2 exemplares desta forma, ambos com diâmetro de 34cm e exibindo uma banda cinzenta escura na zona externa do bordo (**Est. XVII – n.º 42**).

Forma Ostia IV, fig.61

Corresponde a um Prato/Tampa de bordo levemente espessado com diâmetro variável entre os 39 e os 39,6 cm (Tortorella, 1981: 212). Pode apresentar uma pequena ranhura na

parede externa, na ligação com o bordo, bem como caneluras internas. Encontra-se datada dos finais do século IV aos inícios do século V d.C.

Apenas se identificou um indivíduo pertencente ao fabrico A, com um diâmetro de 28 cm (**Est. XVII – n.º 43**). Como foi já referido, apesar do diâmetro não corresponder aos parâmetros estipulados, não se trata de um caso isolado, sendo que no decorrer do estudo das cerâmicas de cozinha Africana exumadas no Banco de Portugal (Lisboa) foram também encontrados exemplares desta forma com dimensões inferiores (Santos, 2015: Estampa 13 n.º 191).

Forma Hayes 182

Corresponde a uma tampa em forma de cúpula, com bordo espessado e voltado para o exterior, com diâmetro que varia entre os 22 e 33 cm. Esta produção integrada no fabrico B pode apresentar caneluras a meio da parede exterior ou polimento em bandas (Hayes, 1972: 201-202; Bonifay, 2004: 217). Engloba 4 variantes que se distinguem pela morfologia dos seus bordos; a **Variante A** (meados do séc. II d.C.) apresenta bordo pendente; a **Variante B** (finais do séc. II/inícios do séc. III) possui bordo mais triangular; a **Variante C** (finais do séc. II/inícios do séc. III) detém o bordo mais arredondado; por fim, a **Variante D** (séc. IV) tem bordo mais achatado.

Na presente coleção identificaram-se 6 exemplares desta forma, encontrando-se representadas as quatro variantes: 1 NMI – Variante A (**Est. XVIII – n.º 44**); 1 NMI – Variante B (**Est. XVIII – n.º 45**); 1 NMI – Variante C (**Est. XVIII – n.º 46**) e 3 NMI – Variante D (**Est. XVIII – n.º 47**). Os diâmetros variam entre 22 cm e 30 cm.

Forma Hayes 196

Corresponde a uma tampa da série integrada no fabrico C/A. Apresenta forma de cúpula cónica, com bordo espessado e ligeiramente convexo e diâmetros variáveis entre 22,5 e 36 cm. O exterior do bordo, está normalmente enegrecido. A Variante Precoce evidencia um bordo menos espessado além de paredes mais finas; as variantes clássicas A e B de Hayes, diferem apenas pela existência e ausência de pé, respetivamente; a variante tardia apresenta um bordo significativamente mais espessado. Poderão corresponder às Tampas da caçoila Hayes 23 e do

tacho Hayes 197. Cronologicamente insere-se entre os meados do século II e os meados do século III d.C. (Hayes, 1972: 208-209; Bonifay, 2004: 225).

Na coleção contam-se 18 exemplares desta forma (**Gráfico 1**). Cinco indivíduos pertencem à variante tardia (**Est. XIX – n.º 48, 49, 50**) e doze pertencem à variante A/B (**Est. XIX – n.º 51, 52**). Neste caso não foi possível distinguirem-se os elementos pertencentes as estas duas variantes por não disporem de pé. Um exemplar é de classificação indeterminada.

Forma Hayes 184

Corresponde a uma caçoila que integra o fabrico B, com base ligeiramente convexa e bordo espessado para o exterior. Apresenta engobe na parede externa, enquanto que a parede interna permanece áspera (Bonifay, 2004: 217). Pode assumir quatro variantes:

Variante A (séc. II d.C.) de bordo triangular e ligeiramente voltado para o exterior, apresenta um ressalto no interior, na ligação entre a parede e o fundo;

Variante B (final do século II e meados do século III d.C.) apresenta bordo igualmente triangular, sendo mais arredondado no exterior e côncavo no interior e um forte ressalto na ligação entre a parede e o fundo;

Variante C (séc. III d.C.) apresenta bordo quadrangular, sendo que este é ligeiramente plano ou côncavo na parte interior e oblíquo na parte exterior. Geralmente apresenta um diâmetro maior que as variantes A e B;

As variantes tardias (segunda metade do séc. III e o séc. IV d.C.) apresentam um espessamento das paredes e bordo espessado voltado para o exterior (Bonifay, 2004: 219).

No lote em apreço apenas foi possível identificar um exemplar desta forma embora de variante indeterminada.

5.1.2.2- Análise e Discussão do conjunto

A cerâmica de cozinha africana totaliza 50 indivíduos e representa 8,80% do total da coleção estudada (e 25,91% da cerâmica utilitária importada) (**Tabela 2**).

Tendo em conta que John Hayes já tinha individualizado as *sigillatas* africanas da cerâmica de cozinha africana, atribuindo-lhe um carácter de uso culinário (Hayes, 1972: 17-

18), não faria qualquer sentido separar esta cerâmica por funcionalidade, apesar dessa divisão, ter sido feita para outros fabricos. Desta maneira seguiram-se as tipologias propostas por J. Hayes (1972) que individualiza as cerâmicas finas de mesa (ditas *sigillatas*) da cerâmica de cozinha africana de uso, preferencialmente, culinário.

Ao todo identificaram-se oito formas distintas (**Tabela 5**). A mais comum e numerosa é a tampa Hayes 196 (18 NMI) com 36%, seguida do tacho Hayes 197 (15 NMI) com 30%, a caçoila Hayes 23b e a tampa Hayes 182 ambas com 6 NMI, representando 12% deste fabrico. Com uma expressão minoritária temos ainda as tampas Ostia IV, fig 59 (2 NMI) com 4%, Ostia IV, fig 61 (1 NMI) com 2%, a caçoila Hayes 184 (1 NMI) com 2% e por fim a tampa Hayes 182 (1 NMI) igualmente com 2%. Verifica-se uma proximidade percentual e de NMI entre as duas formas maioritárias (Hayes 196 e 197). Esta semelhança percentual, bem como a descrição de Hayes (a Hayes 196 cobria a Hayes 197) (Hayes, 1972: 209), torna plausível a hipótese de ambas serem importadas juntamente.

A forma com datação mais recuada do conjunto é a caçoila Hayes 23B com uma cronologia situada entre a 1.^a metade do século II/inícios do século III d.C. e o final do século IV ou inícios do século V. As formas mais tardias do acervo são as tampas Ostia IV, fig 59 e Ostia IV, fig 61, ambas datadas dos finais do século IV e os inícios do V d.C.

Existem já alguns dados disponíveis sobre a presença de cerâmica de cozinha Africana nalguns sítios arqueológicos a sul do Tejo e que, julgamos podem ser de utilidade para entender a disseminação destas produções pelo território. Sentimos necessidade de fazer uma síntese sobre estes principais resultados para tentar entender os padrões e tendências vivenciadas nesses outros sítios por comparação com o espólio em estudo.

Na ilha do Pessegueiro estão presentes as formas Hayes 197 (a mais abundante), Hayes 23, Hayes 196 e Ostia I, fig. 261 (Viegas, 2007: 73).

Na cidade de Miróbriga (Chãos Salgados) encontram-se referenciados 74 exemplares, verificando-se a supremacia das caçoilas Hayes 23B, seguido do prato Hayes 181. Estão igualmente presentes as formas Hayes 196 e Hayes 197 (Quaresma, 2012: 213-220; 249-250).

Já em Tróia, esta categoria de cerâmica encontra-se representada por 149 indivíduos, tendo sido identificadas 11 formas distintas. As formas mais abundantes são a Hayes 23, Hayes 197, Hayes 182 e Hayes 185. Temos ainda presente neste território, com uma expressão minoritária, as formas Hayes 196 e Hayes 181, constituindo-se assim como um sítio detentor de um repertório morfológico consideravelmente amplo. Foi ainda possível apurar que Tróia

recebe as primeiras importações de cerâmica de cozinha africana na primeira metade do século II d.C., atingindo o seu auge no século III e mantendo-se o fluxo de importações até à primeira metade do século V. (Magalhães, Brum e Pinto, 2014: 701-708)

Quando nos focamos no território algarvio é facilmente perceptível a existência de uma maior densidade de cerâmica de cozinha africana em sítios que se localizam ao longo da costa. Destaca-se o estudo das CC Africanas de Monte Molião onde se contabilizam 1667 NMI distribuídos por contextos cronológicos integrados em três fases distintas. Entre as formas maioritárias destacam-se a Hayes 196 com 628 NMI, Hayes 197 com 473 NMI e Hayes 182 com 66 NMI. Minoritárias são as formas Hayes 23A, Hayes 181 e Hayes 184. É ainda necessário salientar que ao longo destas três fases de ocupação do sítio, a cerâmica de cozinha africana vai ganhando uma significância relevante em detrimento da cerâmica Bética e cerâmica comum de produção local. Deste modo, evidencia-se que as produções norte africanas vão ganhando um papel de destaque nos hábitos de consumo no sul da Lusitânia (Viegas e Arruda, 2014: 249-257).

Na Quinta do Marim, aquando da escavação de emergência de um complexo de salga de peixe, foi possível recuperar algumas peças de cerâmica de cozinha africana. Apesar dos dados serem escassos, conseguiu-se perceber que se encontram em abundância as formas Hayes 197 e Hayes 196, em contextos datados da 1.^a metade do século III (Silva, Soares, Coelho Soares, 1992: 348).

Em Faro, e após as escavações do mosaico do Oceano em 1976, foi possível identificar algumas peças correspondentes a Cerâmica de Cozinha Africana. Esta coleção é composta por 51 indivíduos, tendo sido identificadas 8 formas. As formas dominantes são a Hayes 196, Hayes 197 e Hayes 23B. Estão ainda presentes, de modo minoritária, Hayes 181, Hayes 182, Hayes 183 e Ostia II, fig 306. Desta maneira, a Cerâmica de Cozinha Africana representa 13,9% de toda a Cerâmica Comum encontrada na escavação do Mosaico do Oceano (Viegas, 2007: 74-82).

Em Balsa, foi exumada uma importante coleção de Cerâmica de Cozinha Africana durante a escavação de 1977 na Torre de Ares. Foram identificados 850 indivíduos, que se distribuem por 9 formas distintas. As tipologias mais abundantes são a Hayes 196 (365 NMI), Hayes 197 (195 NMI) e Hayes 23B (195 NMI). Encontram-se também presentes, em menor quantidade, as formas Ostia II, fig. 311 e fig. 306, Hayes 181, Hayes 182, Hayes 183 e Hayes

185. A cerâmica de cozinha africana em Balsa, representa 26,9% do total da cerâmica utilitária identificada (Viegas, 2007: 74-82).

Após a análise destes dados percebe-se que no sul de Portugal existe uma presença assídua destas produções, destacando-se os valores de Monte Molião (1667 indivíduos) e de *Balsa* (850 exemplares). Estes sítios começam a receber esta produção cerâmica proveniente do Norte de África em meados do século I - inícios do século II, altura que constitui o auge das importações. O declínio da importação destes serviços encontra-se fixado entre os finais do século IV/inícios do século V (Viegas, 2007: 75). É necessário salientar que Castro Marim constitui uma exceção à regra por já se encontrar abandonada no século I. A escassez de fragmentos de cerâmica de cozinha africana encontrada (3 NMI), dão-nos a informação de que se tratará de um caso residual e não um indício de continuidade de ocupação. A carência de TS Africana apenas vem reforçar esta teoria (Viegas, 2011: 518).

Acerca do ponto de vista morfológico assiste-se a tendências, por vezes, divergentes entre os sítios enumerados. Em Faro, Balsa, Monte Molião e Quinta do Marim, a forma que domina é a Hayes 196. Já em Tróia e Chãos Salgados a forma dominante é a Hayes 23B. Na ilha do Pessegueiro destaca-se a Hayes 197. No que toca ao lote da Rua Francisco Barreto n.º 32, a forma mais frequente é a Hayes 196, seguida da Hayes 197. De modo geral estas duas formas possuem uma cronologia que se situa entre a primeira metade do século II e os meados do século V.

A maior quantidade destas duas formas na coleção estudada, formas que são interdependentes, parece estar em linha com o que se conhece para o atual território Algarvio. Porém, talvez seja importante salientar que todos os sítios em que as formas Hayes 196 e Hayes 197 são maioritárias (Faro, Balsa, Monte Molião, Quinta do Marim e RFB n.º 32), acabam por ser ou pelo menos ter um carácter industrial associado.

A comparação dos dados preliminares do estudo das cerâmicas finas dos níveis de abandono e a análise do conjunto de cerâmica de cozinha africana, revela-nos algumas informações pertinentes sobre os hábitos de consumo deste local. A forma mais antiga de Cerâmica de Cozinha Africana que foi encontrada, remete para a 1.ª metade do século II d.C., o que coincide com o início da chegada das primeiras importações de *Terra Sigillata Africana*, nos inícios do século II d.C. (Silva *et al.*, *no prelo*). É possível que desta maneira os dois fabricos tenham sido importados em conjunto dada a mesma localização de proveniência.

5.2. Cerâmica de Produção Local ou Regional

5.2.1. Cerâmica de Matriz Cinzenta

O trabalho desenvolvido por Jeannette Nolen relativo ao espólio encontrado em Torre de Aires (*Balsa*) contempla um grupo de cerâmicas cinzentas que a autora divide em cerâmica grosseira, grosseira micácea e cerâmica média e fina. Apesar destes fabricos apresentarem cores variáveis, a autora defende o seu agrupamento referindo que tal possa ter ocorrido devido a variações de temperatura durante a cozedura (Nolen, 1994: 126). Esta investigadora refere ainda que as pastas cinzentas serão provenientes de apenas uma região (ou até do mesmo barreiro) devido à semelhança dos elementos não plásticos constatados nos diferentes fabricos (Nolen, 1994: 126).

De igual modo, Catarina Viegas faz o levantamento das cerâmicas cinzentas descobertas em *Ossonoba*, *Balsa* e *Baesuri* (Viegas, 2012b). Os dados recolhidos permitiram traçar um perfil mais completo sobre este fabrico e as tipologias mais comuns no Algarve. A cerâmica cinzenta analisada apresenta uma pasta não calcária, com uma cozedura e arrefecimento redutores, de textura média/grosseira e sem tratamento superficial (Viegas, 2012b: 683). Relativamente à tipologia sobressaem as peças destinadas à preparação de alimentos, destacando-se as caçoilas, tigelas, tachos, potes/panelas e tampas (Viegas, 2012b: 684). Pelas características evidenciadas, a autora concluiu, nomeadamente através do tipo de cozedura e das tipologias representadas que apontam para uma utilização no fogo, que este fabrico terá sido produzido localmente com a intenção de preencher possíveis lacunas existentes na obtenção de trens de cozinha (Viegas, 2012b: 694).

5.2.1.1. Caraterização dos fabricos

A análise macroscópica geral do grupo da Cerâmica de Matriz Cinzenta permite perceber que estamos perante pastas de natureza não calcária que apresenta tonalidades escuras e acinzentadas denunciando uma atmosfera redutora. No entanto, a análise de outros critérios complementares, nomeadamente da sua textura, permitiu definir 3 sub-grupos de fabrico dentro desta produção genérica:

B1.1- Cerâmica Cinzenta Fina/Média

Pasta compacta com elementos não plásticos em escassa quantidade e de dimensões reduzidas, sendo maioritariamente inclusões minerais de quartzo e mica. A sua textura é fina/média e apresenta as superfícies alisadas. De um modo geral, a cor da pasta é idêntica à da superfície oscilando entre um cinzento escuro e cinzento mais leve (tons de cinza).

B1.2- Cerâmica Cinzenta Fina Polida

Pasta bastante depurada, sem elementos não plásticos visíveis a olho nu. A face externa revela leve polimento.

B1.3- Cerâmica Cinzenta Grosseira

Pasta pouco compacta apresentando uma quantidade considerável de desengordurantes de média/grande dimensão, conferindo-lhe uma textura grosseira. As inclusões são maioritariamente de mica e feldspato. Da mesma maneira que o fabrico B1.1, a cor da pasta é idêntica à cor da superfície, oscilando entre tons de cinzento escuro. É semelhante às cerâmicas cinzentas grosseiras referidas por Catarina Viegas (2012).

Fabricos de Cerâmica Cinzenta	NMI	NMI%
B1.1	29	60,42
B1.2	2	4,17
B1.3	17	35,42
Total	48	100%

Tabela 6- Distribuição dos diferentes fabricos cinzentos

5.2.1.2. Análise Morfo -Tipológica

A cerâmica de matriz cinzenta de produção local apresenta alguma variedade formal, integrando-se em três categorias funcionais distintas. Prevaecem os serviços de cozinha (56,25%) sobre os serviços de mesa (20,83%) e a cerâmica de uso complementar (14,58%) (Tabela 7).

Categorias Funcionais	Formas Cerâmica Cinzenta	NMI			NMI%	% por categoria funcional
		B1.1	B1.2	B1.3		
Cerâmica de Cozinha	Potes/Panelas	19	-	1	41,67	56,25
	Caçoilas	6	-	1	14,58	
Cerâmica de Mesa	Taças	-	-	8	16,67	20,83
	Potinhos	-	2	-	4,17	
Cerâmica de uso complementar	Tampas	-	-	4	8,33	14,58
	Tampas Pequenas	-	-	3	6,25	
Formas Indeterminadas		4	-	-	8,33	8,33
		48			100%	100%

Tabela 7- Distribuição das formas identificadas nas cerâmicas de matriz cinzenta

Cerâmica de Mesa:

A cerâmica de mesa corresponde ao segundo grupo mais expressivo dentro da cerâmica cinzenta, porém a sua panóplia formal é reduzida ou pouco diversificada, tendo-se registado a presença de **Taças** (8 NMI) e **Potinhos** (2 NMI) (Tabela 7).

Distinguiram-se duas variantes tipológicas no grupo das **Taças**, todas pertencentes ao fabrico B1.3. A mais representada, constituída por 5 indivíduos, corresponde a grandes taças de bordo simples com paredes verticais, com diâmetros que rondam os 26 cm (**Est. XX – n.º 53**). O outro tipo, representado por 3 indivíduos, também de bordo simples com lábio boleado

é de dimensão inferior (diâmetro de 20 cm) e mais baixa ou menos profunda (**Est. XX – n.º 54**).

Os dois **potinhos** referidos, pertencentes ao fabrico B1.2, foram integrados nos serviços de mesa devido à sua reduzida dimensão e a algumas características tecnológicas relacionadas com o seu tratamento superficial que se apresenta refinado e polido. Apresentam-se com perfis muito incompletos onde apenas se consegue descrever parte da parede e o fundo plano.

Cerâmica de Cozinha:

Com 27 NMI, é no trem de cozinha que se inclui a maior parte da cerâmica cinzenta identificada, registando-se a presença de **potes/panelas** (20 NMI), **caçoilas** (7 NMI) (**Tabela 7**).

No grupo dos **Potes/Panelas** regista-se a presença de quatro variantes tipológicas – três delas incluídas no fabrico B1.1 e uma outra variante no fabrico B1.3.

No fabrico B1.1, distinguem-se os **Potes/Panelas** de bordo extrovertido com encaixe para tampa e diâmetro de 22 cm (**1ª Variante – 11 NMI**) (**Est. XXI – n.º 55**); os exemplares com bordo moldurado, com um diâmetro de 24 cm, (**2ª Variante – 5 NMI**) (**Est. XXI – n.º 56**) e os recipientes com bordo extrovertido e lábio espessado (**3.ª variante – 3 NMI**), com diâmetro muito inferior entre os 10-12 cm (**Est. XXI – n.º 57**).

No fabrico B1.3 identificou-se um único exemplar com bordo plano e paredes retas e diâmetro de 18 cm (**Est. XXI – n.º 58**).

Para além dos potes/panelas, regista-se a comparência de três variantes tipológicas de **caçoilas** (7 NMI), sendo que as duas primeiras estão incluídas no fabrico B1.1, e denota-se a presença de superfícies internas polidas ou bem afagadas. A última variante pertence ao fabrico B1.3 A **primeira** variante (5 NMI) apresenta bordo escalonado, paredes ligeiramente arqueadas e um ressalto interno que serviria de apoio a uma tampa, com diâmetros que oscilam entre os 22-25 cm (**Est. XXII – n.º 59**). Este modelo marca presença em diversos sítios arqueológicos no Algarve, como *Ossonoba*, *Balsa* e *Baesuris* (Viegas, 2012: 687) Em Faro, por exemplo, foi identificada em níveis que cobrem o mosaico do Oceano e que se encontram datados do século II/inícios do século III (*idem*). Ainda em *Ossonoba*, regista-se a sua presença em contextos de abandono datados até ao terceiro quartel do século V. Porém, neste caso, não se pode excluir a hipótese de se tratar de vestígios residuais (Viegas, 2012: 686-687).

A segunda variante tipológica surge apenas representada por um exemplar que ostenta bordo bem destacado e introvertido, (1 NMI) como um diâmetro de 28 cm (**Est. XXII – n.º 60**). Peça semelhante, também em cerâmica cinzenta, surge em São Cucufate, onde Inês Vaz Pinto (1999, 256-258, fig. 3) classifica como prato covô. Optámos por classificar esta peça como caçoila dada a presença de vestígios ténues de fuligem exterior, que pode indiciar o contacto com o fogo.

Por fim, a terceira variante de **caçoilas** (1 NMI) pertence ao fabrico B1.3, dispõe de bordo voltado para o interior, com lábio boleado. Apresenta uma reentrância na ligação entre o bordo e a parede que vai afunilando. O diâmetro é de 24 cm (**Est. XXIII – n.º 61**).

Uso complementar:

Nesta categoria foram identificadas duas variantes tipológicas de **tampas**, todas elas pertencentes ao fabrico B1.3. Um dos grupos (4NMI) é composto por **grandes tampas** que apresentam pega central (**Est. XXIV – n.º 62**) (**Tabela 7**).

O outro grupo (3 NMI) é composto por **tampas** de dimensão mais reduzida (diâmetro de 16 cm) que ostentam bordo extrovertido e o e simples (**Est. XXIV – n.º 63**).

5.2.1.3- Análise e Discussão do Conjunto

Dentro do grupo das cerâmicas produzidas localmente foi possível identificar e separar a cerâmica de matriz Cinzenta, a cerâmica de matriz Avermelhada e a cerâmica de imitação. Consequentemente determinou-se que a cerâmica de matriz cinzenta representa 13,79% da totalidade das cerâmicas de produção regional, enquanto, que a cerâmica de matriz avermelhada representa 84,48 % deste conjunto e a cerâmica de imitação 1,72%.

A produção de cerâmica cinzenta é composta por um universo de 48 indivíduos, que representa 8,45% do total da coleção (**Tabela 2**). Distinguiram-se ainda três sub-grupos de fabrico: o fabrico B1.1, o mais numeroso com 29 indivíduos (60,42%); o fabrico B1.2 composto por 2 indivíduos (4,17%) e o fabrico B1.3 composto por 17 indivíduos (35,42%) (**Tabela 6**).

A cerâmica de cozinha é maioritária com 56,25%, seguida da cerâmica de mesa (20,83%) e da cerâmica de uso complementar (14,58%) (**Tabela 7**).

Integram o trem de cozinha um conjunto de 27 indivíduos destacando-se a presença de Potes/Panelas (20 NMI – 74,07%) e Caçoilas (7NMI – 25,83%).

A cerâmica de mesa é composta por apenas 10 indivíduos onde pontuam as Taças (8NMI) e os Potinhos (2NMI). Por sua vez, a cerâmica de uso complementar é constituída por 7 tampas, umas de maior dimensão (4NMI) e outras mais pequenas (3NMI). Constata-se, novamente e também neste fabrico, um predomínio da cerâmica de cozinha e a ausência de pratos no que toca à cerâmica de mesa.

A investigação da Cerâmica Cinzenta no Algarve ainda se encontra num estado embrionário. Todavia, e por ação dos estudos de Catarina Viegas, já é possível começar a entender o significado que este fabrico teria nos hábitos de consumo das populações do Algarve romano. Recentemente, esta investigadora recolheu materiais em cerâmica cinzenta grosseira (Viegas, 2012) provenientes de diversas escavações no território Algarvio nomeadamente, *Ossonoba* (Faro), *Balsa* (Quinta de Torre de Ares) e *Baesuri* (Castelo de Castro Marim), tentando assim perceber quais são as produções locais/regionais e o papel que estas teriam no quotidiano destas comunidades.

Como primeiro resultado, verifica-se que este fabrico tem uma maior presença em *Balsa* (Quinta de Torre de Ares), sendo que representa cerca de 10% do total de cerâmica comum recolhida na intervenção realizada nos anos 70 do século XX (Viegas, 2012: 685). Relativamente à análise morfológica, verifica-se que 34,8% da tipologia registada corresponde à chamada caçoila de bordo escalonado, seguindo-se as tampas (31%), os potes/panelas (23,9%) e as tigelas (10%) num universo total de 315 (NMI) (*idem*: 686). Em termos cronológicos foi possível apresentar possíveis balizas cronológicas relativamente a algumas destas tipologias. A caçoila de bordo escalonado, a forma mais frequente, poderá ter tido origem, segundo C. Viegas (2012: 687) nalgumas formas de cerâmica de cozinha africana, nomeadamente a Ostia II, fig. 303 e 306 que apresentam uma cronologia geral desde a época Flávia até meados do século II d.C. Em Castro Marim, esta mesma caçoila foi encontrada em escassa quantidade, em grande parte devido à cronologia de abandono deste sítio, que se situa nos finais do século I/inícios do século II. Por outro lado, em Faro é uma forma frequente e que foi identificada nos níveis que cobriam o Mosaico do Oceano e que se encontram datados da segunda metade do século II/inícios do século III (Viegas, 2012b: 687).

No lote em estudo foi possível identificar 6 caçoilas pertencentes a estas produções de matriz cinzenta. Destaca-se a primeira variante, composta por 5 indivíduos, que corresponde a

estas caçoilas de bordo escalonado referenciadas por Catarina Viegas (Viegas, 2012b: 686). Como foi referido, trata-se de uma forma muito bem representada em vários contextos algarvios, nomeadamente Castro Marim, Pedras d'el Rei (Tavira), Torre de Ares (*Balsa*), Faro, Milreu e Monte Molião (Viegas, 2012: 693).

Por último, Catarina Viegas refere a hipótese desta produção estar destinada à confeção de alimentos ou ao auxílio na produção de *garum*. Terá sido produzida localmente em resposta à escassez de formas com estas funções. O resto das necessidades de cerâmica de uso doméstico seriam colmatadas pela cerâmica importada da Bética e posteriormente pelas cerâmicas de cozinha africanas, que afluem a este território algarvio a partir dos finais do século I/inícios do século II (Viegas, 2012: 694). De facto, constata-se que os serviços de cozinha são maioritários, representando 61,36%, entre a cerâmica de matriz cinzenta. Como temos vindo a dar nota, nesta categoria incluem-se formas associadas à confeção de alimentos e outras que se destinam à preparação de alimentos e molhos. Neste caso, dado contexto de proveniência, é tentador pensar que poderiam também estar associadas à preparação dos preparados piscícolas.

5.2.2. Cerâmica de matriz avermelhada (B2)

Incluem-se neste conjunto todas as peças de produção local que apresentam pastas de tonalidade avermelhada – cozedura oxidante. A análise macroscópica da natureza das pastas (dispersão dos elementos não plásticos – e.n.p's, granulometria, textura e dureza) permitiu, distinguir três fabricos distintos.

5.2.2.1. Caracterização dos Fabricos

B2.1- Fabrico Normal/Mediano

Pasta compacta com uma quantidade considerável de desgordurantes de pequena/média dimensão e com pequenas inclusões minerais de mica e feldspato. De um modo geral, a cor oscila entre o vermelho escuro e um vermelho mais alaranjado. Apesar da cozedura predominantemente oxidante, algumas peças apresentam um núcleo reductor, mais escuro fruto de possíveis oscilações de temperatura ocorridas durante o processo de cozedura.

B2.2- Fabrico Grossoiro

Pasta medianamente compacta e pouco dura, sendo riscável com a unha. São visíveis alguns e.n.p's de média/grande dimensão e poucas inclusões de mica/feldspato. Tal como o fabrico B2.1, algumas peças apresentam um núcleo reductor mais escuro.

B2.3- Fabrico Muito Grossoiro

Pasta pouco compacta e pouco dura. Apresenta uma quantidade considerável de desgordurantes de médio/grande tamanho. Exibe ainda outras inclusões de menor dimensão como mica, feldspato e quartzo. Tal como nos fabricos anteriores também apresenta igualmente um núcleo reductor. Na maioria das peças a superfície exterior apresenta-se muito enegrecida, possivelmente fruto do contacto direto da peça com as chamas.

Fabrico Cerâmica Avermelhada	NMI	NMI%
B2.1	211	71,77
B2.2	60	20,41
B2.3	23	7,82
Total	294	100%

Tabela 8- Distribuição dos diferentes fabricos de cerâmica avermelhada

5.2.2.2 – Análise Morfo - Tipológica

A cerâmica de matriz avermelhada de produção local apresenta uma significativa variedade formal, distribuindo-se por quatro categorias funcionais distintas. Verifica-se, uma vez mais, a superioridade dos serviços de cozinha (50,68%) embora, desta feita, sem clivagem acentuada sobre os serviços de mesa (31,97%). Com uma presença residual constam ainda as cerâmicas de uso complementar (8,16%) e a cerâmica de armazenamento (1,70%) (**Tabela 9**).

Categorias Funcionais	Formas Cerâmica Avermelhada	NMI			NMI%	%por categoria funcional
		B.2.1	B.2.2	B.2.3		
Cerâmica de Cozinha	Alguidares	-	41	-	13,95	50,68
	Caçoila/Tacho	17	-	23	13,61	
	Potes/Panelas	67	-	-	22,79	
	Funil	1	-	-	0,34	
Cerâmica de Mesa	Taças	43	-	-	14,63	31,97
	Jarros/Bilhas	15	9	-	8,16	
	Púcaros	27			9,18	
Armazenamento	Talhas	5	-	-	1,70	1,70
Uso Complementar	Tampas	19	5	-	8,16	8,16
Formas Indeterminadas		22	-	-	7,48	7,48
Total		294			100%	100%

Tabela 9- Distribuição das formas de cerâmica de matriz Avermelhada

Cerâmica de Mesa:

O grupo referente à cerâmica de mesa é composto por 94 NMI onde se incluem as **taças** (43 NMI), **púcaros** (27 NMI), **jarros/bilhas** (24 NMI) (**Tabela 9**).

A análise e classificação tipológica realizada permitiu distinguir 6 variantes de taças distintas, embora todas se incluam no fabrico B2.1. A **1.^a Variante** (15 NMI) apresenta bordo simples com o lábio boleado, por vezes espessado, e diâmetro de 18 cm (**Est. XXV – n.º 64 e 65**). A **2.^a Variante** (8 NMI) mostra um bordo com lábio plano e diâmetro de 24 cm (**Est. XXV – n.º 66**). A **3.^a Variante** (3 NMI) corresponde a uma tacinha com bordo escalonado e lábio biselado com diâmetro de 22 cm (**Est. XXV – n.º 67**). A **4.^a Variante** (15 NMI) ostenta um bordo com lábio boleado e espessado para o exterior e diâmetro de 24 cm (**Est. XXVI – n.º 68 e 69**). A **5.^a Variante** é composta por 2 peças que poderão ser taças grandes, com diâmetros que oscilam entre 24 e os 28 cm (**Est. XXVI – n.º 70 e 71**).

Os **púcaros**, de uma asa, apresentam todos um bordo simples extrovertido com lábio boleado e, por vezes, um colo bem definido e mais estrangulado. Os diâmetros oscilam entre os 11 e 13 cm. Pertencem ao fabrico descrito acima como B2.1. Alguns indivíduos ostentam decoração penteada no bojo (7NMI -**Est. XXVII – n.º 72**), embora na sua grande maioria (20NMI) não se tenha verificado essa evidência (**Est. XXVII – n.º 73**).

Voltamos aqui a referir-nos aos **jarros** e **bilhas** como um único grupo morfológico dado a dificuldade e incerteza, já mencionada, em fazer essa distinção dado o elevado índice de fragmentação de algumas destas peças. Ainda assim foi possível distinguir 3 variantes distintas.

A **1.^a Variante** (9 NMI), pertencente ao fabrico B2.2, apresenta bordo com lábio em aba descaída e diâmetro de 8 cm (**Est. XXVIII - n.º74**). A **2.^a Variante** (13 NMI) integra apenas o fabrico B2.1. Com duas asas em fita de secção sub-rectangular, apresenta um bordo simples de lábio boleado e ligeiramente moldurado e diâmetro de 8 cm (**Est. XXVIII – n.º 75**). Por fim, a **3.^a Variante** (2NMI), pertencente ao fabrico B2.1, apresenta bordo espessado, ligeiramente extrovertido (com diâmetro de 3,5 cm) e colo cilíndrico (**Est. XXVIII – n.º 76**).

Cerâmica de Cozinha:

A louça de cozinha continua a ser maioritária também no grupo B2. Ao todo contam-se (149 NMI), tendo sido identificada a presença de Caçoilas/Tachos (40 NMI), Alguidares (41 NMI), Potes/Panelas (67 NMI) e um Funil (**Tabela 9**).

As **Caçoilas/Tachos** repartem-se em duas variantes tipológicas.

A **primeira** (17 NMI), pertencente ao fabrico B2.1, apresenta bordo introvertido com lábio boleado. São peças que rondam os 28-30 cm de diâmetro. Para além da presença de pegas

incorporadas no bordo (**Est. XXIX – n.º 77**), destaca-se a sua superfície interior que surge muito polida

A **segunda** variante (23 NMI), pertencente ao fabrico B2.3, apresenta bordo amendoado (**Est. XXIX – n.º 78**). As suas dimensões e a particularidade da face interna polida assemelham-se à primeira variante.

Por sua vez, os **Alguidares** dividem-se em três séries, sendo que todas pertencem ao fabrico B2.2. A **1.ª Variante** (27 NMI) contempla os recipientes com bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica, cujo diâmetro ronda os 26 cm (**Est. XXX – n.º 79**). No interior alentejano, na *villa* de São Cucufate, este modelo assemelha-se com a Variante V-B- 1 (Pinto, 2003: 350). Em Tróia foram também encontrados 6 indivíduos que se integram nesta variante. Cronologicamente remetem para a primeira metade do século V (Santos, 2018: 62). Alguns deste tipo de recipientes (4 NMI) aproximam-se desta variante tipológica, apenas se distinguindo por ostentarem caneluras sobre a aba e decoração digitada no lábio (**Est. XXX – n.º 80**).

A **2.ª Variante** (9 NMI), apresenta bordo espessado para o exterior e parede ligeiramente arqueada, rondando de igual modo os 26 cm de diâmetro (**Est. XXX – n.º 81**). A **3.ª Variante** conta apenas com um exemplar de grandes dimensões (diâmetro de 40 cm) com bordo ligeiramente introvertido e lábio espessado no exterior (**Est. XXXI – n.º 82**).

No grupo dos **Potes/Panelas** distinguem-se duas variantes tipológicas, pertencentes ao fabrico B2.1. A **Primeira** (48 NMI) apresenta bordo extrovertido com lábio sub-rectangular e diâmetro que varia entre os 18 cm e os 20 cm (**Est. XXXII – n.º 83, 84**). Alguns exemplares apresentam uma asa em fita de secção sub-rectangular que parte do bordo. A **Segunda** variante (19 NMI) diz respeito aos potes/panelas com bordo dobrado sobre o ombro (diâmetro de 12 cm) e colo canelado (**Est. XXXII- n.º 85**).

Destaca-se ainda a presença de um exemplar que classificamos como **funil** com o bordo arredondado e ligeiramente voltado para o interior. A sua parede é oblíqua e apresenta pequenas saliências na parte interior. O diâmetro é de 19 cm (fabrico B2.1) (**Est. XXXIII- n.º 86**).

Cerâmica de Armazenamento:

Neste conjunto regista-se a presença de 5 **Talhas** pertencentes ao fabrico B2.2 (**Tabela 9**). Distinguem-se pelo seu bordo introvertido e lábio arredondado, dobrado sobre o ombro. A

parede é ovoide e esférica. Apresentam duas asas que partem da zona do ombro (**Est. XXXIV-n.º 87**).

Uso Complementar:

Regista-se ainda a presença de duas variantes de **Tampas**. A **Variante** tipológica mais numerosa (19 NMI) contempla peças integradas no fabrico B2.1 e distingue-se por apresentar bordo simples, parede oblíqua ou ligeiramente curvada e diâmetro que varia entre os 22 cm e os 36 cm (**Est. XXXV- n.º 88, 89**). O outro modelo (5 NMI – fabrico B2.2), corresponde a peças com bordo espessado externamente e ligeira saliência na face exterior (**Est. XXXV- n.º 90**). Trata-se de peças maiores que podem alcançar os 38 cm de diâmetro.

5.2.2.3 Análise e discussão do conjunto

A cerâmica de matriz avermelhada é, dentro das produções locais, a mais numerosa correspondendo a 84,48% destes fabricos, seguindo-se as cerâmicas de matriz cinzenta (13,79%) e as cerâmicas de imitação com apenas 1,72%.

Esta produção é também maioritária quando contabilizamos o total da coleção – correspondendo a 51,76% de todo o lote (294 NMI) (**Tabela 2**).

Conforme foi referido distinguem-se 3 sub-grupos de fabrico: o fabrico B2.1, que constitui dos três o mais numeroso, sendo composto por 211 indivíduos, correspondendo a cerca de 71,77% da totalidade desta produção. O fabrico B2.2 é composto por 60 indivíduos e representa 20,41%. O fabrico B2.3 é composto apenas por 23 indivíduos, representando 7,82% do acervo (**Tabela 8**).

A análise morfo-tipológica permite constatar que este fabrico se encontra representado ao nível dos serviços de cozinha (50,68 %), de mesa (31,97 %), de armazenamento (1,70%) e uso complementar (8,16%) (**Tabela 9**).

A cerâmica de mesa é constituída por 94 indivíduos, sobretudo taças (43NMI), mas também púcaros (27 NMI) e jarros/bilhas (24NMI). Salienta-se novamente a ausência de pratos. Dentro de um fabrico tão abrangente como este, a inexistência desta forma não deixa de nos causar alguma perplexidade, uma vez que situação semelhante também se verifica para os restantes fabricos mais expressivos.

A cerâmica de cozinha está representada por um conjunto de 149 indivíduos, onde se destaca a presença de caçoilas/tachos, alguidares, potes/panelas e um funil. Evidenciam-se à partida os Potes/Panelas com 67 (NMI), correspondendo a cerca de 44,97% de toda a Cerâmica de Cozinha. De seguida temos os alguidares com 41 (NMI), representando cerca de 27,52%. Por fim, temos as Caçoilas/Tachos que são representados por 40 (NMI) equivalendo a 26,85, enquanto, que o Funil tem apenas 1 (NMI) e representa 0,67% do total de Cerâmica de Cozinha.

Relativamente à Cerâmica de Armazenamento, esta é constituída por apenas 5 talhas, representando cerca de 1,70% deste fabrico.

Por último, no grupo da cerâmica de uso complementar colocam-se as tampas que somam 24 indivíduos, representando cerca de 8,16% desta produção.

Observa-se assim novamente a relevância que as cerâmicas de cozinha detêm dentro de um fabrico. Com um peso de 50,68%, continua-se a verificar a influência que esta funcionalidade tem em detrimento da cerâmica de mesa, da cerâmica de armazenamento ou mesmo da cerâmica de uso complementar. Apesar disto, é possível observar um decréscimo percentual da cerâmica de cozinha em relação aos fabricos anteriormente apresentados, o que poderá ter como causa o número total acrescido de indivíduos identificados neste fabrico.

Os estudos dos fabricos locais/regionais de cerâmica comum são ainda pouco significativos, continuando a ser relegados para plano secundário em relação às ditas cerâmicas finas.

No território algarvio constata-se esta situação, sendo o número de estudos que se debruça sobre estas produções muito reduzido, traduzindo-se esta lacuna numa falta de conhecimento sobre os parâmetros associados à utilização, aquisição e propósito que estas produções teriam no quotidiano das populações do Algarve romano.

Uma exceção a esta regra é o estudo da coleção proveniente de Monte Molião de cerâmica comum, maioritariamente de carácter utilitário e de produção local (Arruda, Viegas, Bargão 2010). No total, o acervo de cerâmica doméstica comum de produção local é composto por 1039 (NMI). No conjunto a forma que mais se destaca é o pote/panela (34%), seguidos das tampas (22%) e dos pratos e copos, ambos com 14% (*idem*). Tudo aponta para que esta produção, de matriz alaranjada/avermelhada, tivesse por objetivo colmatar as lacunas de alguns

serviços, assumindo as funções destinadas ao quotidiano destas populações, nomeadamente a preparação e confeção de alimentos.

Já em *Balsa* a cerâmica comum de produção local é composta por 1525 (NMI), equivalendo a 46,2% de toda a cerâmica comum encontrada (Viegas, 2007: 82-83).

Estes valores não diferem muito dos que constatamos no lote em estudo. Consegue-se, igualmente, perceber que (tal como verificado no Monte Molião) as formas associadas aos serviços de cozinha para preparação e confeção de alimentos são as que dominam os respetivos conjuntos.

5.2.3. Cerâmica de Imitação de Produção Local/Regional

No conjunto estudado isolaram-se alguns exemplares que, apesar de aparentemente produzidas localmente, reproduzem, quase fielmente, modelos importados, nomeadamente de TS Africana D e Cerâmica de Cozinha Africana.

Pensamos poder designá-las por cerâmica de imitação ou inspiração de cerâmica importada. A análise destes materiais seguiu a metodologia utilizada por Catarina Viegas e Ana Margarida Arruda, para o estudo das cerâmicas de cozinha africana e as suas imitações do Monte Molião (2014), sublinhando que: “(...) apenas são tratados aqueles casos que, além de copiarem a forma propriamente dita, apresentam também detalhes morfológicos que fazem deles verdadeiras imitações.” (Viegas e Arruda, 2014: 249).

5.2.3.1. Classificação tipológica e descrição do fabrico

Ao todo isolaram-se 6 NMI que reproduzem 5 formas importadas bem conhecidas (Tabela 10).

Formas Imitadas	NMI	NMI%
Hayes 61	2	33,33
Hayes 59	1	16,67
Hayes 67	1	16,67
Hayes 23B	1	16,67
Hayes 197	1	16,67
Total	6	100%

Tabela 10 - Formas Imitadas em cerâmica de produção local

Hayes 59

Registou-se a presença de um fragmento de bordo em aba de um prato que se assemelha à forma Hayes 59 em Terra Sigillata Africana D. A forma original comporta duas variantes:

Variante A apresenta incisões na parede externa e data de 320 e 380/400 d.C. (Hayes, 1972: 96-100);

Variante B apresenta uma parede exterior e interior simples e sem decoração, situando-se entre 320 e 420 d.C. (*idem*).

O exemplar que damos à estampa (**Est. XXXVI- n.º 91**) (com 24 cm de diâmetro) parece associar-se à variante B porque exhibe uma parede interior e exterior simples e sem decoração.

Do ponto de vista tecnológico, este exemplar apresenta pasta com uma tonalidade castanha (com núcleo redutor), pouco compacta e bastante dura, com elementos não plásticos escassos e de pequena dimensão. Apesar do bordo aparentar estar queimado, pode-se observar a presença de fina película de engobe em ambas as superfícies.

Hayes 61

Conta-se com a presença de dois fragmentos de pratos baixos com parede curva e bordo triangular voltado para o interior que se poderá associar à forma Hayes 61 em TS Africana D. O modelo original possui duas variantes:

Variante A com bordo encurvado e aresta na ligação entre o bordo e a parede, situado entre 350-400/420 d.C. (Hayes, 1972:100-107).

Variante B com bordo vertical apresenta paredes mais altas que a variante A, estando datada entre 400-500 d.C. (Hayes, 1972: 100-107; Tortorella, 1981: 83).

Os exemplares em estudo (com diâmetro entre os 24 cm e os 30 cm) parecem integrar-se na variante A, devido à semelhança morfológica dos bordos (**Est. XXXVI- n.º 92 e 93**).

Ambas as peças apresentam pasta medianamente compacta e bastante dura, com e.n.p's de pequena dimensão e quantidade moderada. De cor alaranjada/acastanhada, terão tido uma cozedura oxidante, não obstante as manchas escuras exibidas na superfície exterior.

Hayes 67

No lote em estudo foi também possível identificar um exemplar (com 22 cm de diâmetro) que se inspira na forma Hayes 67, igualmente pertencente aos serviços de cerâmica fina norte africanos (TSAfricana D).

O modelo original corresponde a uma "tigela" de dimensões consideráveis ("large bowl" – Hayes, 1972: 112), que apresenta um bordo com dois desníveis, parede curva, fundo plano, e diâmetros variáveis entre os 20-45 cm. (Hayes,1972:112; Bonifay, 2004:171-173).

Apresenta **três Variantes** consoante as diferenças visíveis ao nível do bordo que se enquadram cronologicamente entre a segunda metade do século IV d.C. e a primeira metade do V (Bonifay 2004, pp. 171-173).

O exemplar identificado assemelha-se à **Variante C** por apresentar um lábio pendente arredondado, bem como os dois desníveis mais acentuados na parede, próprio desta variante tipológica (**Est. XXXVII- n.º 94**).

A peça apresenta pasta compacta, pouco dura (riscável com a unha), com e.n.p's de média dimensão em grande quantidade. A cor é avermelhada/alaranjada denunciando uma cozedura oxidante, embora seja visível um núcleo redutor, fruto de possíveis oscilações de temperatura durante o processo de cozedura. É ainda possível observar resquícios de um possível engobe na parte exterior da peça.

Hayes 23B

Refira-se ainda a comparência de um exemplar que nos remete para a forma em Cerâmica de Cozinha Africana Hayes 23B.

Trata-se de uma Caçoila com bordo voltado para o interior e fundo convexo e estriado no seu exterior (Hayes, 1972: 45). Como acima se mencionou, esta forma poderá surgir em **duas Variantes** que abarcam um período longo de produção entre o final do séc. I d.C. e os finais do séc. IV/inícios do séc. V (Hayes, 1972: 45 - 48; Tortorella, 1981: 217; Bonifay, 2004: 211).

A peça em causa (com 24 cm de diâmetro) parece associar-se à **Variante B** porque exhibe um lábio espessado no interior, uma maior dimensão e uma profundidade acentuada, próprias desta variante (**Est. XXXVII- n.º 95**).

Apresenta uma pasta medianamente compacta e bastante dura com e.n.p's. de pequena dimensão. Exibe uma cor alaranjada condizente com uma cozedura oxidante.

Hayes 197

Por fim é ainda necessário referir o aparecimento de um exemplar que nos remete para a forma de Cerâmica de Cozinha Africana Hayes 197.

Trata-se de um tacho de bordo arredondado e voltado para o exterior com pequeno sulco para o encaixe de tampa. Apresenta paredes verticais com caneluras nas superfícies interiores e exteriores e outra na ligação com o fundo côncavo (Hayes 1972: 209; Bonifay 2004: 225). Esta forma apresenta **três Variantes** consoante as diferenças visíveis ao nível do bordo, podendo-se enquadrar cronologicamente desde o final do século II até aos inícios do século IV d.C. (Hayes 1972: 209; Bonifay 2004: 225).

A peça em estudo (com diâmetro de 22 cm) encontra-se completa e parece assemelhar-se à **Variante Tardia** desta forma, porque apresenta uma parede mais alta e o bordo mais vincado que as outras variantes anteriores (**Est. XXXVII- n.º 96**). A pasta é de argila não calcária compacta e bastante dura e refinada, com uma textura fina. Apresenta poucos e.n.p's de pequeno calibre. Inclusões de mica e de quartzo. A sua cozedura é redutora, sendo a sua cor um cinzento claro. Apresenta ainda a superfície alisada.

É ainda necessário salientar que a imitação desta forma, produzida localmente, tem paralelos no Monte Molião. As imitações de Hayes 197 em Monte Molião, representam cerca de 9% de toda a cerâmica produzida localmente (Arruda e Viegas, 2014:249).

5.2.3.2 Análise e discussão do conjunto

O grupo das imitações é muito residual (1,72%) dentro das cerâmicas de produção local. Trata-se de um fabrico que constitui um fenómeno de reduzida expressão que representa apenas 1% do total da coleção provenientes dos contextos de colmatação/abandono da R.F.B n.º 32.

Os seis exemplares identificados, dividem-se em 5 formas, inspiradas na TS Africana D e na cerâmica de cozinha Africana. Estão presentes as formas Hayes 61 (2 NMI), a Hayes 59 (1 NMI), a Hayes 67 (1 NMI), a Hayes 23B (1 NMI) e a Hayes 197 (1 NMI).

Em termos cronológicos, estes modelos, principalmente as formas de TS Africana D, têm uma cronologia muito próxima, que surge delimitada entre os meados do século IV e os inícios do século V. Já no grupo das cerâmicas de cozinha Africana, as formas Hayes 23b e Hayes 197, começam a ser produzidas a partir do final do século I d.C. e do final do século II d.C., respetivamente. No entanto, este fabrico só começa a chegar ao Sul da Lusitânia no final do século II d.C. (Viegas e Arruda, 2014: 253). É então possível afirmar, que a imitação destas formas tem de ser posterior ao início da sua produção. Parte-se igualmente do pressuposto de que estas cerâmicas de imitação produzidas localmente, constituem um meio de preencher a

ausência no mercado dos modelos originais, fruto de algum momento em que possa ter existido uma quebra da sua exportação originária do Norte de África.

Salienta-se, igualmente, que só neste fabrico se regista a presença de pratos. Situação que nos leva a indagar sobre a possibilidade desta forma em particular ser quase que exclusivamente assegurada por fabricos mais finos, nomeadamente *Sigillatas*. No entanto, este facto só poderá ser atestado com a continuidade dos estudos sobre cerâmica provenientes das restantes unidades estratigráficas, podendo esta situação estar estreitamente relacionada com mudanças do hábito alimentar ou dos rituais de comensalidade

5.3. Cerâmica de Proveniência Indeterminada

5.3.1. Cerâmica de Matriz Acastanhada

5.3.1.1. Caracterização do Fabrico

Incluem-se neste conjunto todas as peças que apresentam pastas de tonalidade acastanhada – cozedura oxidante. As pastas são medianamente compactas, com uma quantidade média de elementos não plásticos, com variações de médio a grande calibre. Apresentam inclusões de mica e de feldspato de média dimensão, além da presença de alguns vácuos. De modo geral a cor oscila entre o acastanhado e o acastanhado avermelhado/alaranjado. No entanto, algumas peças apresentam o interior/cerne mais enegrecido, fruto de variações de temperaturas durante o processo de cozedura. Regista-se também a presença de um engobe (ou aguada) branco sobre a superfície exterior de algumas peças.

Deve-se aqui assumir abertamente que fomos tentados em associar este fabrico às produções Béticas dadas as semelhanças tipológicas de algumas peças. No entanto, pareceu-nos mais prudente, na ausência de análises químicas e petrográficas e de paralelos com esses fabricos importados incluir, por enquanto, estas produções neste grupo de proveniência indeterminada.

Consequentemente determinou-se que a cerâmica de Matriz Acastanhada representa 85,19% da totalidade deste grupo, enquanto, que a cerâmica Modelada à Mão representa apenas 14,81% das cerâmicas de Proveniência Indeterminada.

Este fabrico é composto por um universo de 23 indivíduos que representam 4,05% do total da coleção.

5.3.1.2. Classificação Morfo -Tipológica

No total foram aqui incluídos 23 NMI. Constata-se a presença maioritária de exemplares incluídos nos serviços de cozinha (alguidares e almofarizes – 17 NMI) que representam 74% do total deste fabrico (**Tabela 11**). Para além destas, regista-se a presença quase residual de peças integradas nos serviços de mesa (uma taça e um cântaro - 9%) e de armazenamento (4 talhas – 17%).

Categorias Funcionais	Formas Cerâmica acastanhada	NMI	NMI%	% por categoria funcional
Cerâmica de Mesa	Taça	1	4,35	8,70
	Cântaro	1	4,35	
Cerâmica de Cozinha	Alguidares	12	52,17	73,91
	Almofarizes	5	21,74	
Armazenamento	Talhas	4	17,39	17,39
	5	23	100%	100%

Tabela 11- Distribuição das formas do fabrico matriz acastanhada

Cerâmica de Mesa:

O serviço de mesa é quase residual neste fabrico, estando representado apenas por uma taça e um cântaro (1 NMI).

A **taça** (com 20 cm de diâmetro) apresenta bordo ligeiramente voltado para o interior e espessado para o exterior (**Est. XXXVIII- n.º 97**). De forma hemisférica destaca-se, igualmente, pela pega horizontal junto ao bordo que ostenta decoração digitada.

Destaca-se, ainda, a presença de um bordo em gancho com lábio digitado do que poderá ser um cântaro com 19cm de diâmetro (**Est. XXXVIII- n.º 98**).

Cerâmica de Cozinha:

Também neste rico o serviço de cozinha prevalece sobre as demais categorias funcionais. No entanto, regista-se uma diminuição da diversidade formal, estando apenas representados os alguidares (12 NMI) e os almofarizes 5 (NMI).

Os **alguidares** identificados foram integrados em 4 variantes tipológicas distintas.

A **1.^a Variante** (6 NMI) de bordo em aba simples com parede reta e pouco envasada (**Est. XXXIX- n.º 99 e 100**), apresenta um diâmetro que varia entre os 29 cm e os 40 cm. Os 3 indivíduos de maior dimensão distinguem-se ainda por apresentar lábio recortado e digitado (**Est. XL- n.º 101**).

A **2.^a Variante** conta apenas com um exemplar de bordo com lábio espessado externamente e que se encontra decorado com digitação, (**Est. XL- n.º 102**).

A **3.^a Variante** (2 NMI) apresenta bordos espessados com lábio decorado com traços incisos, de onde surgem asas horizontais (**Est. XLI- n.º 103 e 104**). O único diâmetro definido aponta para peças de grande dimensão que podem atingir os 44cm de diâmetro. Nestas peças é facilmente visível a presença de uma camada de engobe branco sobre o lábio.

Apenas se identificaram dois tipos de **almofarizes**. A **1.^a Variante** (3 NMI) apresenta o bordo apumado com aba horizontal alongada. Nalgumas peças, que podem atingir os 31 cm de diâmetro, é perceptível a existência de um bico vertedor. Na superfície interna é visível a presença de segmentos de linhas incisivas verticais que deveriam facilitar o processo de trituração dos ingredientes (**Est. XLII- n.º 105**).

Este modelo apresenta semelhanças com os almofarizes A1 de Troia. Neste local inserem-se nos níveis datados entre o final do século IV e a primeira metade do século V (Santos, 2018: 60-61). De igual modo, em São Cucufate esta variante assemelha-se à forma de almofarizes IV-E-3, que “*nunca têm estrias, mas podem ter vertedouro*” (Pinto, 2003: 331-333). Neste caso, a datação recua um pouco até os meados do séc. II, estando também presente em níveis que alcançam os meados do séc. V d.C. (Pinto, 2003: 331).

A **2.^a Variante** (2 NMI) apresenta o bordo menos destacado e uma aba com caneluras, bem como um diâmetro de 26 cm (**Est. XLII- n.º 106**).

A cerâmica de matriz acastanhada apresenta uma pasta medianamente grosseira e equivalente ao que se assiste nas produções locais. No entanto, a causa para se integrar este fabrico no grupo dos de proveniência indeterminada reside na presença de uma panóplia formal e até tipológica muito semelhante às produções Béticas, como é o caso dos almofarizes de bordo apumado com aba horizontal alongada (**Est. XLII- n.º 105**) (Pinto e Morais, 2007: 247). Isto é, produções com semelhanças tecnológicas com os fabricos locais, mas filiando-se ao nível morfo-tipológico com os exemplares de proveniência Bética.

Cerâmica de Armazenamento:

Ao nível das Cerâmicas de Armazenamento salienta-se a presença de um único modelo de **talha** (4 NMI) onde é visível a presença de engobe na superfície exterior.

Estes grandes recipientes revelam um bordo introvertido, amendoado ou arredondado, mais espessado que a parede que apresenta uma forma esférica ou ovoide. Evidencia-se ainda a presença de duas asas que arrancam do início do bojo (**Est. XLIII- n.º 107**).

5.3.2. Cerâmica Modelada à Mão (B4)

5.3.2.1. Classificação Tipológica e descrição do fabrico

Inclui-se neste grupo um conjunto formado por 4 NMI que foi modelado manualmente. As pastas são pouco compactas e até grosseiras, com uma quantidade considerável de elementos não plásticos (e.n.p's), que oscilam entre o médio e grande calibre. É possível perceber a presença de mica e de feldspato de média a grande dimensão, e de alguns vácuos. De um modo geral, a cor da pasta oscila entre um avermelhado/alaranjado a um acastanhado. Apesar da cozedura oxidante, a superfície enegrecida demonstra que terão sofrido um arrefecimento redutor. As superfícies externas denotam, igualmente, um tratamento cuidado polido, senão mesmo brunido.

As quatro peças identificadas assumem a mesma forma que se optou por designar de grande taça (com diâmetros que oscilam entre os 26 cm e os 27 cm). Esta forma hemisférica é rematada por bordo vertical. Na pança foram aplicados segmentos de cordão plástico que se apresenta digitado (**Est. XLIV- n.º 108, 109**).

As cerâmicas modeladas à mão correspondem a 0,70% do total da coleção (**Tabela 2**), sendo o fabrico com a expressão mais reduzida, dentro desta coleção. Mesmo dentro do grupo das cerâmicas de proveniência indeterminada surgem com números pouco expressivos não ultrapassando os 14,81% da totalidade.

Persistem, no entanto, as dúvidas quanto à sua funcionalidade. Apesar de as designarmos por grandes taças parece estarmos na presença de recipientes que terão servido na cozinha. Fica também por esclarecer se, ali, estariam afetas à preparação ou confeção de alimentos. Por estes motivos chegou-se a ponderar designar este tipo de recipientes de caçoilas ou tachos, mas a ausência de fuligem exterior levou a ponderar melhor essa possibilidade. O próprio tratamento superficial cuidado parece invalidar essa hipótese de ter estado em contacto com o fogo.

A sua proveniência continua a ser uma incógnita. Inicialmente cogitou-se a possibilidade de tratar-se de peças provenientes da ilha de *Pantelleria* – (*Pantelleria Ware*), uma produção destinada ao serviço de cozinha e de uso ao fogo. Apresenta similitude a nível de fabrico, tendo a cerâmica de *Pantelleria* um aspeto grosseiro devido à sua modelação manual ou a torno lento. Apresenta ainda uma superfície castanha-escura, resultado do processo de cozedura irregular e do uso contínuo ao fogo (Santos, 2018: 103). Apesar dessas semelhanças, não se encontraram paralelos morfológicas dentro daquelas produções.

Recentemente, num trabalho que apresenta o estudo de uma coleção cerâmica proveniente de *Septem Frates* (Ceuta) (Vargas Girón, *et al.*, 2020: 89), surge destacada uma peça com semelhanças evidentes. Apesar de não se tratar de um verdadeiro paralelo morfológico, sobressai a identidade com o fabrico aqui registado – não só ao nível das pastas como também das superfícies. A peça é proveniente de um contexto datado do séc. IV.

A proximidade entre *Septem Frates* e *Ossonoba*, foi recentemente constatada através da presença de um peso de rede recolhido na intervenção da R. Francisco Barreto e que nos remete para peças similares encontradas (Rasteiro, Silva e Botelho, 2020:1432) também em Tahaddart. Abre-se, de certo modo, aqui uma linha de estudo possível e que nos encaminha para a perceção da existência de contatos e uma estreita ligação comercial entre o Algarve e esta região da Mauritânia Tingitana.

6. Considerações Finais

A análise da cerâmica utilitária proveniente dos contextos de abandono/colmatação da R.F.B n.º 32, permitiu reunir um conjunto de dados importante, e que se poderá proporcionar o cruzamento com os usos e costumes do quotidiano de uma realidade concreta de finais do séc. V – inícios do séc. VI d.C. A comunidade, utilizadora e consumidora destes bens, relaciona-se com um dos mais significativos estabelecimentos portuários do Sul da Lusitânia. A sua localização privilegiada favorece o estabelecimento de contatos e redes comerciais com o restante Império Romano, principalmente orientada para o Mediterrâneo. A este título, salienta-se que mesmo tratando-se de cerâmica utilitária de uso comum, conseguiu-se estabelecer a relação com mercados exógenos, destacando-se a presença significativa de importações oriundas da província da Bética e menos numerosas do Norte de África. O padrão verificado no presente estudo vai de encontro às realidades constatadas noutros trabalhos que incidem sobre *Ossonoba* e *Balsa*. (Viegas, 2012: 407-417).

Uma das maiores limitações sentidas durante esta abordagem analítica foi a escassez de estudos de referência e comparativos, sobretudo e neste caso concreto, para o território hoje denominado de Algarve. A cerâmica de uso comum ou utilitária é ainda hoje menos procurada para este tipo de estudos e surge numa posição secundária relativamente ao estudo das cerâmicas ditas finas ou mesmo dos recipientes anfóricos. Esta situação é prejudicial, impossibilitando atingir uma visão de conjunto e perceber o peso de cada uma destas categorias materiais na vivência quotidiana destas populações.

No caso dos contextos de abandono/colmatação da R.F.B n.º 32, contava-se já com a informação disponibilizada pelo estudo das cerâmicas finas tardo-antigas. Mesmo que o material anfórico ainda se encontre em fase de estudo é possível estimar que o abandono do sítio e os respetivos contextos de proveniência, se possam situar algures pelo início do século VI (Fernández *et al.*, *no prelo*). Apesar disso, tratando-se de níveis sobretudo de colmatação de cetárias, que terão sido preenchidas com o lixo disponível após o seu abandono, torna-se difícil rastrear qual a cerâmica utilitária estudada que de facto se pode associar a esta cronologia. Queremos com isto dizer que, tendo até em conta alguns paralelos formais que fomos evidenciando, nos parece que muito desta coleção poderá ter uma natureza residual e uma datação claramente anterior ao seu contexto de deposição.

Na sua maioria, as peças identificadas integram-se nos serviços de mesa e de cozinha, o que nos permite imaginar como seria composta a mesa de refeição desta comunidade, bem como a panóplia formal utilizada na preparação e confeção dos alimentos.

Relativamente à cerâmica de mesa e ao nível do consumo de alimentos regista-se a presença de taças, mas em simultâneo a ausência de pratos. Como acima se fez notar, os únicos pratos registados em cerâmica comum, imitam formas de cerâmica fina em *terra sigillata* africana D. Para além de ser um bom indicador cronológico, denota também uma proximidade com um modelo cultural. Durante o império bizantino, nomeadamente durante o século VII d.C. temos indícios de que: “*centrally placed on the table, these large dishes were obviously used communally by all diners with their fingers for the main course.*” (Vroom, 2012: 360-362). Somos tentados a problematizar esta questão. Será que a ausência de pratos nos indica uma alteração dos rituais de comensalidade? Será que os pratos individuais de pequeno diâmetro estão ausentes nas mesas destas comunidades no séc. V-VI d.C. Muitos fatores poderão ter contribuído para este indicador que é sugestivo de uma alteração com o que se regista em períodos mais recuados. Mas esta relação de proximidade com um novo conceito sociocultural não pode, a nosso ver, ser para já descartado.

Ao nível do consumo ou ingestão de líquidos, ficamos sem perceber se os múltiplos modelos de taças poderiam ter essa função. Na verdade, o serviço de líquidos estaria reservado a jarros/bilhas quer de fabrico Bético como em produção local. Registe-se a dificuldade que nos oferecem os púcaros. A sua múltipla função leva-nos a equacionar que ao mesmo tempo que poderiam ser utilizados para ingestão líquidos, poderiam igualmente ter uma qualquer função relacionada com a preparação de alimentos. A ausência de fuligem exterior, bem como a presença de decoração incisa no exterior de algumas peças, leva-nos a integrá-los nos serviços de mesa.

A cerâmica de cozinha é maioritária face aos serviços de mesa (**Tabela 12**). Na verdade, enquanto a cerâmica de mesa poderia ser complementada com outros fabricos mais refinados, os trens de cozinha, quer para preparação quer para confeção de alimentos, terão sido produzidos exclusivamente neste tipo de fabricos mais comuns. Este fator poderá assim justificar a supremacia de NMI's de cozinha face aos de mesa.

Relativamente à panóplia formal destinada à preparação e confeção dos alimentos verificam-se, igualmente, alguns padrões. Os potes/panelas são a forma dominante entre o serviço de cozinha. (**Tabela 12**)

Estão associados à confecção de alimentos, sobretudo cozidos e sopas. Seguidamente, e por uma margem curta, contam-se os alguidares. É necessário ressaltar que este tipo de recipientes terá aqui uma função específica no âmbito da preparação de alimentos. Tal como já foi referido anteriormente, tanto alguidares como almofarizes poderão ter neste tipo de sítios (oficinas de salga) funções preponderantes ao nível da preparação dos preparados piscícolas e molhos aqui confeccionados.

Relativamente à facilidade de aquisição de produtos cerâmicos, devemos supor que este local, estando inserido numa região produtora, teria ao seu dispor e acesso, fabricos cerâmicos com baixo custo de produção, idealmente de conjuntos cerâmicos comum com diversas funcionalidades utilitárias. Mas, no entanto, e como vimos, este local não possuía a capacidade para ser autossuficiente ao nível da produção de cerâmicas. Parece-nos, por isso, plausível inseri-lo no modelo mediterrâneo de produção e difusão de cerâmica comum, proposto por M. Picon e G. Olcese (1995), no qual a cerâmica destinada a ir ao fogo seria preferencialmente de produção local/regional e a cerâmica de mesa seria importada, neste caso da Bética e do Norte de África. Ainda assim, a realidade observável pode não ser tão linear como se entende com aquele modelo, sendo que as importações apenas constituem 33,80% do total da coleção (**Tabela 2**).

Com efeito, no âmbito da cerâmica importada, observa-se claramente a predominância dos fabricos Béticos (74,09%) em detrimento das cerâmicas de Cozinha Africana (25,91%). Poder-se-á explicar esta preferência, dada a maior proximidade geográfica com aquele território e província. Essa relação de vizinhança traduz-se numa maior facilidade de obtenção destes recipientes, e o baixo custo do seu transporte e conseqüente aquisição. Porém, é necessário ter em conta, tal como já referido, o caso de Monte Molião que ao longo das suas fases de ocupação se vai verificando um aumento exponencial do uso da cerâmica de Cozinha Africana em desfavor da cerâmica Bética e da cerâmica de produção local (Viegas e Arruda, 2014: 249-257). De momento, não podemos inferir sobre esta matéria, uma vez que continuam por analisar os níveis alto-imperiais e a respetiva cerâmica utilitária daí proveniente. Só a continuidade do estudo permitirá comparar, neste local, os padrões de utilização e aquisição entre Alto e Baixo império.

Ao nível da cerâmica Bética, gostaríamos de sublinhar aquilo que nos parece ser uma clara complementaridade entre algumas formas que se integraram no serviço de cozinha, como os alguidares e os almofarizes, e a função do espaço onde foram recolhidas – uma oficina de preparação de salga de peixe e preparados piscícolas. Com efeito, a elevada taxa de incidência

deste tipo de recipientes (representam 43,36% do total de cerâmica bética) (**Tabela 4**) deverá estar associada à sua relevância durante o processo de transformação daqueles produtos.

Relativamente ao grupo das cerâmicas de proveniência indeterminada foi possível apurar que a cerâmica de matriz Acastanhada representa 85,19% da totalidade deste grupo, enquanto, que a cerâmica Modelada à Mão representa apenas 14,81%.

Os fabricos que designamos de proveniência indeterminada, levantam várias questões e põem em evidência a escassez de estudos sobre esta temática para esta região. Para já, algumas particularidades morfo-tipológicas dão-nos indicação de algumas opções. Algumas das formas representadas no caso das cerâmicas de matriz acastanhada apresentam semelhanças com a panóplia formal constatada para os fabricos Béticos. Serão as cerâmicas acastanhadas provenientes de um centro de produção localizado na província vizinha da Bética para o qual não dispomos ainda de informação? Ou serão já imitações locais daquelas produções comuns provenientes da Bética? Não estamos, neste momento, capazes de sustentar nenhuma destas possibilidades.

Por outro lado, para as cerâmicas modeladas à mão dispomos de uma pista sustentada pelo paralelo encontrado em *Septem Frates* (Ceuta) (Vargas Girón, *et al.*, 2020: 89). Relembramos que outros materiais recolhidos nesta intervenção, como os pesos de rede (Rasteiro, Silva e Botelho, 2020: 1432) revelavam já uma possível proveniência da província da Mauritânia Tingitana devido aos paralelos estabelecidos com peças identificadas em Tahaddart e *Septem Frates*, evidenciando a existência de um estreitamento de relações com o Norte de África.

O resultado da investigação que aqui se apresenta é mais do que a simples recolha de dados e a sua discussão. É também um despoletador de questões. Nunca tivemos a ambição de que esta dissertação se convertesse num estudo conclusivo e totalmente fechado. Pelo contrário, e não só porque apenas se estudaram os contextos de abandono/colmatação, mas também devido às muitas questões deixadas em aberto, este trabalho deve ser visto como um pequeno contributo para o conhecimento destas produções. Esperemos que possa vir a acrescentar conhecimento sobre a cerâmica utilitária de uso comum e sobre as comunidades que delas se serviram.

Categorias Funcionais	Formas	Fabricos							Total
		Bética	CC Africana	C. Cinzenta	C. Vermelha	Imitação	C. Castanha	Modelada à mão	
Cerâmica cozinha	Alguidares	49	-	-	41	-	12	-	102
	Almofarizes	13	-	-	-	-	5	-	18
	Potes/Panelas	22	-	20	67	-	-	-	109
	Caçoilas	-	7	7	40	1	-	-	55
	Bacias	10	-	-	-	-	-	-	10
	Frigideira	1	-	-	-	-	-	-	1
	Tacho	-	15	-	-	1	-	-	16
	Funil	-	-	-	1	-	-	-	1
Cerâmica Mesa	Taças	20	-	8	43	1	1	4	77
	Jarros/Bilhas	10	-	-	24	-	-	-	34
	Cálice	1	-	-	-	-	-	-	1
	Potinhos	-	-	2	-	-	-	-	2
	Púcaros	-	-	-	27	-	-	-	27
	Cântaro	-	-	-	-	-	1	-	1
	Pratos	-	1	-	-	3	-	-	4
Cerâmica de armazenamento	Talhas/ <i>Dolium</i>	3	-	-	5	-	4	-	12
Uso complementar	Tampas	4	27	7	24	-	-	-	62
Formas Indeterminadas		10	-	4	22	-	-	-	36
Total		143	50	48	294	6	23	4	568

Tabela 12 – Quadro geral de formas e fabricos.

7- Referências Bibliográficas

ALARCÃO, J. (1968) – Vidros romanos de museus do Alentejo e Algarve. In *Conimbriga*. Coimbra, 7, p. 1-33.

ALARCÃO, J. (1974) - *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*, Coimbra.

ALARCÃO, J. (1976) - Céramiques communes d'importation. In ÉTIENNE, R.; ALARCÃO, J., eds. - *Fouilles de Conimbriga Vol. VI: céramiques diverses et verres*. Paris: De Boccard, p. 71-74

ALARCÃO, J. (1988a) – *Roman Portugal*. Gazetteer. 6. Évora, 7. Lagos, 8. Faro. Vol. II, fasc. 3. Warminster: Aris & Philips Lda.

ALARCÃO, J. (1988b) – *O domínio romano em Portugal*. Mem -Martins: Publicações Europa América (Forum da História).

ALARCÃO, J. (1989) [Recensão de] Edmonson, J. C. – Two industries in Roman Lusitania: mining and garum production. Oxford: Archaeopress (1987) (BAR Int. Series 362), vol I, p. 355. *Conimbriga*. Coimbra, 28, p. 236 -243.

ALARCÃO, J. (1990) – Identificação das cidades da Lusitânia portuguesa e dos seus territórios. In GORGES, J. G. ed. – *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchies et Territoires*. Table ronde internationale du Centre National de Recherche Scientifique. (Talence 1988). Paris: CNRS (Coll. Maison des Pays Ibériques; 42), p. 21 -34.

ARRUDA, A. M.; GONÇALVES, L. J. (1993) – Sobre a Romanização do Algarve. In *Actas do II Congresso peninsular de História Antiga (1990)*. Coimbra: Universidade de Coimbra, p. 455-465.

ARRUDA, A. M. (1999a) - O Algarve no quadro geocultural do Mediterrâneo antigo. In M.G. M. Marques (Ed.) *O Algarve da antiguidade aos nossos dias (elementos para a sua história)* (pp.21-22). Lisboa: Colibri.

ARRUDA, A. M. (1999b) - O Algarve nos séculos V e IV a.C. In M. G. M. Marques (Ed.) *O Algarve da antiguidade aos nossos dias (elementos para a sua história)* (pp.23-31). Lisboa: Colibri.

ARRUDA, A. M. (2012) - O Algarve Romano na Rota Atlântica do Comércio Romano. In B. Mora Serrano & G. Cruz Andreotti (Coord.) *La etapa neopúnica en Hispania y el 119 Mediterráneo centro occidental: identidades compartidas*. Sevilla: Universidad de Sevilla.

ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (2004) - Les mortiers de l'Alcáçova de Santarém (Portugal). In *Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule: actes du Congrès de Vallauris, 20-23 mai 2004*. Marseille: Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 341-349.

ARRUDA, A. M., BARGÃO, P. & SOUSA, E. (2005) - A ocupação pré-romana de Faro: alguns dados novos, In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8 (pp. 177-208). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

ARRUDA, A. M., BARGÃO, P. & VIEGAS, C. (2005) – As ânforas da Bética costeira na Alcáçova de Santarém. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8 (pp. 279-297). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P. (2010) – A cerâmica comum de produção local de Monte Molião. *Xelb*, Silves. 10, p. 285 -304. (Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve).

BELTRÁN LLORIS, M. (1970) – *Las ánforas romanas en España*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico (CSIC)/Fundación Pública de la Excma. Diputación de Zaragoza.

BELTRÁN LLORIS, M. (1990) – *Guía de la Cerámica Romana*. Zaragoza: Libros Pórtico.

BERNARDES, J. P. (2004) - Sobre o Litoral Algarvio no Período Imperial Romano. In M. C. Lopes & R. Vilaça (Coord.) *O Passado em Cena – narrativas e fragmentos*. Miscelânea oferecida a Jorge de Alarcão (pp. 247-260). Coimbra/Porto.

BERNARDES, J. P. (2005) – As necrópoles de Ossonoba. *Morrer em Faro há 2000 anos*. In *Caminhos do Algarve Romano*, Catálogo da Exposição, Faro: Câmara Municipal, p. 26 – 34.

BERNARDES, J. P. (2006) – Faro romana: Ossonoba e Milreu. *Monumentos*, 24. Lisboa, DGEMN, p. 12 -17. (Dossiê: Faro, de vila a cidade).

BERNARDES, J. P. (2011) - A Cidade de Ossonoba e o Seu Território. In *Anais do Município de Faro*, XXXVII (pp.11-26). Faro: Câmara Municipal de Faro.

BERNARDES, J.P. (2014) - Ossonoba e o seu território: as transformações de uma cidade portuária do sul da Lusitânia. In VAQUERIZO GIL, D.; GARRIGUET MATA, J.A.; LEÓN MUÑOZ, A., eds. – *Ciudad y territorio: transformaciones materiales e ideológicas entre la época clásica y el Altomedioevo*, *Monografías de Arqueología Cordobesa*. Córdoba. 20, p. 355-366.

BERNARDES, J. P. (2017) - O sistema portuário de Ossonoba. In J. M. Campos Carrasco & J. B. Meléndez (Ed.) *Los Puertos Atlánticos Béticos y Lusitanos y su relación comercial con el Mediterráneo, Hispania Antigua, Serie Arqueológica*, 7 (pp.391-398). Huelva: Universidad de Huelva.

BERNARDES, J. P., FERNÁNDEZ Sutilo, L., CAMPOS CARRASCO, J. M. & PEREIRA, C. (2014). El mundo funerario del extremo suroccidental de Hispania a través de dos ciudades: Ossonoba versus Onoba. In *Revista Onoba*, 2 (pp.127-127).

BERNARDES, J. P. & ENCARNAÇÃO, J. d'. (2018). O Templo Romano de Faro. In *Anais do Município de Faro*. Faro: XL, p. 17-38. Câmara Municipal de Faro.

BERNARDES, J. P.; BOTELHO, P.; MARTINS, A.; SANTOS, F. (2020) – Ossonoba (Faro, Portugal) In *La arquitetura doméstica de la Lusitania romana*. Mérida: Myrta 6. pp.227-232.

BONIFAY, M. (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d’Afrique*. Oxford: Archaeopress (BAR Int. series 1301).

BOTTO, J. M. P. (1896) – Notícia do Museu Archeologico de Faro. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, S. I. 1, p. 25 -27.

BOTTO, J. M. P. (1898) – Ichnographia parcial das construções luso -romanas de Milreu (Estoi, – Algarve). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. I. 4, p. 158 -160.

BOTTO, M. C. (1899) – *Glossario Critico dos Principaes monumentos do Museu Archeologico Infante D. Henrique*. Faro: Typographia E. Seraphim.

CARDOSO, J. L. (2007) – Vida e obras de Estácio da Veiga. In *XELB 7. Encontro de Arqueologia do Algarve, 4, Silvas, 2006- “Percurso de Estácio da Veiga: actas”*. Silves: Câmara Municipal de Silves. p. 15-72.

DELGADO, M. (1968) – *Terra sigillata* clara de museus do Alentejo e Algarve. *Conimbriga*. Coimbra. 7, p. 41-65.

DESERTO, J.; PEREIRA, S. (2016) - *Estrabão, Geografia. Livro III: introdução, tradução do grego e notas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis- Subsídios para o Estudo da Romanização*, 2 vols. Coimbra: Instituto de Arqueologia.

ENCARNAÇÃO, J. d' (2016) – Epigrafia Romana do Algarve. In *Promontoria Monografia 03. Apontamentos para a História das culturas de escrita: da Idade do Ferro à era digital*. Faro: CEPAC, FCHS UAlg. p.45-65.

FABIÃO, C. (1994) – Garum na Lusitânia rural? Alguns comentários sobre o povoamento romano do Algarve. In GORGES, J. -G.; SALINAS de FRÍAS, M., eds. – *Les campagnes de Lusitanie romaine. Occupation du sol et habitats*. Table ronde internationale (Salamanca, 1993). Madrid/Salamanca, p. 227 -252.

FABIÃO, C. (1999) – O Algarve romano. In MARQUES, M. G. M., ed. – *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias*. Lisboa, p. 33 -51.

FABIÃO, C. (2000) - O Sul da Lusitânia (Algarve Português) e a Bética: concorrência ou complementaridade? In *Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae, Conservas, aceite y vino de la bética en el Imperio romano*, Écija e Sevilha, Dezembro de 1998. Écija: Gráficas Sol, p.717-730.

FABIÃO, C. (2007). Estácio da Veiga e a exploração de recursos marinhos no Algarve, em época romana. In *Xelb, 7* (Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve, Percursos de Estácio da Veiga). Silves, p.131-142.

FABIÃO, C. (2009) - Cetárias, ânforas e sal: a exploração de recursos marinhos na Lusitania. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 17, p. 555-594. Câmara Municipal de Oeiras.

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ A., SILVA, R. C., BOTELHO, P., SANTOS, F. (no prelo): Vajillas finas importadas tardoantiguas de los niveles de abandono de la factoría de salazones de la calle Francisco Barreto en Faro (Portugal). LRCW7, Valencia, 2019.

FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (2004) – Alfares y producciones cerâmicas en la provincia de Jaén. Balance y perspectivas. In *Figlinae Baeticae. Talleres alfarefos y producciones cerâmicas en la Bética romana* (ss. II a.C.-VII d.C.), vol. 1, Oxford, p. 239-272.

GAMITO, T. J. (1983) – Breve apontamento sobre o povoamento do Algarve desde a pré-História até à época romana e o seu condicionalismo geográfico. *Anais do Município de Faro*. Faro. 13, p. 331 -358.

GAMITO, T. J. (1991) – Contribuição da Arqueologia para o estudo da evolução urbana de Faro. In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas* (Lisboa 1990). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 19 -26.

- GAMITO, T. J. (1992) – Cemitério romano do século II/III – Faro, Rua das Alcaçarias. *Conimbriga*. Coimbra. 31, p. 99 -118.
- GAMITO, T. J. (1994) – Faro. Polícia Judiciária. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 9, p. 115 -117.
- GAMITO, T. J. (1997) – A cidade de *Ossonoba* e o seu território envolvente. In BARATA, F.; PARREIRA, R., coord. – *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, p. 343 – 359.
- GAMITO, T. J. (2007) - *O Algarve e o Margreb (711-1249)*. Faro: Universidade do Algarve.
- GASPAR, J. (1993) - *As regiões portuguesas*. Lisboa: Ministério do Planeamento e da Administração do Território/Sec. Estrado do Planeamento e desenvolvimento.
- HAYES, J. W. (1972) – *Late Roman pottery*. The British School at Rome. Londres.
- HÜBNER, E. (1871) – *Notícias archeológicas de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia.
- MAGALHÃES, A. P. BRUM, P. e PINTO, I. (2014) - The significance of African cooking ware in Lusitania: the case of Tróia (Portugal). *Rei Cretariae Romanae Favtorvm Acta* 43, pp. 701-708.
- MAIA, M. (2004) - *Relatório preliminar das sondagens arqueológicas realizadas no terreno da Rua Infante D. Henrique nº 58 - 60, Faro*. Tavira: Associação do Campo Arqueológico de Tavira.
- MANTAS, V. (1986) – Arqueologia urbana e fotografia aérea: contributo para o estudo do urbanismo antigo de Santarém, Évora e Faro. *Trabalhos de Arqueologia*, 3, (Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana – Setúbal 1985). Lisboa, p. 13 -26.
- MANTAS, V. (1990) – As cidades marítimas da Lusitânia. In GORGES, J.G. -, eds. – *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchies et Territoires*. Table ronde internationale du Centre Nacional de Recherche Scientifique. (Talence 1988). Paris: CNRS (Coll. Maison des Pays Ibériques;42), p. 149 -205.
- MANTAS, V. (1993) – A cidade Luso romana de Ossonoba. In *Actas del I Coloquio de Historia Antigua de Andalucia*. Córdoba, p. 515 -537.
- MANTAS, V. (1997a) – As civitates: esboço da geografia política e económica do Algarve Romano. In BARATA, F.; PARREIRA, R., coord. – *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, p. 283 -309.

MANTAS, V. (1997b) – Os caminhos da serra e do mar. In BARATA, F.; PARREIRA, R., coord.– *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, p. 311 -325.

MANTAS, V. (1999) – As *Villae* marítimas e o problema do povoamento português na época romana. In GORGES, J. -G. e GÉRMAN, F., eds. – *Économie et territoire en Lusitanie romaine*. Madrid, p. 135 -156.

MARQUES, M. T., coord., ARAÚJO, A. C., FARIA, A. M., NUNO. C. S., PINHEIRO, D. P. e LOURENÇO, F. S. (1995) – *Carta Arqueológica de Portugal, concelhos de Faro, Olhão, Tavira, Vila Real de Santo António, Castro Marim e Alcoutim*. Lisboa: SEC/IPPAR.

MARTINS, A. (2019) – *Contributo para o estudo da cidade romana de Ossonoba: A terra sigillata da Rua Infante D. Henriques nº 58-60*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Ambiente apresentada à Universidade de Évora.

MORAIS, R. (2004) - Os almofarizes béticos em *Bracara Augusta*. In BERNAL, D.; LAGÓSTENA, L., eds. - *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana*. Vol. II. Oxford: Archaeopress (BAR Internacional Series; 1266), p. 567-570.

NOLEN, J. U. S. (1994) – *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares, Balsa, incluindo o espólio ósseo e medieval*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, Museu Nacional de Arqueologia, Instituto Português de Museus.

OLCESE, G.; PICON M. (1995) – Ceramica in archeologia e in archeometria: qualche riflessione metodológica sulle determinazioni di origine. In *Archeologia Medievale*. Florença XXII, p.429-432.

PEREIRA, A. (2003 -2004) – Terra sigillata do Largo da Sé – Faro. *Anais do Município de Faro*. Faro.31-32, p. 61 -76.

PEREIRA, C. (2012) - Lucernas romanas de Ossonoba (Faro, Portugal). Um contexto ambíguo. In *Habis*, 43 (pp.119-147). Sevilla: Universidad de Sevilla.

PEREIRA, C. (2014) - *As necrópoles romanas do Algarve - Acerca dos Espaços da Morte no Extremo Sul da Lusitânia*. Lisboa: Doutoramento em História, especialidade em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

PEREIRA, C. (2018) - As lucernas romanas no ocidente. In *Anais do Município de Faro*, XL (pp.41-61). Faro: Câmara Municipal de Faro.

PEINADO ESPINOSA, M.A. (2017) – Cerámicas comunes romanas producidas en la Bética. In *Cerámicas romanas de época altoimperial III: Cerámica común de mesa, cocina y almacenaje. Imitaciones hispanas de series romanas. Otras producciones*. Madrid: Museo Arqueológico Regional. Sección de Arqueología del Ilustre Colegio de Doctores y Licenciados en Filosofía y Letras y en Ciencias de la Comunidad de Madrid. p.97-141.

PINTO, I. V. (2003) – A cerâmica comum das *villae* romanas de São Cucufate (Beja), Col. Teses: Lisboa: Universidade Lusíada.

PINTO, I. V. (2006) - A cerâmica comum bética das *villae* romanas de São Cucufate – uma revisão. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9, 1, p.167-184.

PINTO, I. V.; MORAIS, R. (2007) – Complemento de comércio das ânforas: cerâmica comum bética no território português. In LAGÓSTENA BARRIOS, L.; BERNAL CASASOLA, D.; ARÉVOLO, A., eds. – *Cetariae 2005, salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad*. (Cadiz, 2005), Oxford: Archaeopress (BAR Int. series 1686), p. 235 -254.

Protocole Beuvray, 1998: Protocole de quantification des céramiques. In ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (dir.) – *La quantification des céramiques. Conditions et protocole*. Glux-en-Glenne: Centre archéologique européen du Mont Beuvray, (Bibactre; 2), p. 141 -157.

QUARESMA, J.C. (2012) - *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano: terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Miróbriga?)*.Lisboa: UNIARQ.

RASTEIRO, I.; SILVA, R.; BOTELHO, P. (2020) – Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de Salga em Ossonoba (Faro). In *Arqueologia em Portugal 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM. p.1429-1438.

RIBEIRO, O. (1945) - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Coimbra: Coimbra Editora.

RODRIGUES, S. (2004) – *As Vias Romanas do Algarve*. Faro: Centro de Estudos do Património da Universidade do Algarve/Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve.

ROSA, J. A. P. e (1984) - Estamos em Ossónoba? Comunicação ao IV Congresso Nacional de Arqueologia. In *Anais do Município de Faro*, XIV p.149-156. Faro: Câmara Municipal de Faro.

SANTOS, A. B. P. A. dos (2015) - *A Terra Sigillata e a Cerâmica de Cozinha Africana do Edifício Sede do Banco de Portugal (Lisboa)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

SANTOS, F.A. (2018) – A Cerâmica Comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): Contextos da Primeira Metade do Século V. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SANTOS, M. L. E. da V. A. dos (1971) – *Arqueologia Romana do Algarve*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1. Lisboa.

SANTOS, M. L. E. da V. A. dos (1972) – *Arqueologia Romana do Algarve*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2. Lisboa.

SERRANO RAMOS, E. (1978) - Cerámica común romana del alfar de Cartuja (Granada). In *Baetica*, 1: 243-272.

SERRANO RAMOS, E. (1995) - Producciones de cerámicas comunes locales de la Bética. In ROCA, M.; AQUILUÉ, X., eds. - *Ceràmica comuna romana d'època alto-imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió*. Empúries: Museu d'Arqueologia de Catalunya (Monografies Emporitanes; 8), p. 227-249.

SILVA, C. T.; SOARES, J.; COELHO -SOARES, A. (1992) – Estabelecimento de produção de salga da época romana na Quinta do Marim (Olhão). Resultados preliminares das escavações de 1988 -89. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9 -10, p. 335 -374.

SILVA, R. C.; FERNÁNDEZ, A.; BOTELHO, P.; SANTOS, F. (no prelo) - “Un contexto anfórico cerrado proveniente de una fosa asociada a la factoría de salazón de la C. Francisco Barreto (Faro, Portugal)”. Actas - *EX BAETICA AMPHORAE II - Conservas, azeite e vinho da Bética no Império Romano. Vinte anos depois*, Sevilha (Espanha), 2018.

SOTOMAYOR MURO (1966 a) - Excavaciones en la Huerta de la Facultad de Teología de Granada. Informe sucinto del resultado de los trabajos del 31 de agosto al 12 de Septiembre. In *Noticiario Arqueológico Hispánico*, VIII- IX: 193-199.

SOTOMAYOR MURO (1966b) - Excavaciones en la Huerta de la Facultad de Teología de Granada. Informe sucinto del resultado de los trabajos del 19 de mayo al 4 de junio de 1965. In *Noticiario Arqueológico Hispánico*, VIII- IX, 1-3 (1964-65): 200-202.

SOTOMAYOR MURO (1966c) - Alfar romano en Granada. In *IX Congreso Nacional de Arqueología*, (Valladolid 1965), Zaragoza: 367-372.

SOTOMAYOR MURO (1969 - Hornos romanos de ánforas en Algeciras. In *X Congreso Nacional de Arqueología*, (Mahón 1967): 389-399.

SOTOMAYOR MURO (1969-70) - Informe sucinto de la explotación arqueológica realizada en la carretera de El Riconcillo, en la Bahía de Algeciras. In *Noticiario Arqueológico Hispánico*, XII-XIV, pp. 52-57.

SOUSA, E. de (2017). Sobre o início da romanização do Algarve: 20 anos depois. In *Archivo Español de Arqueología*, 90 (pp.195-218). CSIC.

STIENSTRA, P. (1986) - “Systematic macroscopic description of the texture and composition of ancient pottery— some basic methods”, *Newsletter. Department of Pottery Technology* 4, pp. 28-48.

TORTORELLA, S. (1981) – Ceramica da cucina. In *Atlante delle forme ceramiche I*, Enciclopedia dell’Arte antica e orientale. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, p. 208 - 227.

TRINDADE, M. J. F. (2007) - *Geoquímica e mineralogia de argilas da bacia algarvia: transformações térmicas*. Aveiro: Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Aveiro.

VARGAS GIRÓN, J.M; HERNÁNDEZ TÓRTOLES, A.; BERNAL CASASOLA, D.; VILLADA PAREDES, F. (2020) – Nuevos contextos cerâmicos en Septem Frates. Resultados en la excavaciones arqueológicas de c/ Jáudenes (Ceuta). In *Boletín Ex Officina Hispania*. Madrid: 11, p. 87-91.

VASCONCELOS, J. L. de (1905) – *Religiões da Lusitânia*. Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional, edição de 1981, fac-similada, Coll. temas portugueses. Maia: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

VASCONCELOS, J. L. de (1913) – *Religiões da Lusitânia*. Vol. III. Lisboa: Imprensa Nacional, edição de 1981, fac-similada, Coll. temas portugueses. Maia: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

VEIGA, S. P. M. E. da (1904) – Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos históricos. *O Arqueólogo Português*, vol. IX. Lisboa, p. 200 -210.

VEIGA, S. P. M. E. da (1905a-b) – Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos históricos. *O Arqueólogo Português*, vol. X. Lisboa, p. 107 -118.

VEIGA, S. P. M. E. da (1910) – Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos históricos. *O Arqueólogo Português*, vol. XV. Lisboa, p. 209 -233.

VIANA, A. (1951) – O Cemitério luso-romano do Bairro de Letes (Faro). Separata da revista, Brotéria, Lisboa. 53:2/3, pp.1-23.

VIANA, A. (1952) – Ossónoba. O problema da sua localização. *Revista de Guimarães*, Guimarães. 42, p. 250 -285.

VIEGAS, C. (2007) – Les céramiques tardives dans les sites du sud -ouest de la Péninsule Ibérique (Algarve – Portugal). In BONIFAY, M. e TRÉGLIA, J. -C., eds. – *LRCW2 Late Roman Coarse wares, cooking wares and amphorae in the Mediterranean. Archaeology and Archaeometry*, vol. I. Oxford: Archaeopress. (BAR Int. series 1662.1), p. 71 -83.

VIEGAS, C. (2008a) – O mosaico do Oceano (Faro) – cerâmicas associadas. In *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, Promontoria Monográfica 10 (Faro, 2004). Faro, p. 197 -214.

VIEGAS, C. (2008b) – A cidade de Ossonoba – importações cerâmicas. In *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, Promontoria Monográfica 10 (Faro, 2004). Faro, p. 215 -231.

VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Lisboa: UNIARQ (Estudos e Memórias 3).

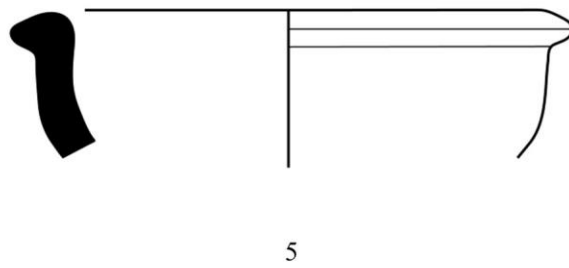
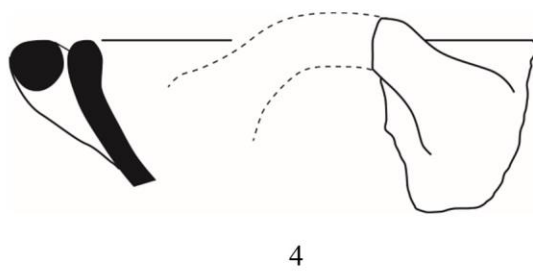
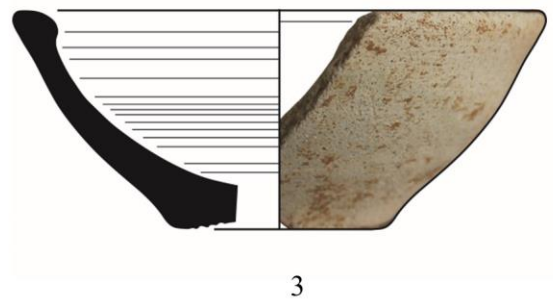
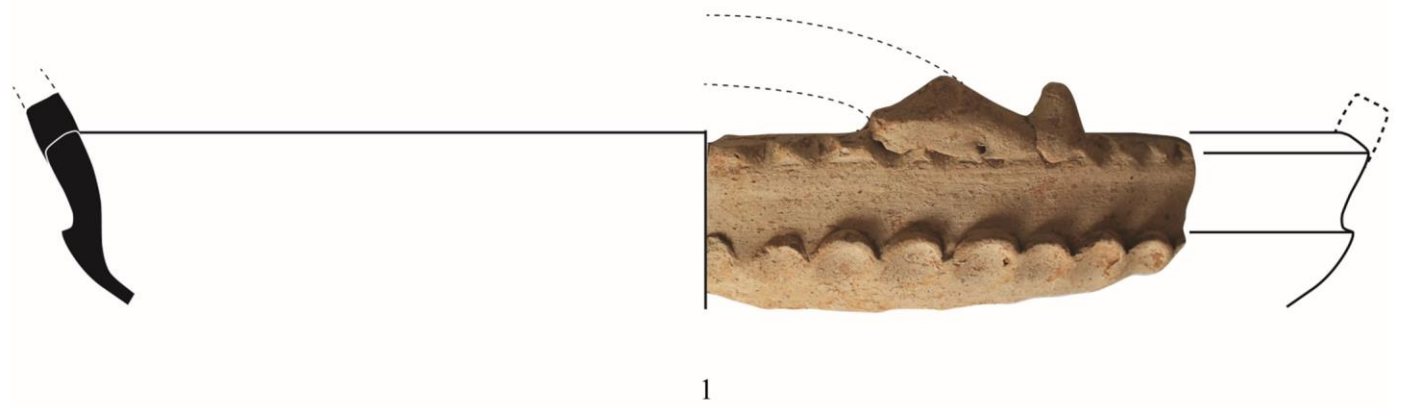
VIEGAS, C. (2012) - A cerâmica cinzenta grosseira do Algarve. In D. B. Casasola & A. R.I Lacomba (Ed.), *Cerámicas hispanorromanas II Producciones regionales* (pp.681-697). Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz.

VIEGAS, C. (2019) – Mosaico. In *O Mosaico do Oceano. Um tesouro intemporal de Ossónoba*. Faro: Museu Municipal de Faro, p.74-85.

VIEGAS C.; ARRUDA, A. M. (2014) – A cerâmica de cozinha africana e as suas imitações em Monte Molião (Lagos, Portugal). In MORAIS, R.; FERNÁNDEZ, A.; SOUSA, M.J. (ed. cient.) – *Monografias Ex Officina Hispana II*. Actas do II Congresso Internacional da SECAH (Braga 2013). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania: Madrid. p. 247-260.

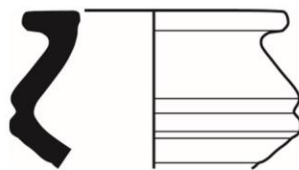
VROOM, J. (2015) - The archaeology of consumption in the Eastern Mediterranean: a ceramic perspective In *Actas do X Congresso Internacional A cerâmica medieval no Mediterrâneo. Silves - Mértola, 22 a 27 de outubro de 2012*. Silves/Mértola: Câmara Municipal de Silves/ Campo Arqueológico de Mértola, pp.359 – 367.

ANEXO I.
Estampas

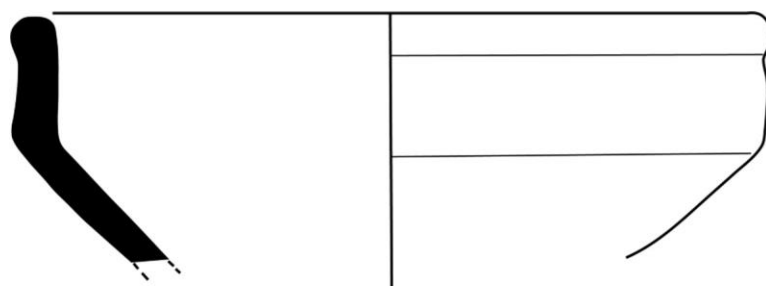


Esc. 1:2





6



7

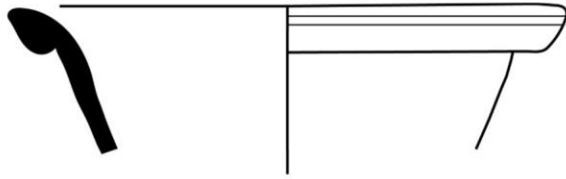


8

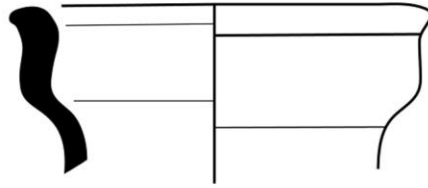
Esc. 1:2

5 cm

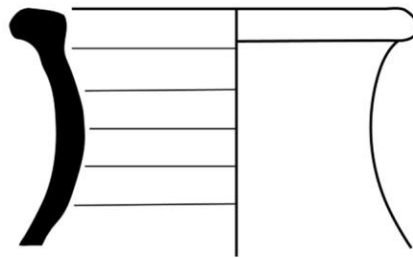




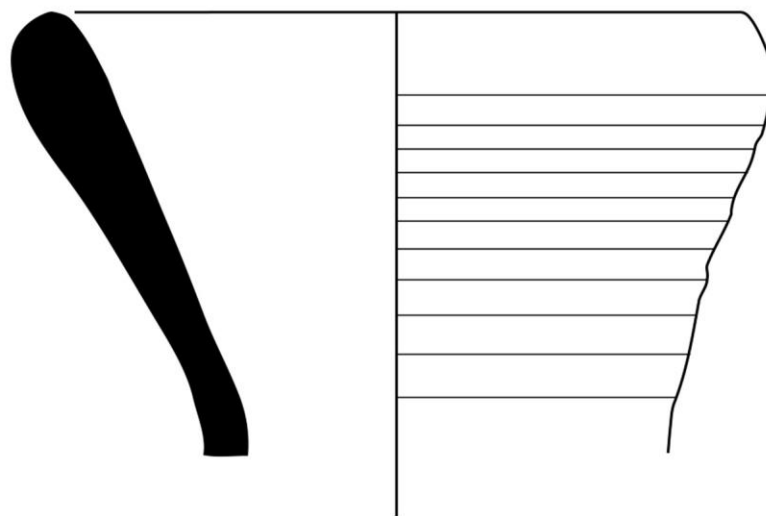
9



10



11



12

Esc. 1:2

5 cm

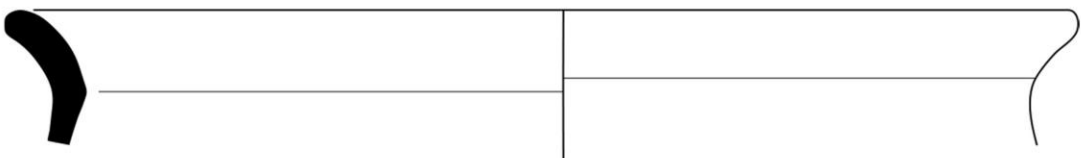




13

Esc. 1:2

5 cm

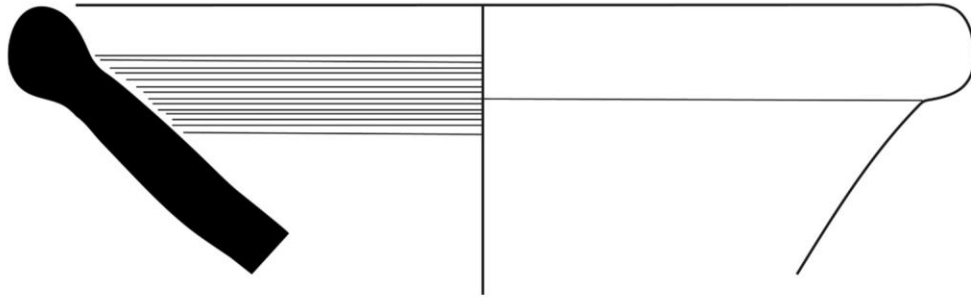


14

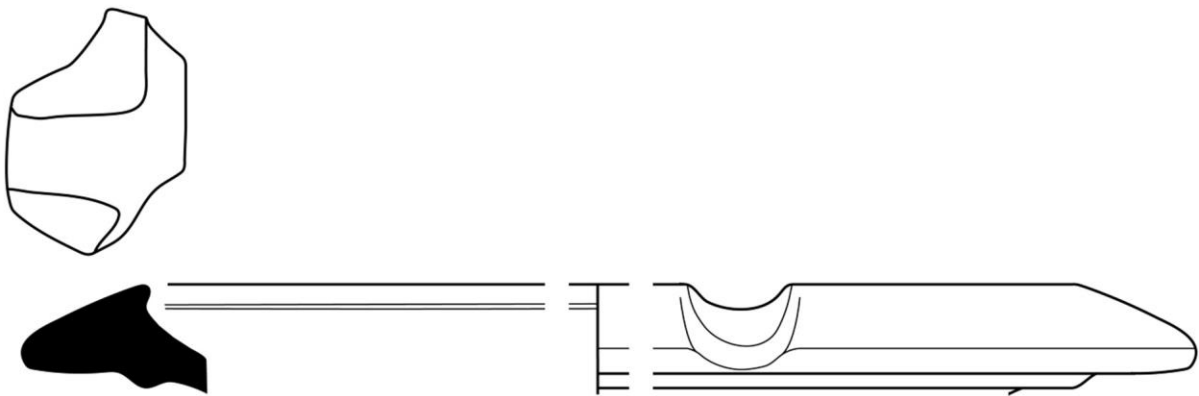
Esc. 1:3

5 cm



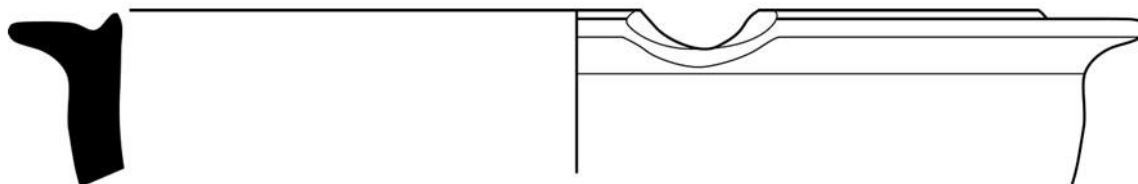


15



16

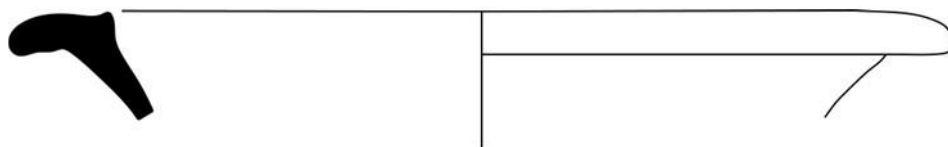




17

Esc. 1:2

5 cm

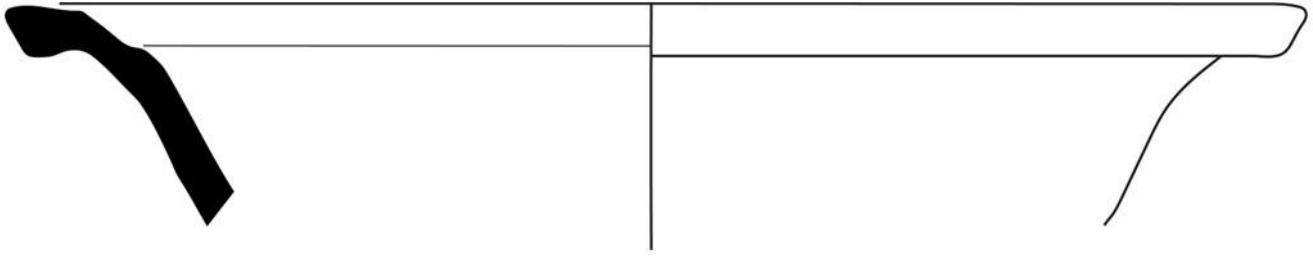


18

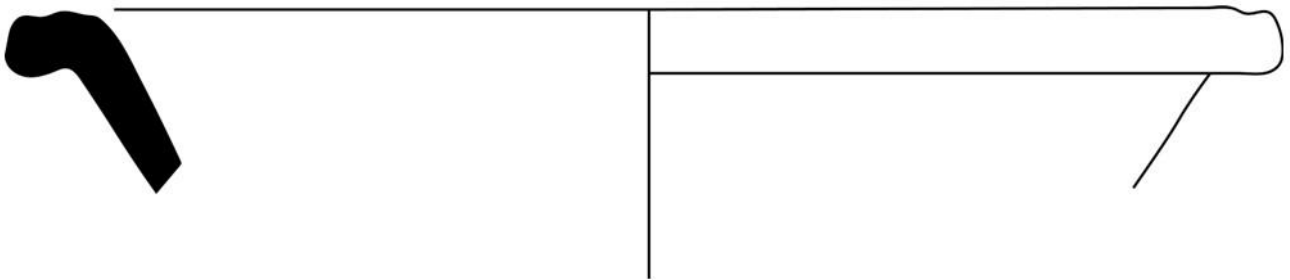
Esc. 1:3

5 cm





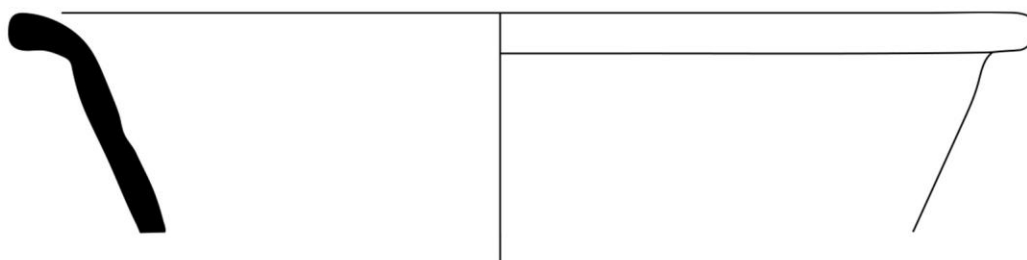
19



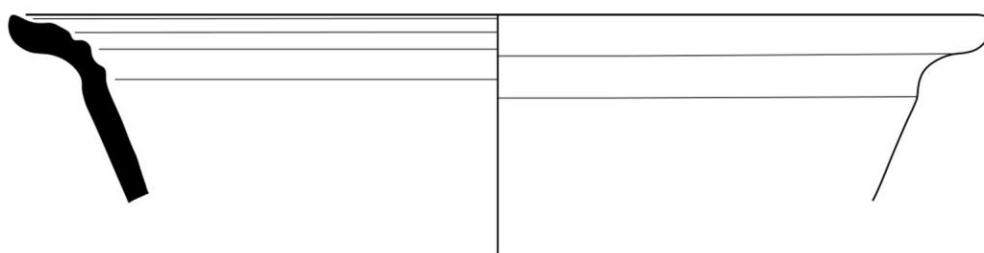
20

Esc. 1:2





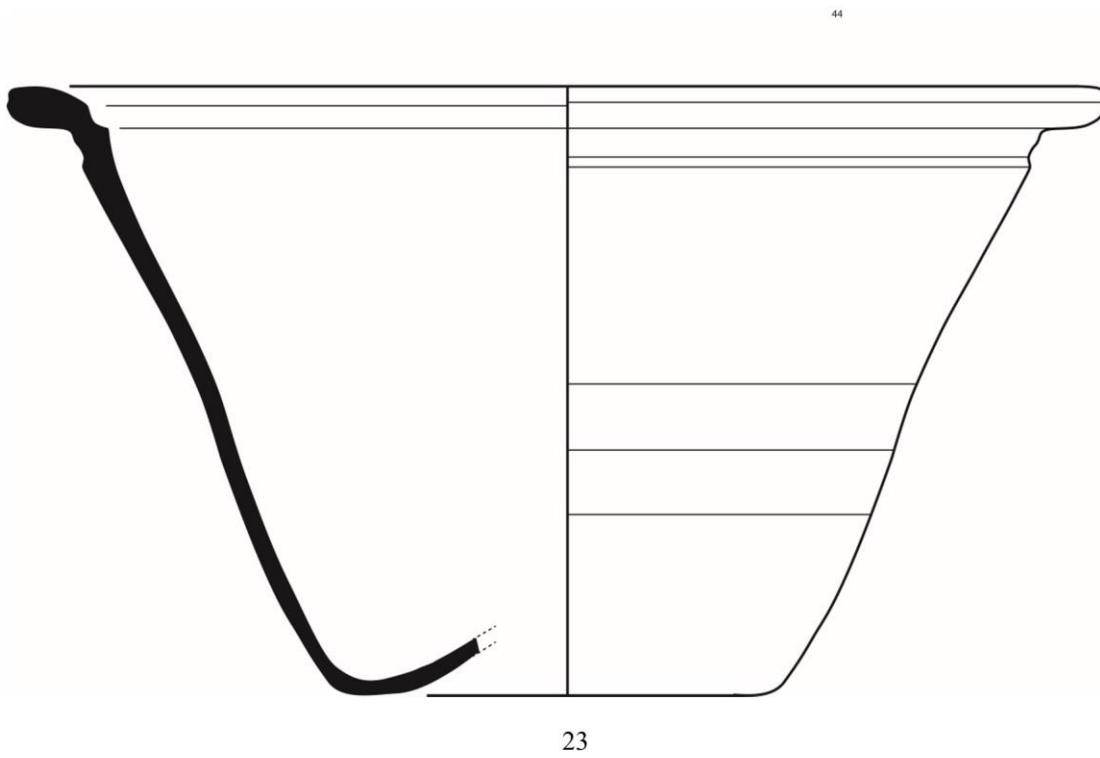
21



22

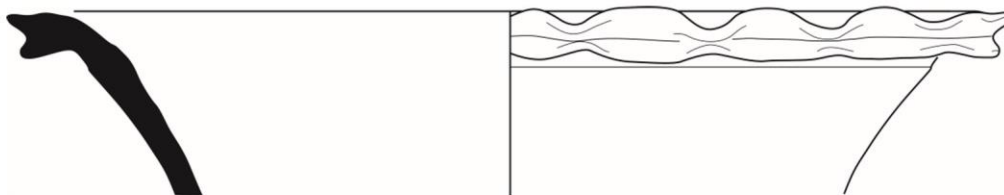
Esc. 1:3



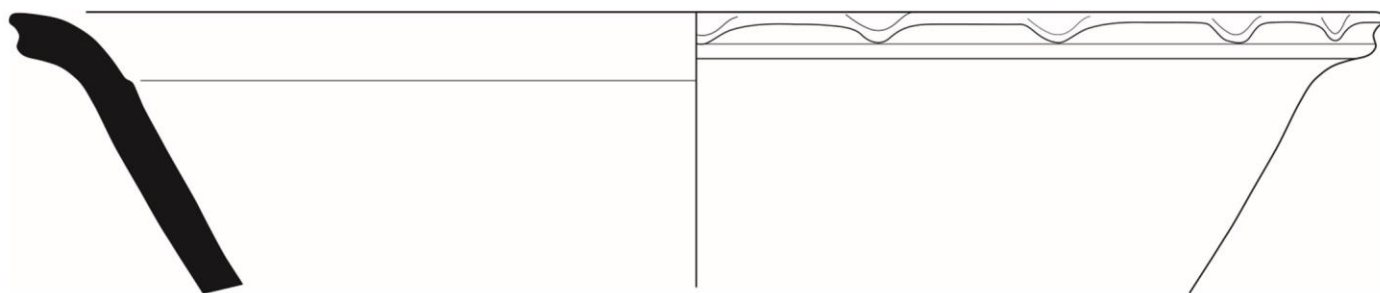


Esc. 1:3

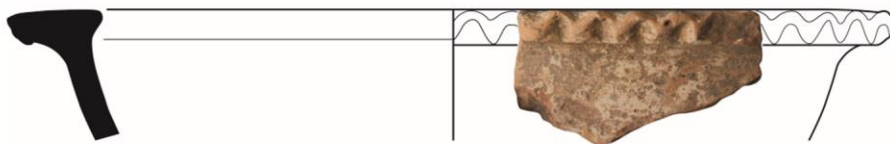




24



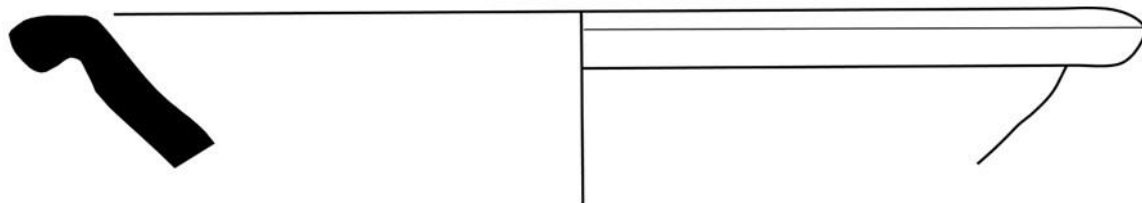
25



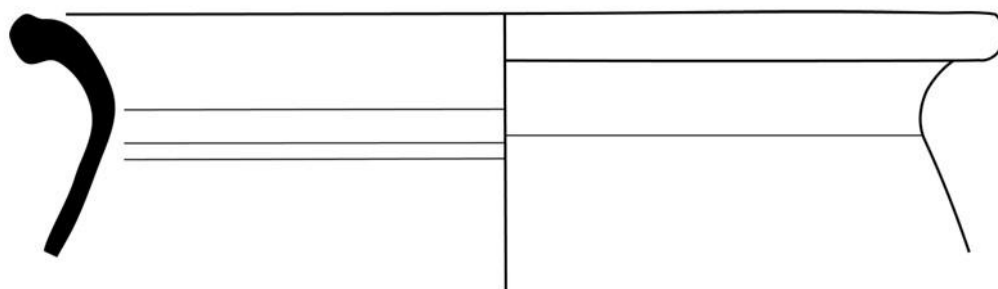
26

Esc. 1:3





27



28

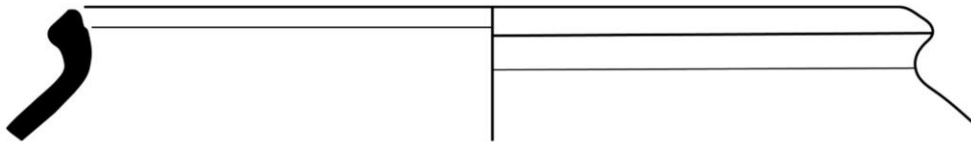


29

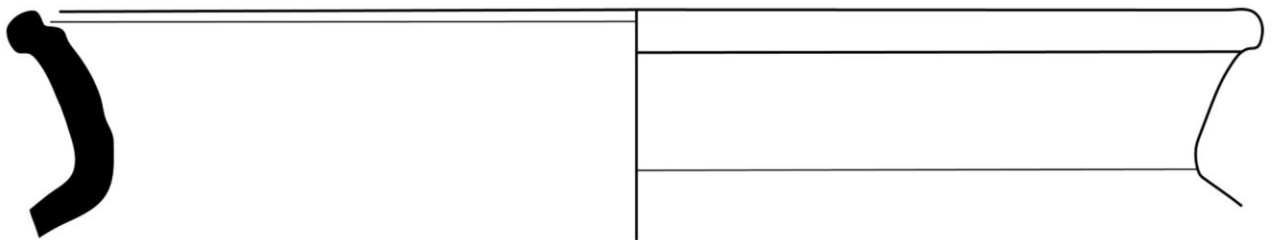
Esc. 1:2

5 cm





30

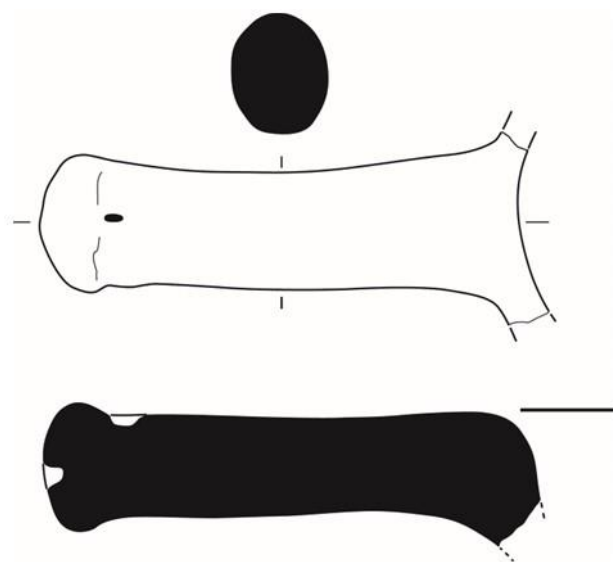


31

Esc. 1:2

5 cm





32

Esc. 1:2

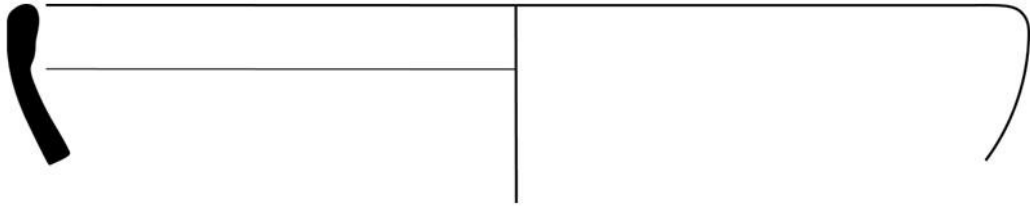




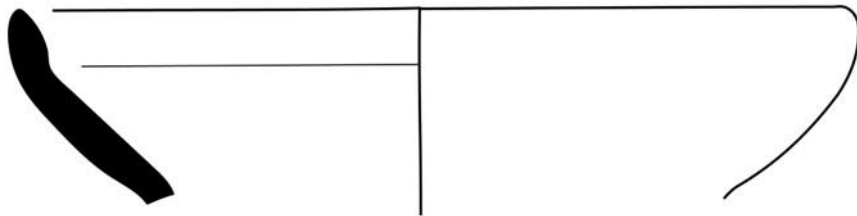
33

Esc. 1:2

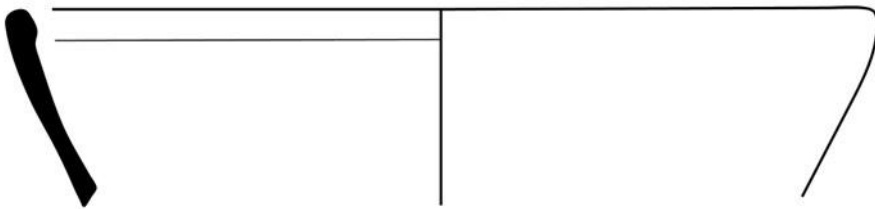




34



35



36

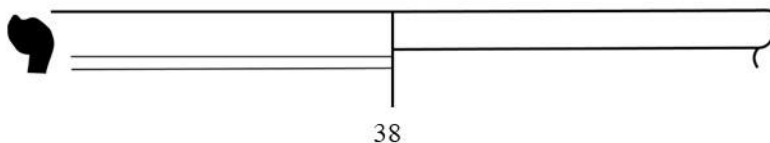


37

Esc. 1:2

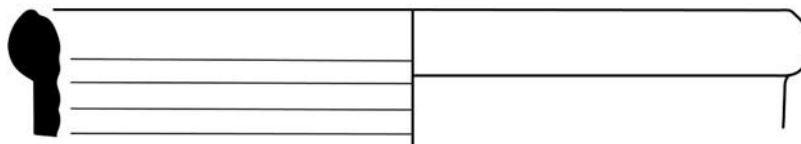
5 cm





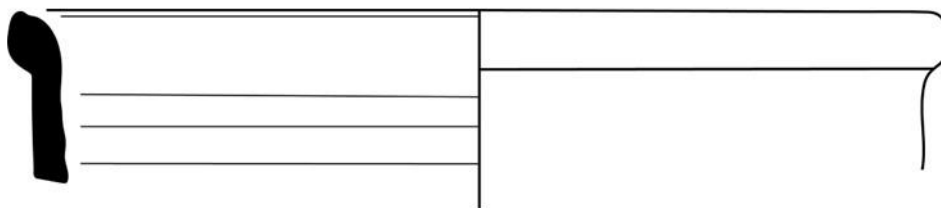
38

Variante Precoce

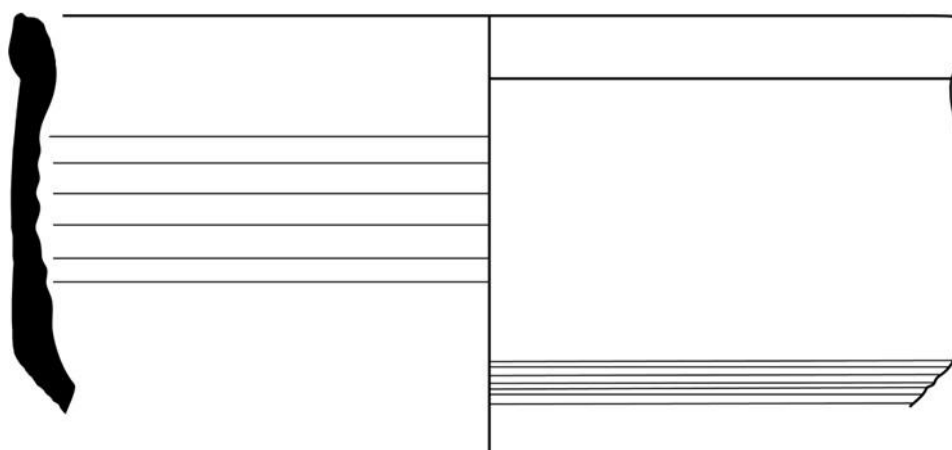


39

Variante Clássica



40



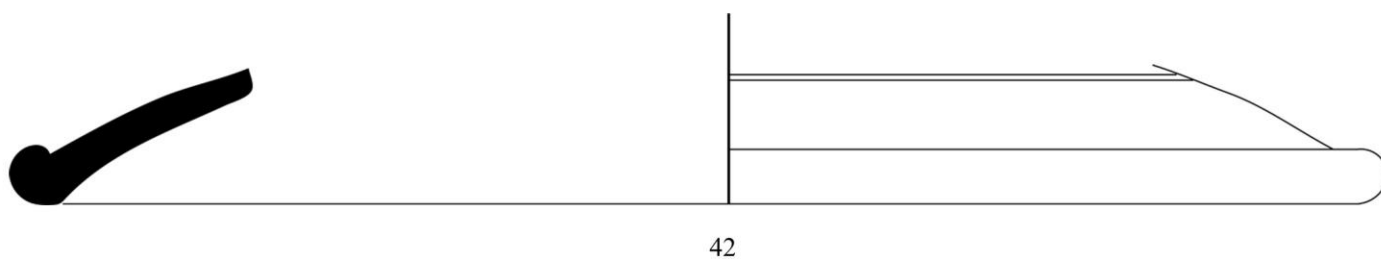
41

Variante Tardia

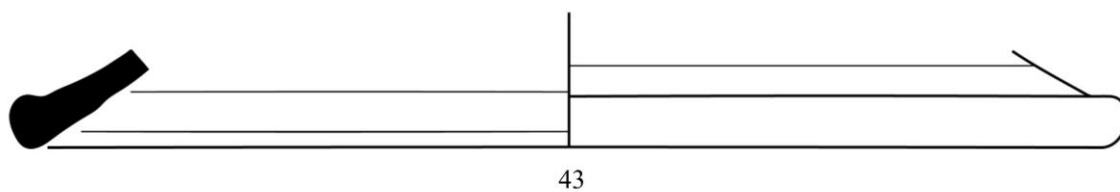
Esc. 1:2

5 cm





Forma Ostia IV, fig.59

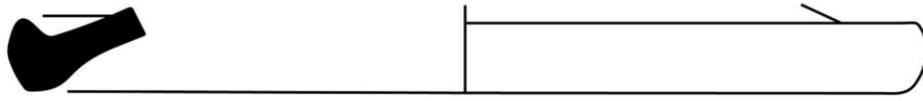


Forma Ostia IV, fig.61

Esc. 1:2

5 cm





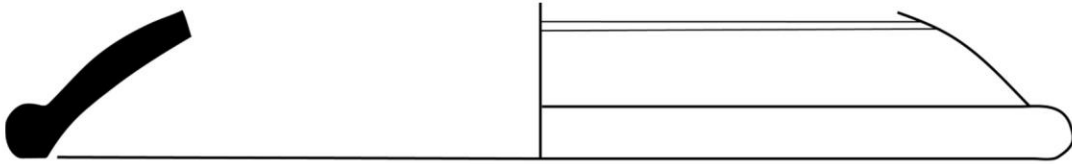
44

Variante A



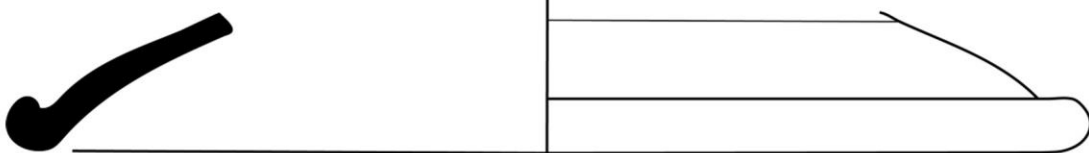
45

Variante B



46

Variante C



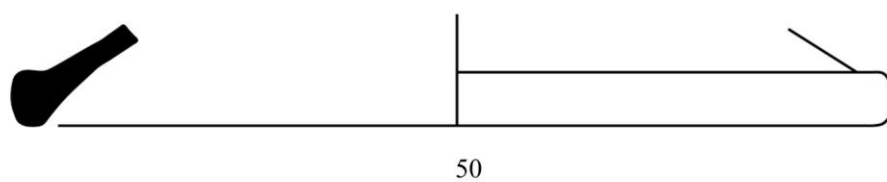
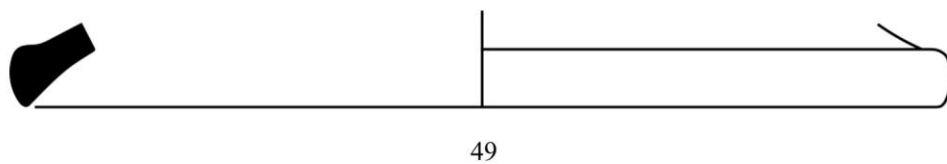
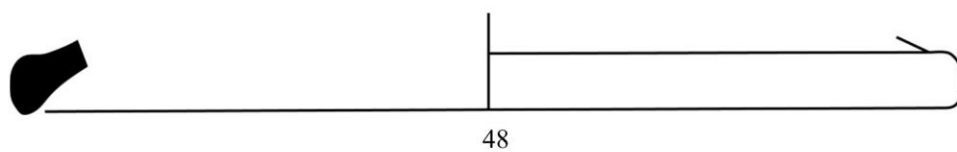
47

Variante D

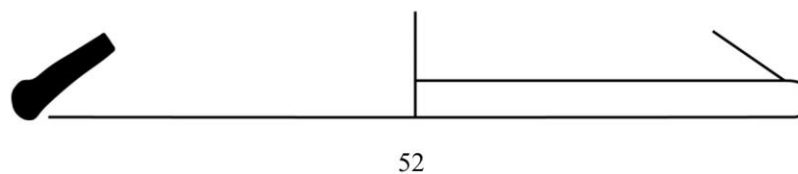
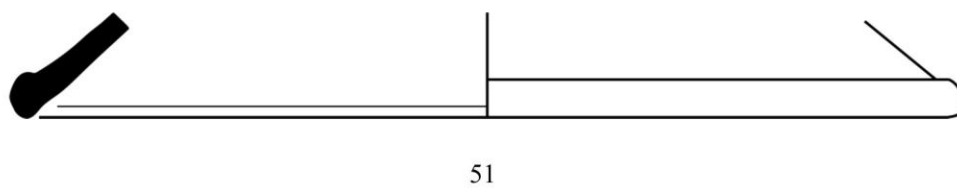
Esc. 1:2

5 cm





Variante Tardia

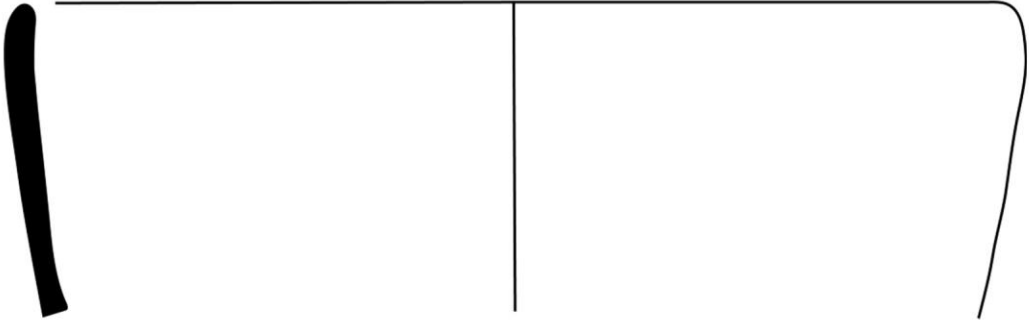


Variante A/B (Clássica)

Esc. 1:2

5 cm





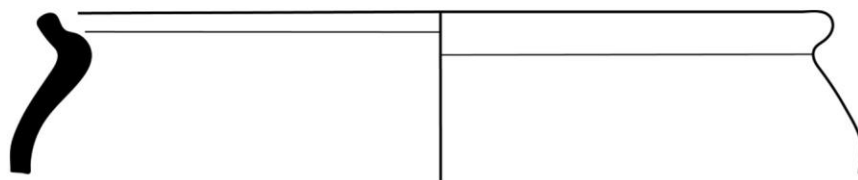
53



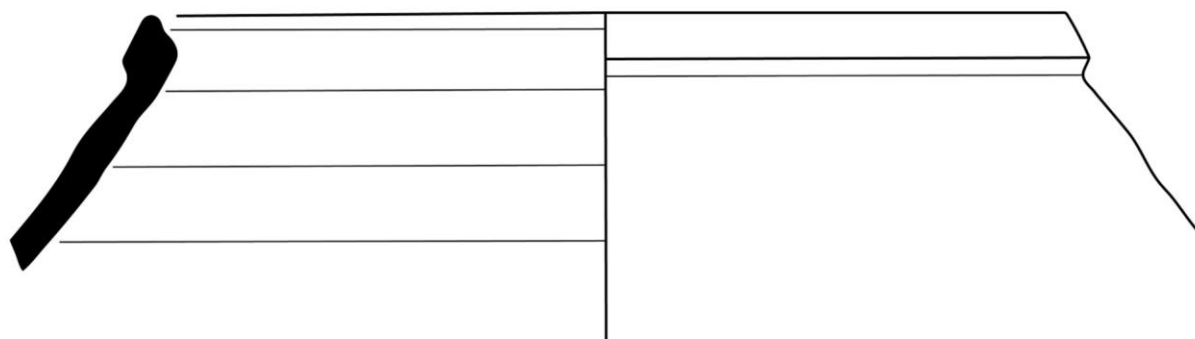
54

Esc. 1:2

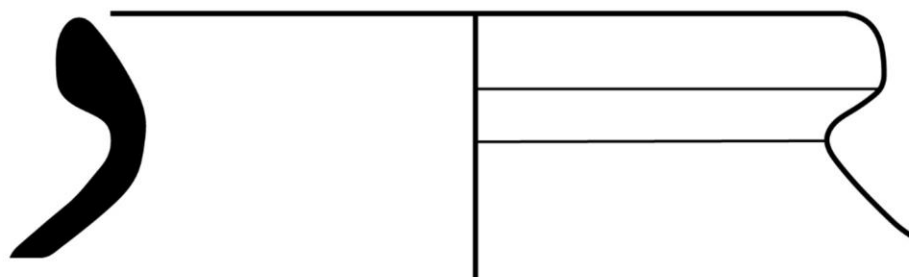




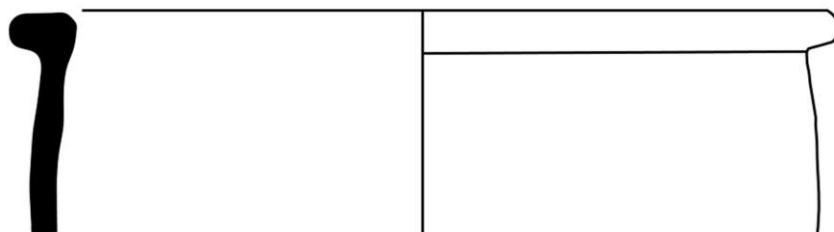
55



56



57

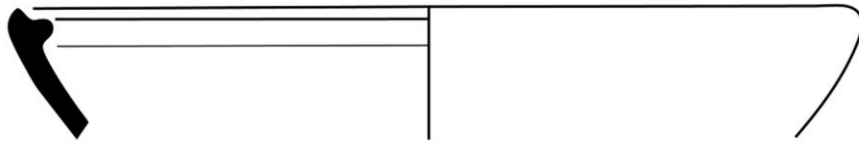


58

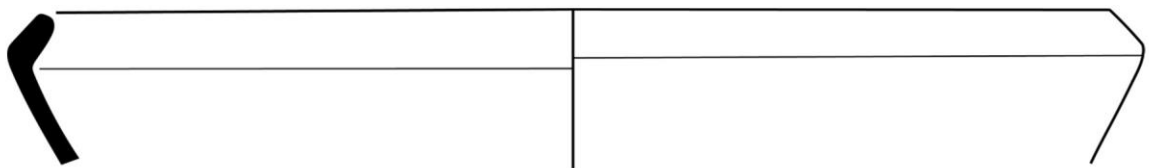
Esc. 1:2

5 cm





59

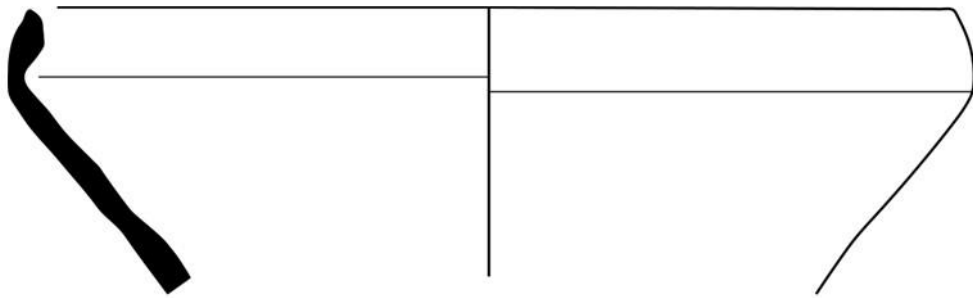


60

Esc. 1:2

5 cm



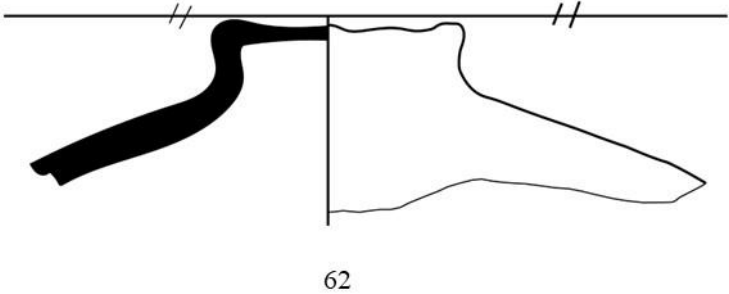


61

Esc. 1:2

5 cm

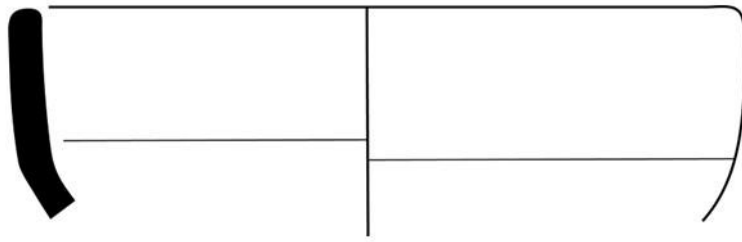




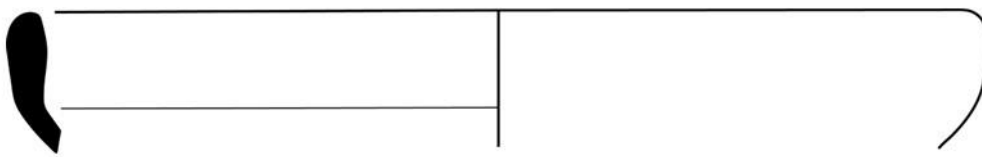
62



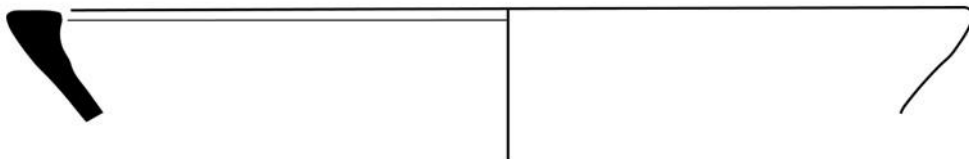
63



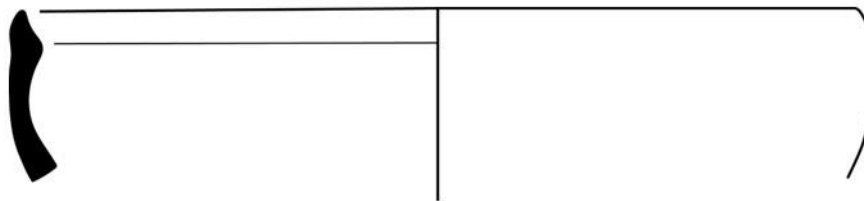
64



65



66

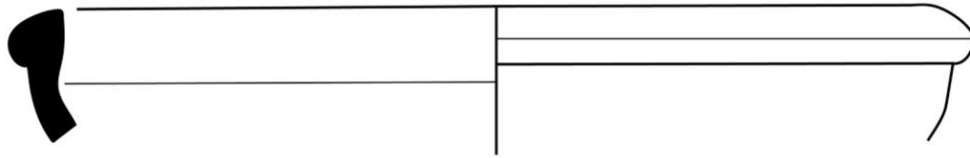


67

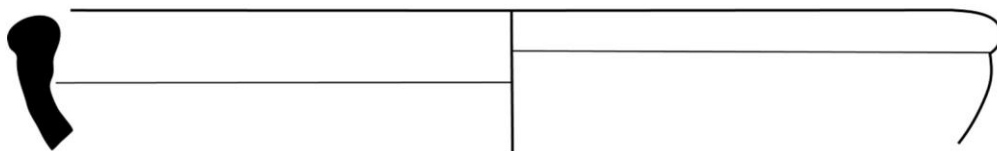
Esc. 1:2

5 cm

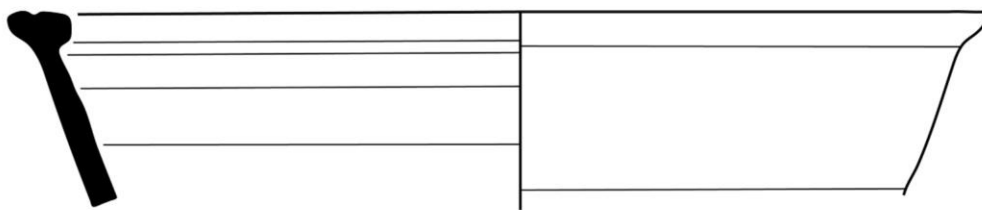




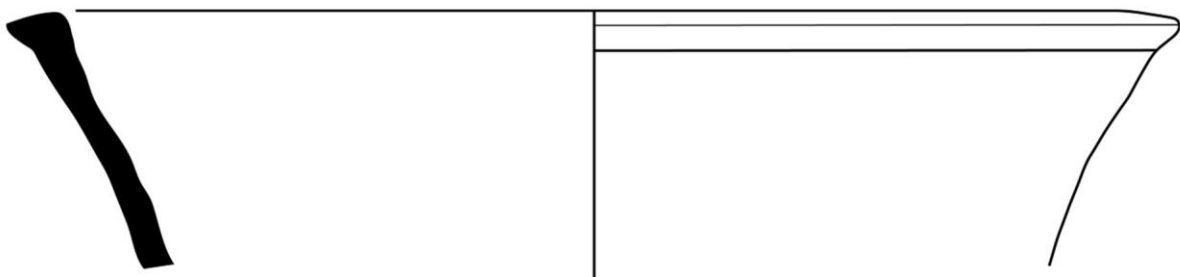
68



69



70

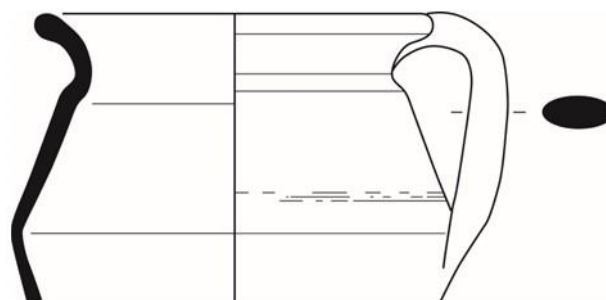


71

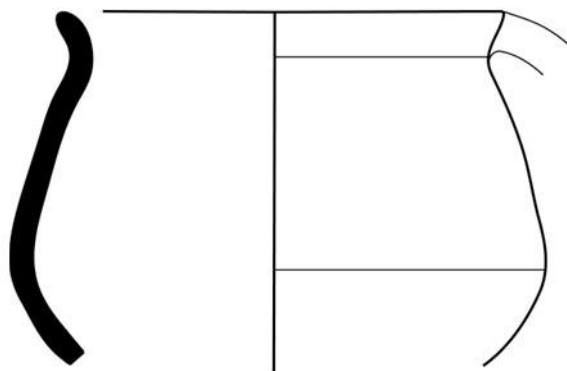
Esc. 1:2

5 cm





72

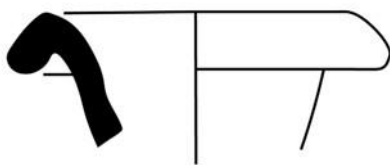


74

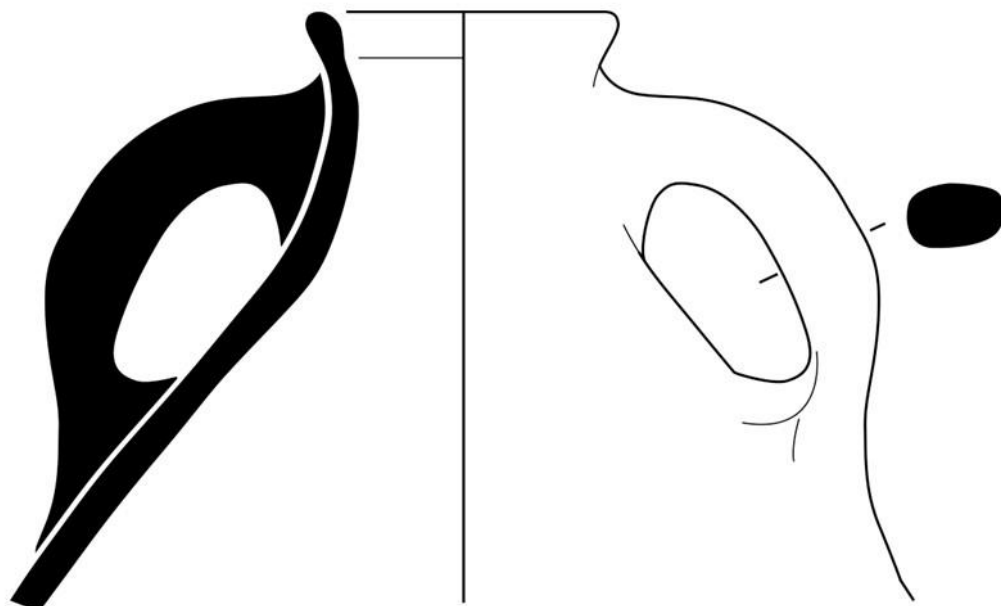
Esc. 1:2

5 cm





74



75

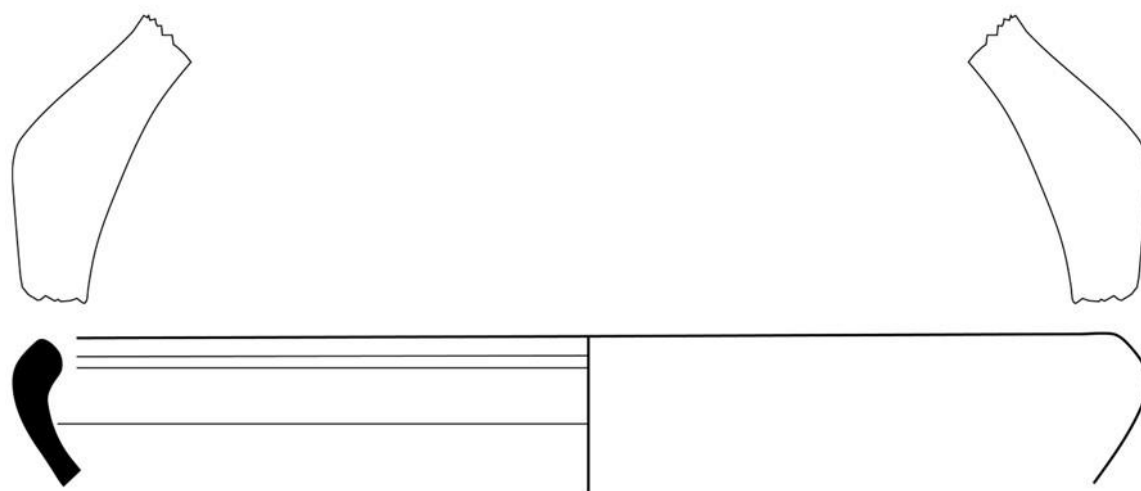


76

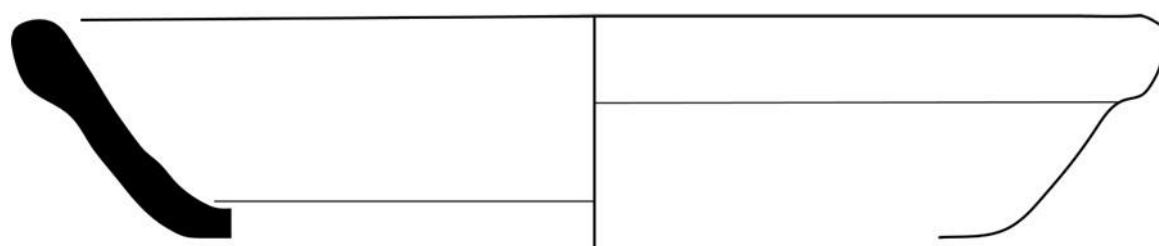
Esc. 1:2

5 cm





77

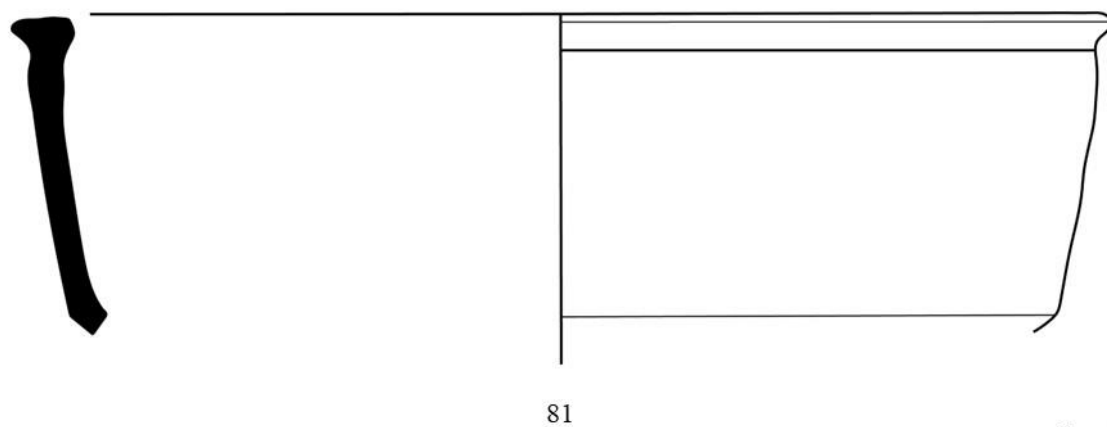
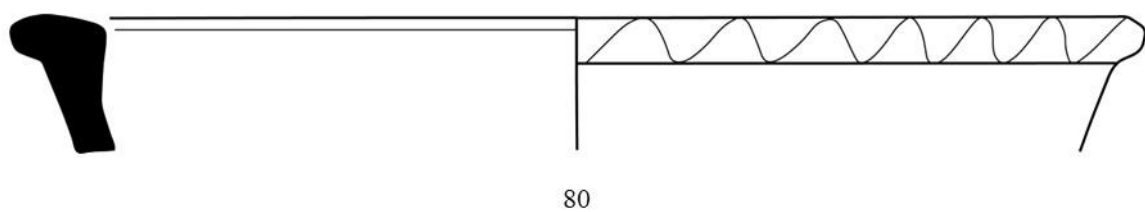
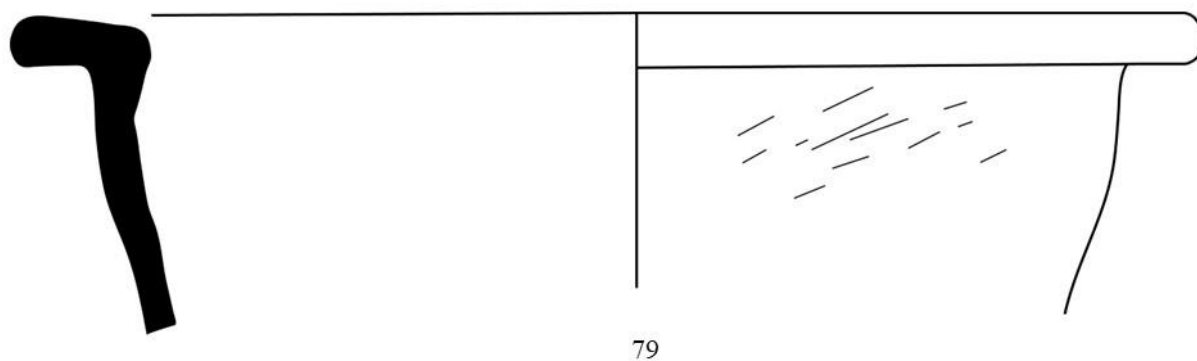


78

Esc. 1:2

5 cm

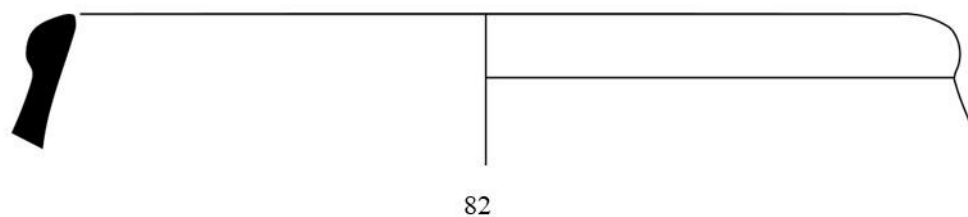




Esc. 1:2

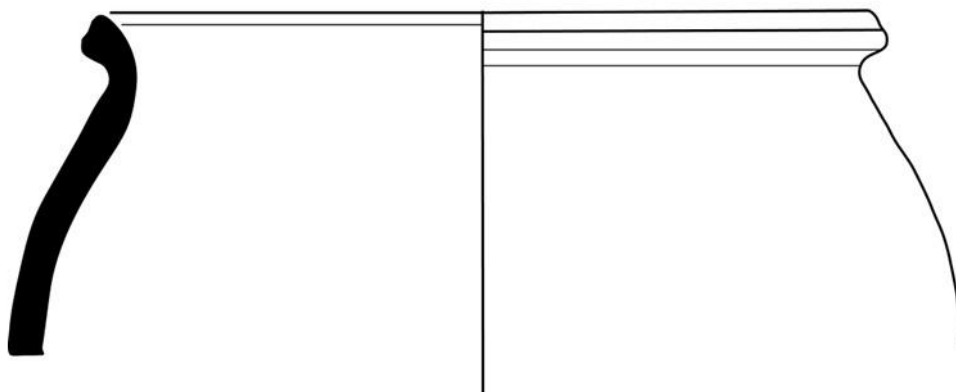
5 cm



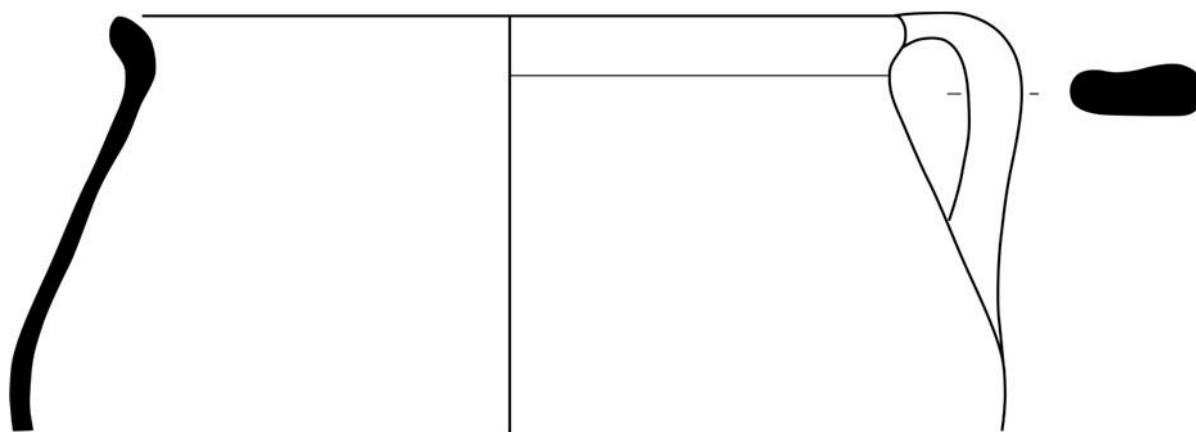


Esc. 1:3

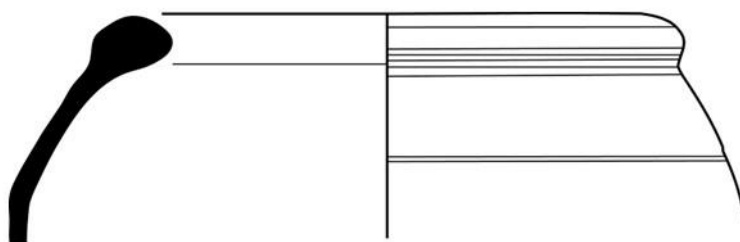




83



84

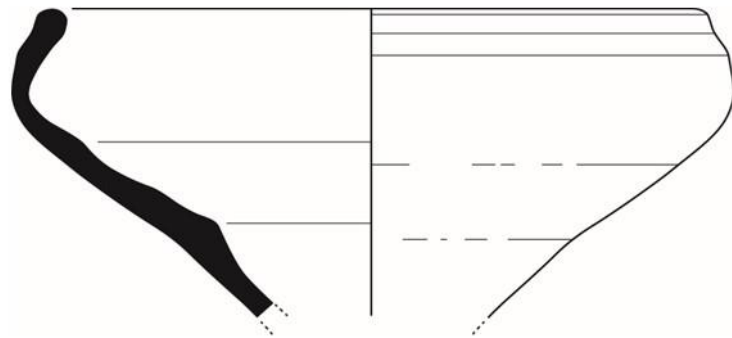


85

Esc. 1:2

5 cm



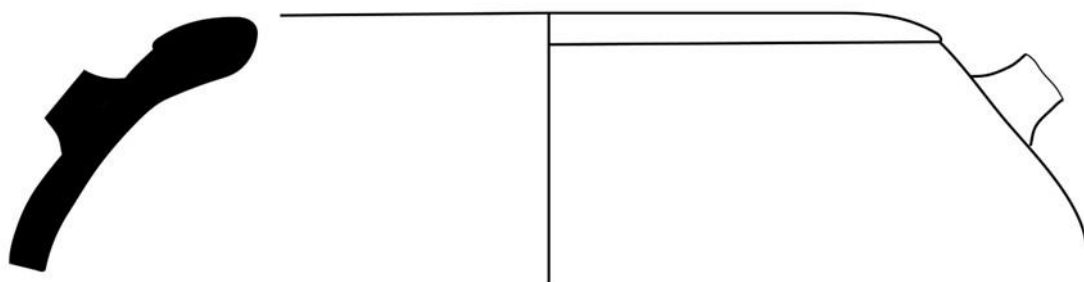


86

Esc. 1:2

5 cm



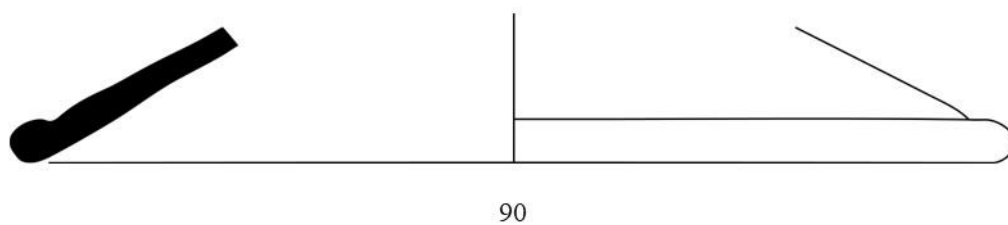
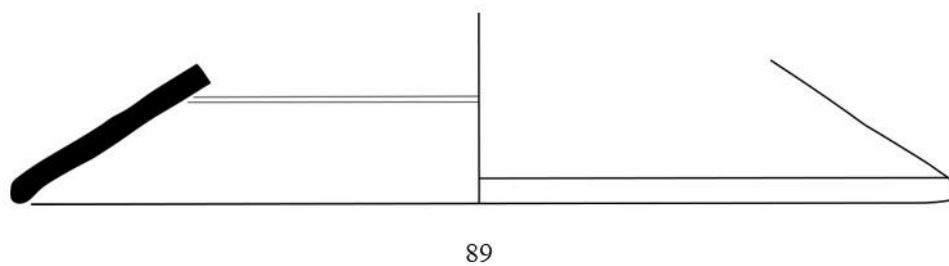
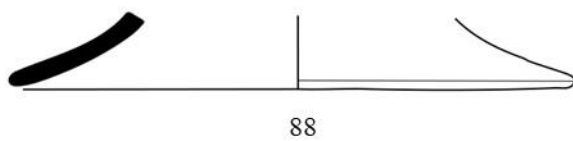


87

Esc. 1:2

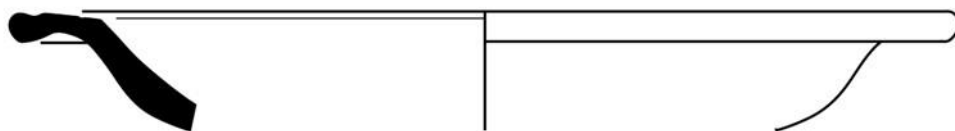
5 cm



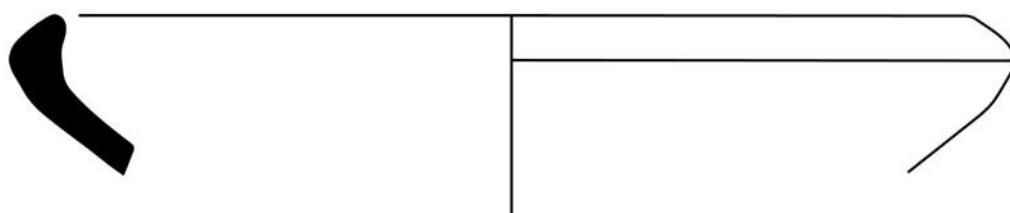


Esc. 1:3

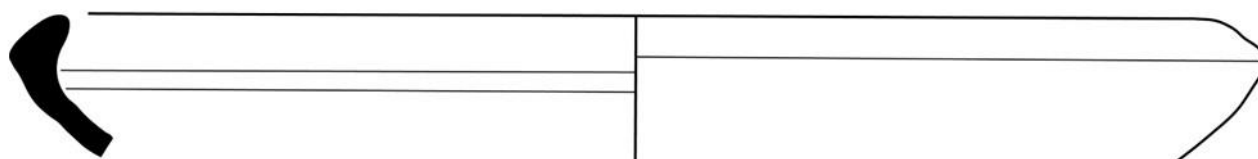




91



92

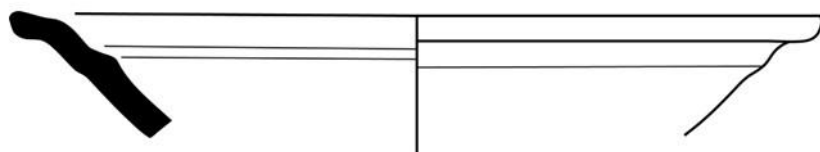


93

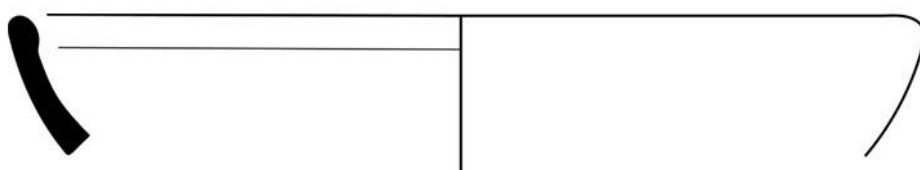
Esc. 1:2

5 cm

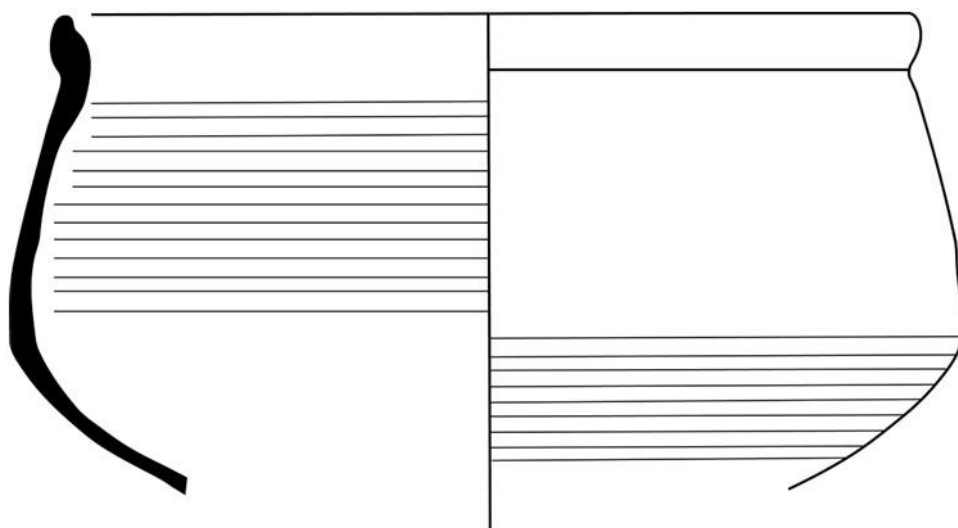




94



95



96

Esc. 1:2

5 cm





97

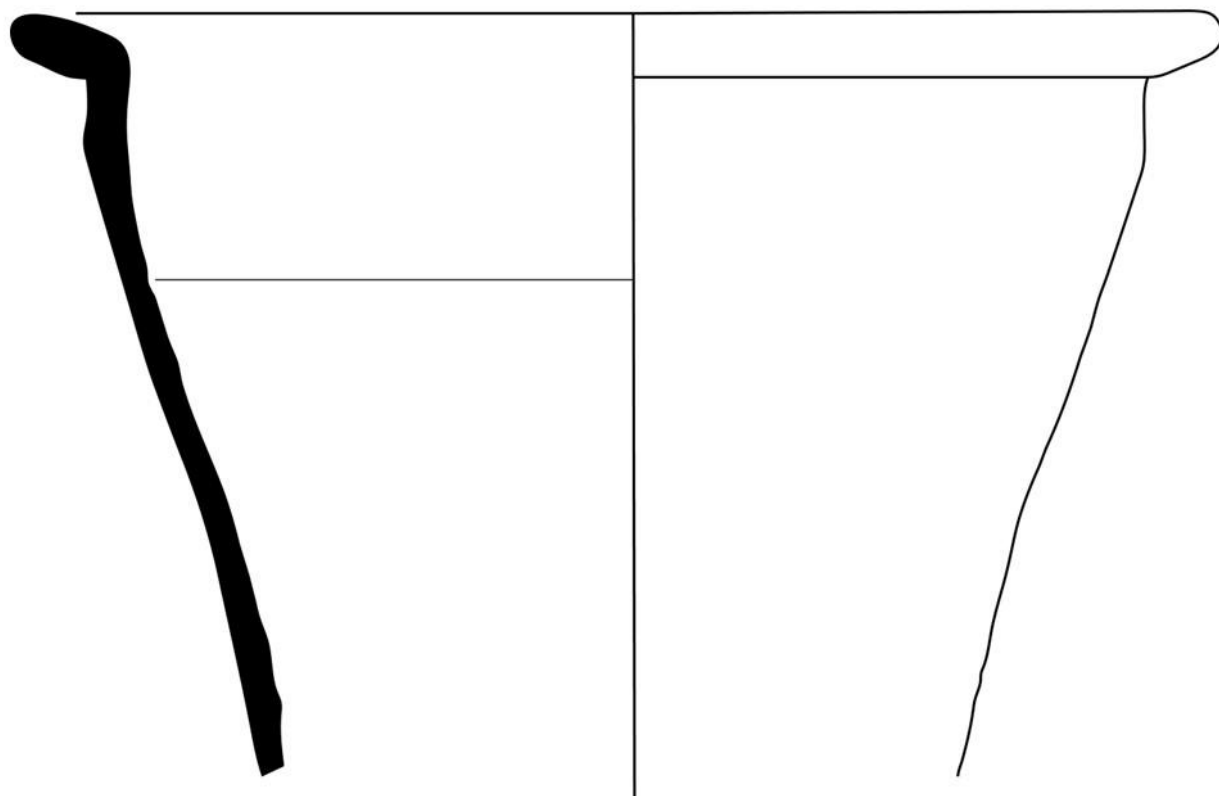


98

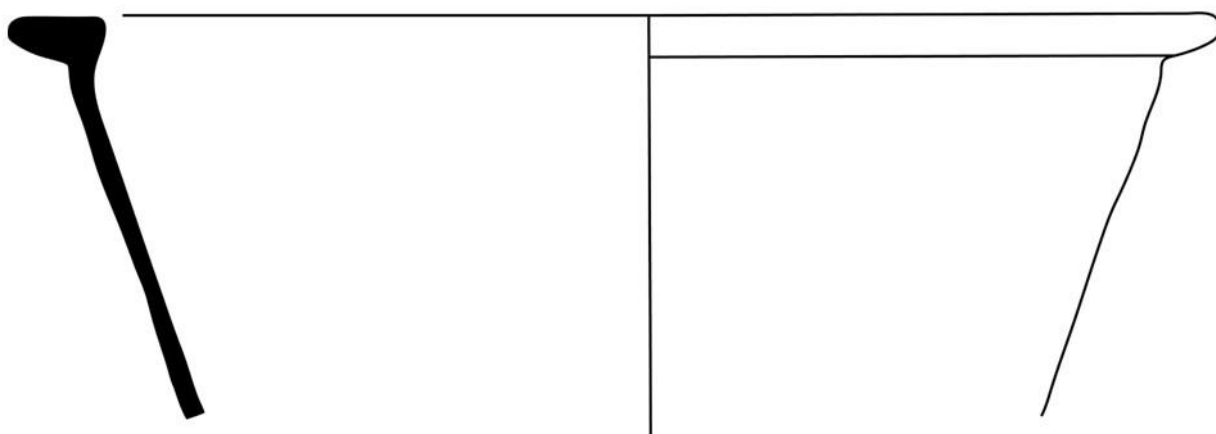
Esc. 1:2

5 cm





99

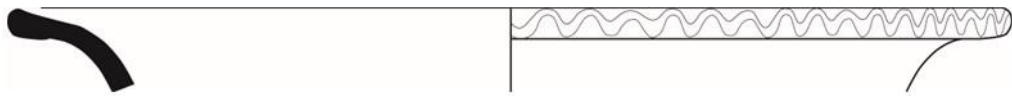


100

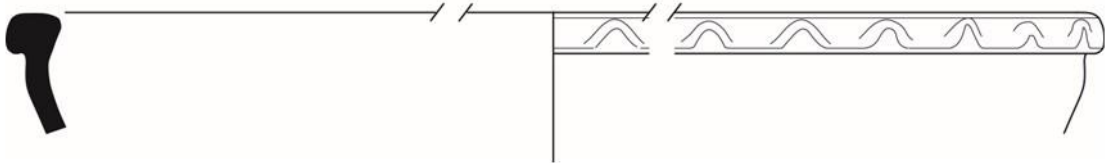
Esc. 1:2

5 cm





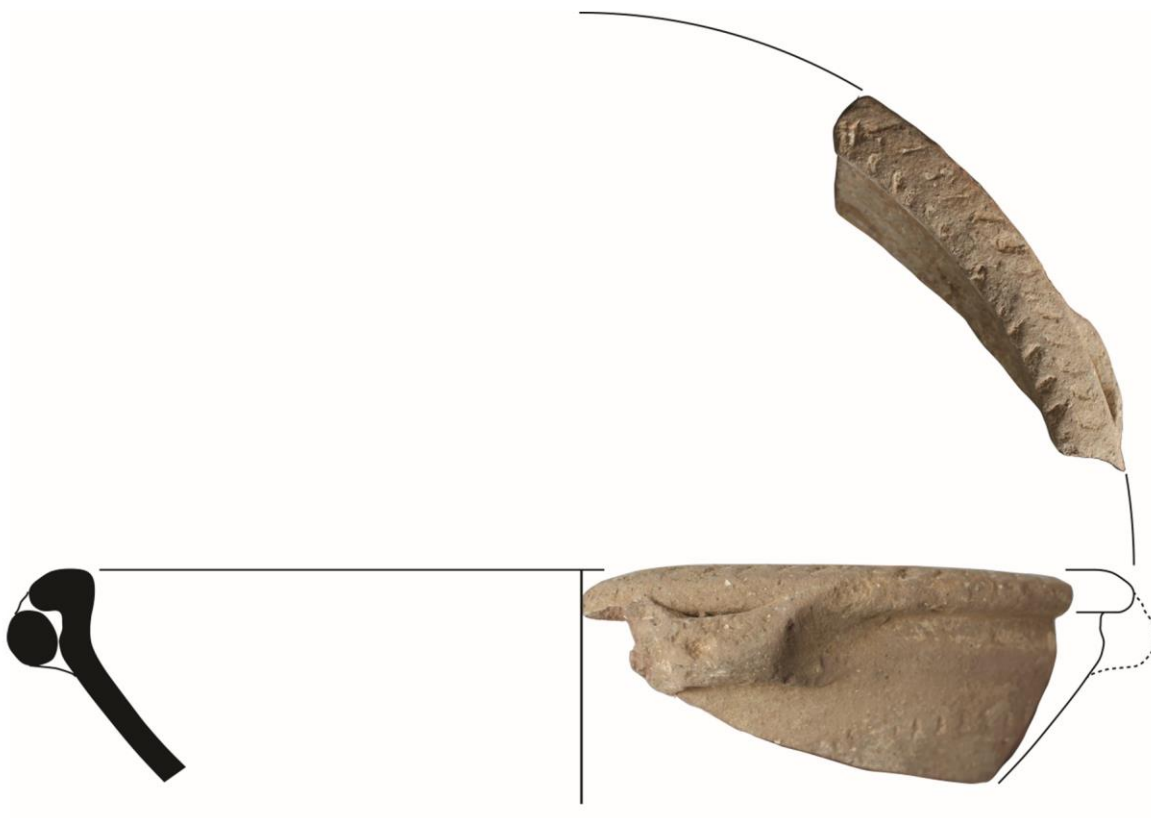
101



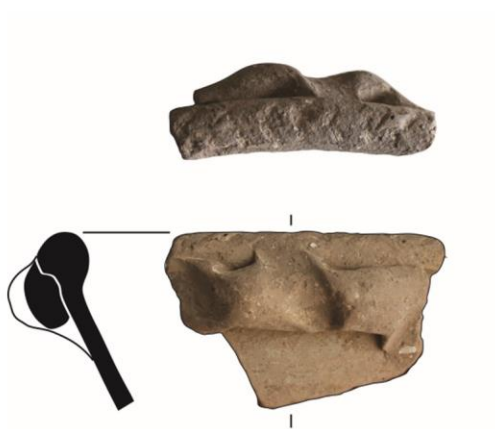
102

Esc. 1:3





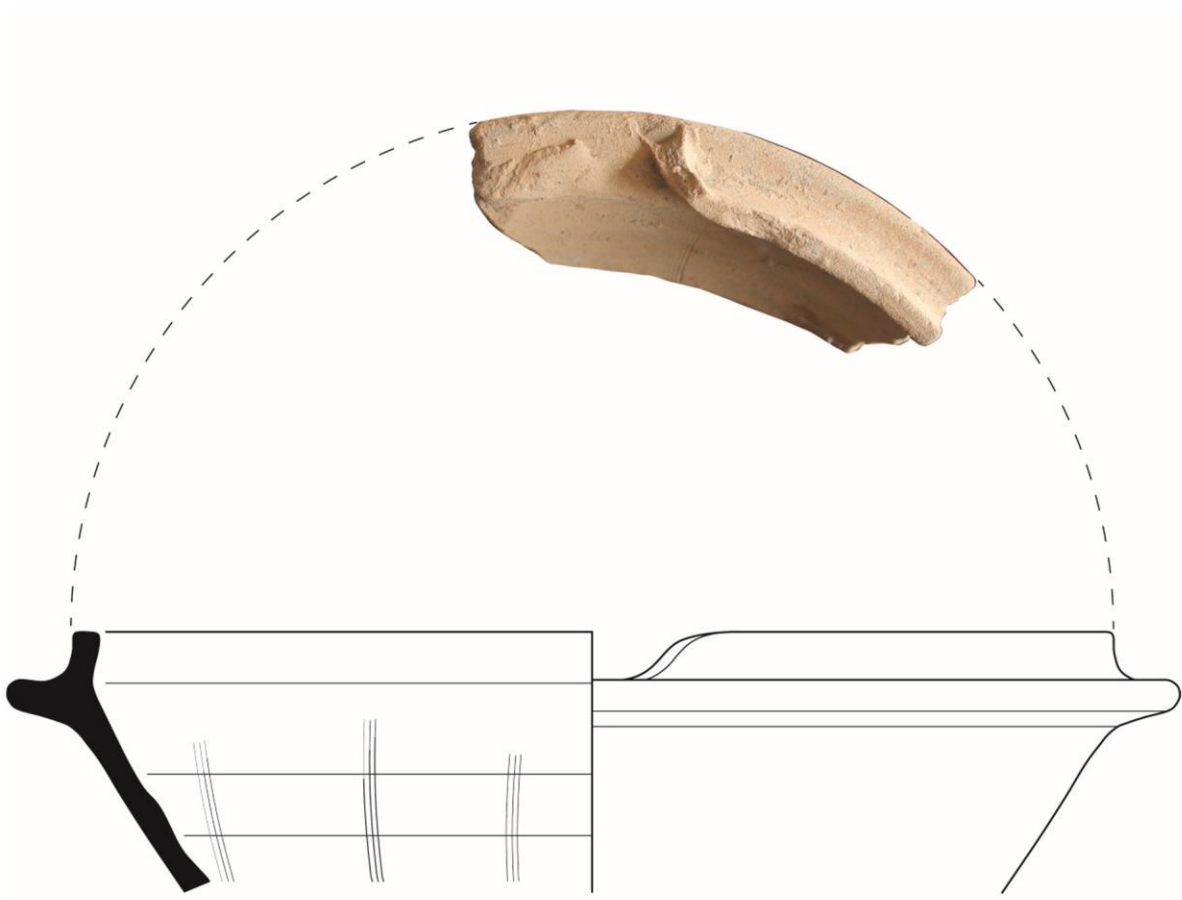
103



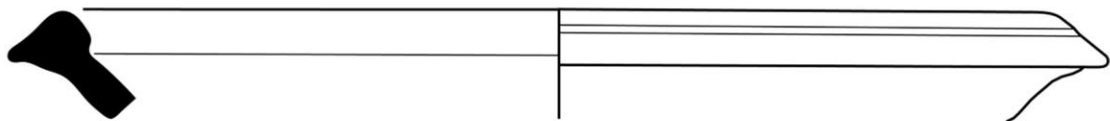
104

Esc. 1:3





105

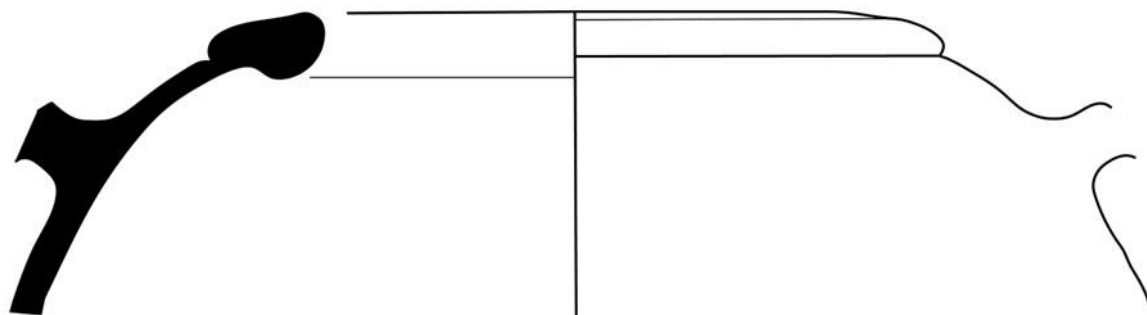


106

Esc. 1:2

5 cm





107

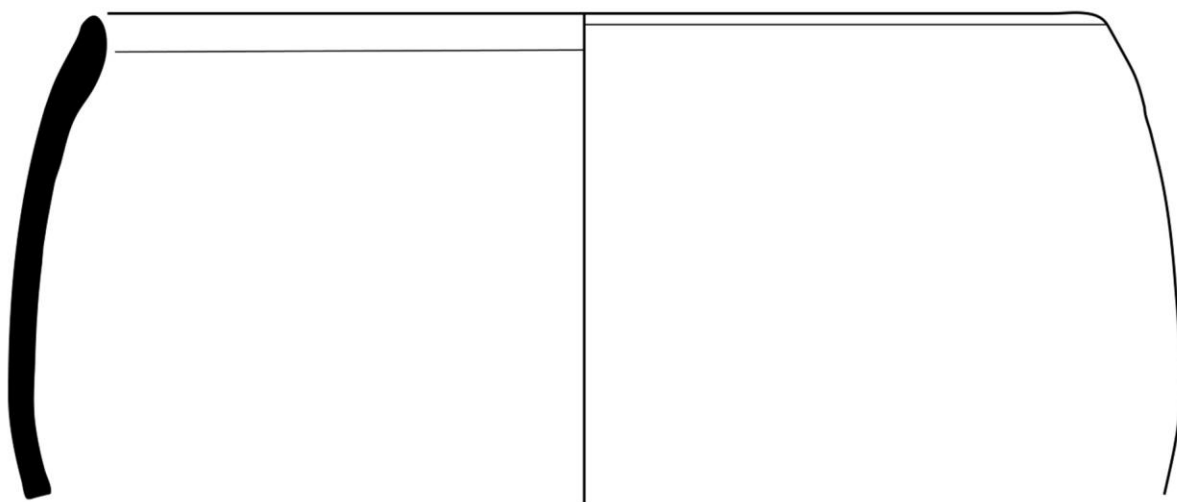
Esc. 1:2

5 cm





108



109

Esc. 1:2

5 cm



ANEXO II. Datos Estratigráficos

Cetária 1

Em termos tipológicos apresenta forma rectangular em plano. A Cetária é delimitada pelas unidades murárias [732], [818], [821], [1027] revestidas com opus de brita calcária ligado por uma argamassa esbranquiçada com uma última camada de argamassa mais fina, de forma a tornar a superfície alisada. Foi possível registar uma fase de reformulação desta Cetária a qual foi compartimentada pela unidade murária – [943] subdividindo-a em dois pequenos tanques.

A estratigrafia registada na Cetária 1:

940] – Depósito composto por sedimento silto-arenoso, homogéneo e medianamente solto, de cor castanha avermelhada, registando-se a inclusão de cerâmica comum, anfórica, fauna malacológica e mamalógica, carvões e vidro. É coberto pela [722], assenta [944] e preenche o interior da Cetária 1 – Sector H - Época Romana;

[942] – Depósito composto por sedimento silto-arenoso, homogéneo e medianamente solto, de cor acinzentada, registando-se a inclusão de cerâmica comum, anfórica, construção (residual), carvões, fauna malacológica e mamalógica. É coberta pela [940], assenta na [945] e preenche o interior da Cetária 1. Corresponde a nível de aterro e condenação da Cetária 1 – Sector H - Época Romana;

[944] – Depósito composto de sedimento silto-arenoso, homogéneo e medianamente compacto, de cor castanha clara, registando-se a inclusão cerâmica comum, carvões e nódulos de argamassa de cal e areia, de cor esbranquiçada. Este poderá ser correlacionável com a unidade [942]. É coberto pela [940], assenta na [956] e preenche o interior da Cetária 1. Corresponde a nível de aterro e condenação – Sector H – Época Romana;

[945] – Depósito composto por sedimento silto-argiloso, homogéneo e compacto, de cor castanha avermelhada, registando-se a inclusão de pedra de pequeno, médio e grande calibre, nódulos de argamassa de cal e areia, de cor esbranquiçada, cerâmica comum, anfórica e fauna malacológica e mamalógica. É coberta pela [942], assenta na [946] e preenche a Cetária 1. Corresponde a nível de aterro e condenação da Cetária 1 – Sector H – Época Romana

Cetária 2

Em termos tipológicos apresenta forma quadrangular em plano. A Cetária é delimitada pelas unidades murárias [732], [815], [818] e [949] e revestidas com opus de brita calcária ligado por uma argamassa esbranquiçada com uma última camada de argamassa mais fina, de forma a tornar a superfície alisada.

A estratigrafia registada na Cetária 2:

[959] – Depósito composto por sedimento silto-arenoso, homogéneo e medianamente compacto, de cor castanha acinzentada, registando-se a inclusão de cerâmica comum, anfórica, construção, pedra miúda, metal, bolsas de carvões. É coberta pelas unidades [958], [960] e assenta na [961]. Corresponde a nível de aterro e condenação da Cetária 2 – Sector H – Época Romana.

Cetária 3

Em termos tipológicos apresenta forma quadrangular em plano. A Cetária é delimitada pelas unidades murárias [818], [815], [821] e [949] revestidas com opus de brita calcária ligado por uma argamassa esbranquiçada com uma última camada de argamassa mais fina, de forma a tornar a superfície alisada.

A estratigrafia registada na Cetária 3:

[947] - Depósito composto por sedimento silto-arenoso, homogéneo e compacto, de cor castanha avermelhada, registando-se a inclusão de cerâmica comum, anfórico, vidro, carvões dispersos homogeneamente pelo depósito, pedra de pequeno e médio calibre. É coberto pela [722], encosta na [948] e preenche o interior da Cetária 2. Corresponde a nível de aterro e condenação do Cetária 3 – Sector H – Época Romana.

[953] - Depósito composto por sedimento silto-arenoso, homogéneo e solto, de cor castanha, registando-se a inclusão de pedra de pequeno, médio e grande calibre, nódulos de argamassa de cal e areia, de cor esbranquiçada. É coberto pela unidade [947], assenta na [954] e preenche o interior da Cetária 3. Corresponde a nível de destruição e colapso das paredes perimetrais da Cetária 3 – Sector H – Época Romana.

Cetária 4

Em termos tipológicos apresenta forma rectangular em plano. A Cetária é delimitada pelas unidades murárias [744] e [812] revestidas com opus de brita calcária ligado por uma argamassa esbranquiçada com uma última camada de argamassa mais fina, de forma a tornar a superfície alisada. Foi possível registar a presença de embasamento de pilar no vértice NE da Cetária 4 o qual suportaria uma telha de uma água.

A estratigrafia registada na Cetária 4:

[894] – Depósito composto por sedimento silto-arenoso, homogéneo e medianamente solto, de cor castanha esverdeada/acinzentada, registando-se a inclusão de cerâmica comum, anfórico, construção, *Terra Sigillata*, fauna malacológica e mamalógica, em abundância. É coberto pela [893], assenta na [895]. Corresponde a nível de aterro e condenação da Cetária 4 –Sector D-Época Romana.

[910] – Depósito composto por sedimento silto-arenoso, homogéneo e compacto, de cor cinzenta esverdeada, registando-se a inclusão de cerâmica comum, anfórica, construção (tegulae e imbrex), carvões e pedra miúda. É coberto pela [895], assenta na [911] e preenche o interior da Cetária 4 – Sector D – Época Romana.

Cetária 5:

[107] - Informação estratigráfica não foi disponibilizada.

[108] - Depósito composto por sedimento silto-arenoso, homogéneo e compacto, de cor castanha escura, registando-se a inclusão de pedra de pequeno, cerâmica comum, construção (tegulae), *terra sigillata*, loiça africana de cozinha, material anfórico diverso, vidro, nódulos de argamassa de cal e areia, de cor esbranquiçada. É coberto pela [508] e assenta na [513]. Corresponde a nível de aterro e regularização do terreno – Sondagem 5 – Época Romana.

[112] – Depósito composto por sedimento silto-arenoso, homogéneo e medianamente solto, de cor castanha-esverdeada/acinzentada, registando-se a inclusão de cerâmica comum, anfórico, construção, *Terra Sigillata* Africana, fauna malacológica e mamalógica, em abundância. Assenta na [114]. Corresponde a nível de aterro e condenação da Cetária 5. Época Romana.

[114] – Depósito composto por sedimento silto-arenoso, homogéneo e compacto, de cor cinzenta-esverdeada, registando-se a inclusão de cerâmica comum, anfórica, construção

(*tegulae* e *imbrex*), carvões e pedra miúda. É coberto pela [112]. Nível de colmatação da Cetária 5. Época Romana

Cetária 6:

[1140] - Depósito composto por sedimento silto-arenoso, homogéneo e medianamente solto, de cor castanha-esverdeada/acinzentada, registando-se a inclusão de cerâmica comum, anfórico, construção, *Terra Sigillata*, fauna malacológica e mamalógica, em abundância. Assenta na [1141]. Corresponde a nível de aterro e condenação da Cetária 6. Época Romana.

[1141] - Depósito composto por sedimento silto-arenoso, homogéneo e compacto, de cor cinzenta-esverdeada, registando-se a inclusão de cerâmica comum, anfórica, construção (*tegulae* e *imbrex*), carvões e pedra miúda. É coberto pela [1140]. Nível de colmatação da Cetária 6. Época Romana

Compartimento II:

[712] – [715] - [718] - [721] – Corresponde a níveis de abandono do comp. II, geralmente constituídos por sedimentos silto-arenosos, homogéneos e compactos, de cor castanha a acinzentada, registando-se a inclusão de pedras de pequeno, médio e grande calibre, cerâmica comum, construção (*tegulae*), cerâmica fina (*Terra Sigillata*), vidro, nódulos de argamassa de cal e areia, de cor bege.

Compartimento III:

[714] - [828] - Corresponde a níveis de abandono do comp. III, geralmente constituídos por sedimentos silto-arenosos, homogéneos e compactos, de cor castanha a acinzentada, registando-se a inclusão de pedras de pequeno, médio e grande calibre, cerâmica comum, construção (*tegulae*), cerâmica fina (*Terra Sigillata*), vidro, nódulos de argamassa de cal e areia, de cor bege.

Compartimento V:

[720] - [724] - [860] - Corresponde a níveis de abandono do comp. V, geralmente constituídos por sedimentos silto-arenosos, homogéneos e compactos, de cor castanha a acinzentada, registando-se a inclusão de pedras de pequeno, médio e grande calibre, cerâmica comum, construção (*tegulae*), cerâmica fina (*Terra Sigillata*), material anfórico, vidro, nódulos de argamassa de cal e areia, de cor bege.

Compartmento VI

[709] - Depósito que corresponde ao nível de abandono do Comp. VI, composto por sedimento silto-argiloso, homogéneo e compacto, de cor castanha avermelhada, registando-se a inclusão de cerâmica comum e de construção, nódulos de argamassa de cal e areia, de cor esbranquiçada, material anfórico diverso. Época Romana.

Compartmento IX:

[722] - [731] – Correspondem a depósitos constituídos por sedimento silto-arenoso, homogéneo e medianamente solto, de cor castanha escura, registando-se a inclusão de pedra de pequeno e médio calibre, nódulos de argamassa de cal e areia, de cor esbranquiçada. É coberto pela [706] assenta na [940] e encosta na [732]. Corresponde a nível de aterro e regularização que condensa as Cetária 1, 2, 3 e 4 identificadas no sector H - Época Romana.

Sector A:

[702] - Depósito que corresponde ao nível de abandono do sítio, composto por sedimento silto-argiloso, homogéneo e compacto, de cor castanha avermelhada, registando-se a inclusão de cerâmica comum e de construção, nódulos de argamassa de cal e areia, de cor esbranquiçada, material anfórico diverso. Época Romana.

Sector C:

[704] - Depósito composto por sedimento silto-arenoso, homogéneo e compacto, de cor castanha avermelhada, registando-se a inclusão de cerâmica comum, pedra de pequeno calibre, material anfórico diverso, nódulos de argamassa de cal e areia, de cor esbranquiçada, fauna malacológica muito fragmentada. É coberta pela [310] e assenta na [722]. Corresponde a nível de aterro e regularização do terreno – Sondagem 3.

Sector D:

[705] - Depósito composto por sedimento silto-argiloso, homogéneo e compacto, de cor castanha avermelhada, registando-se a inclusão de cerâmica comum, construção (tegulae, imbrex, laterae), nódulos de argamassa de cal e areia, de cor esbranquiçada, material anfórico

diverso. É coberta pela [509] e assenta na 893]. Corresponde a nível de aterro e condenação da Cetária 4 - Sondagem 5 - Época Romana.

[707] - [708] - Níveis constituídos por sedimento silto-arenoso, homogéneo e compacto, de cor castanha acinzentada, registando-se a inclusão de cerâmica comum, construção (*tegulae*, *imbrex* e *laterae*), material anfórico, fauna malacológica e mamalógica, Terra Sigillata, carvões dispersos homogeneamente pelo depósito. Assenta na [877]. Corresponde a nível de aterro e regularização associado Pós-Condenação do sítio arqueológico - Sector F e I – Plano 1 - Época Romana (Séculos V-VI);

Sector I:

[877] - Composto por sedimento silto-arenoso, homogéneo e compacto, de cor castanha avermelhada/alaranjada, registando-se a inclusão de cerâmica comum, anfórica, construção, nódulos de argamassa de cal e areia, de cor esbranquiçada, em abundância. Assenta no nível de circulação [881]. Corresponde a nível de aterro e regularização associado à Condenação – Sector I – Plano 2 – Época Romana (Século V-VI);

ANEXO III.
Inventário

Nº de Ordem	Nº de Inventário	Cetária ou Compartimento	EU	Fabrico	Forma	Nº Fgs	Descrição genérica	Observações
1	CC1	Cetária 1	940	CC Avermelhada	Talha	1	Bordo arredondado dobrado sobre o ombro. A parede é ovoide e esférica	
2	CC2	Cetária 1	940	CC Avermelhada	Asa	1	Asa de fita simétrica	
3	CC3	Cetária 1	940	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo simples, parede ligeiramente curvada	Bordo apresenta marcas de fogo
4	CC4	Cetária 1	940	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
5	CC5	Cetária 1	940	CC Acastanhada	Alguidar	1	bordo menos destacado e uma aba com caneluras	Desenho-Est. XL- nº104
6	CC6	Cetária 1	940	CC Bética	Asa	1	Asa de fita simétrica	
7	CC7	Cetária 1	940	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
8	CC8	Cetária 1	940	CC Cinzenta	Potinho	1	Fundo com pasta cinzenta, com engobe enegrecido	
9	CC9	Cetária 1	940	CC Avermelhada	Asa	1	Asa	
10	CC10	Cetária 1	940	CC Avermelhada	Fundo	1	Fundo plano	
11	CC11	Cetária 1	940	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo simples com lábio boleado	
12	CC12	Cetária 1	940	CC Imitação Regional	Hayes 59	2	Bordo de cerâmica cozinha africana	Desenho- Est. XXXVI- n.º 91
13	CC14	Cetária 1	940	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de Asa	
14	CC15	Cetária 1	940	CC Avermelhada	Fundo	1	Fundo plano	
15	CC16	Cetária 1	940	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo simples, parede oblíqua	Bordo apresenta marcas de fogo
16	CC17	Cetária 1	940	CC Avermelhada	Talha	1	Bordo arredondado dobrado sobre o ombro. A parede é ovoide e esférica	
17	CC18	Cetária 1	940	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo ligeiramente inclinado para o exterior com lábio plano	
18	CC19	Cetária 1	940	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo de pasta avermelhada, sendo a parte exterior cinzenta	
19	CC23	Cetária 1	940	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
20	CC24	Cetária 1	940	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	1	Bordo com lábio em aba pendente	

A CERÂMICA UTILITÁRIA DOS NÍVEIS DE ABANDONO DE UMA OFICINA DE SALGA EM OSSONÓBA (FARO)

21	CC1	Cetária 1	942	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
22	CC2	Cetária 1	942	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo com pasta refinada avermelhada, com o exterior de cor acinzentada	
23	CC3	Cetária 1	942	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	1	Bordo simples moldurado	
24	CC4	Cetária 1	942	CC Bética	recipiente pequeno	1	Fundo de pasta esbranquiçada, refinada	
25	CC5	Cetária 1	942	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
26	CC6	Cetária 1	942	CC Bética	Asa	1	Asa de fita simétrica	
27	CC7	Cetária 1	942	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
28	CC8	Cetária 1	942	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa fita simétrica	
29	CC9	Cetária 1	942	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
30	CC10	Cetária 1	942	CC Bética	Jarros/Bilhas	1	Bordo com lábio extrovertido e topo plano	
31	CC11	Cetária 1	942	CC Bética	Almofariz	1	Bordo de pasta esbranquiçada	
32	CC12	Cetária 1	942	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
33	CC13	Cetária 1	942	CC Bética	Taça	1	Bordo arredondado ligeiramente voltado para o interior	
34	CC14	Cetária 1	942	CC Bética	Taça	1	Bordo arredondado ligeiramente voltado para o interior	
35	CC15	Cetária 1	942	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo simples com lábio voltado para o interior	
36	CC16	Cetária 1	942	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo espessado para o exterior	
37	CC17	Cetária 1	942	CC Bética	Asa	1	Arranque de Asa de cerâmica da bética, pasta esbranquiçada	
38	CC18	Cetária 1	942	CC Bética	Alguidar	1	Bordo extrovertido simples	
39	CC19	Cetária 1	942	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
40	CC20	Cetária 1	942	CC Bética	Indeterminado	1	Fundo de cerâmica fina da bética com pasta esbranquiçada/amarelada	
41	CC1	Cetária 1	944	CCA	Hayes 23b	1	Bordo com lábio voltado para o interior	
42	CC2	Cetária 1	944	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo com bordo voltado para o exterior	
43	CC3	Cetária 1	944	CC Avermelhada	Asa	1	Asa de fita simétrica	
44	CC4	Cetária 1	944	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo simples, parede ligeiramente curvada	
45	CC1	Cetária 1	945	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo dobrado sobre o ombro	
46	CC2	Cetária 1	945	CC Avermelhada	Asa	1	Asa de fita simétrica	

47	CC3	Cetária 1	945	CC Avermelhada	Fundo	1	Fundo plano	
48	CC4	Cetária 1	945	CC Cinzenta	Taça	1	Bordo ligeiramente voltado para o interior, com extremo biselado	
49	CC5	Cetária 1	945	CC Avermelhada	Fundo	1	Fundo plano, com restos de fuligem	
50	CC1	Cetária 2	959	CC Bética	Alguidares pequenos/Bacias	1	Bordo extrovertido, ligeiramente soerguido	
51	CC3	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Fundo	1	Fundo plano	
52	CC4	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	
53	CC5	Cetária 2	959	CC Cinzenta	Potes/Paneles	1	Bordo com lábio voltado para o exterior triangular	
54	CC6	Cetária 2	959	CC Bética	Alguidar	1	Bordo extrovertido simples	Desenho-Est. VII- n. ° 20
55	CC7	Cetária 2	959	CC Bética	Indeterminado	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	
56	CC8	Cetária 2	959	CC Cinzenta	Taça	1	Bordo com lábio voltado para o interior boleado	
57	CC9	Cetária 2	959	CC Bética	Taça	1	Bordo arredondado ligeiramente voltado para o interior	
58	CC10	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo dobrado sobre o ombro	
59	CC11	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo espessado para o exterior	Desenho-Est. XXV
60	CC12	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo espessado para o exterior	
61	CC13	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo dobrado sobre o ombro	
62	CC14	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo com lábio voltado para exterior com perfil externo côncavo	
63	CC15	Cetária2	959	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo simples com lábio virado para o exterior	
64	CC16	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo ligeiramente voltado para o interior, com lábio boleado. Apresenta pega	Desenho-Est. XXVIII
65	CC17	Cetária2	959	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
66	CC18	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
67	CC19	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	
68	CC20	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo simples voltado para o exterior	
69	CC21	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo simples voltado para o interior, com lábio boleado	
70	CC22	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	1	Bordo simples moldurado	Desenho- Est. XXVII
71	CC23	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	

A CERÂMICA UTILITÁRIA DOS NÍVEIS DE ABANDONO DE UMA OFICINA DE SALGA EM OSSONOBA (FARO)

72	CC24	Cetária 2	959	CC Cinzenta	Caçoilas	1	Bordo voltado para o exterior	Ranhura no topo do lábio
73	CC25	Cetária 2	959	CC regional	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica com pasta avermelhada, mas exterior acinzentado	
74	CC26	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
75	CC28	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo com lábio virado para o exterior afilado	
76	CC29	Cetária 2	959	CC Bética	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica com depressão longitudinal	
77	CC30	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Fundo	1	Fundo plano	
78	CC31	Cetária 2	959	CC Cinzenta	Taça	1	Bordo com lábio ligeiramente introvertido	
79	CC32	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo ligeiramente inclinado para o exterior com lábio plano	
80	CC33	Cetária 2	959	CC regional	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
81	CC34	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo com lábio voltado para o interior biselado	Decoração digitada
82	CC35	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
83	CC36	Cetária 2	959	CC Bética	Jarros/Bilhas	1	Bordo simples com paredes caneladas	
84	CC37	Cetária 2	959	CC Bética	Alguidares pequenos/Bacias	1	Bordo extrovertido, ligeiramente soerguido	
85	CC38	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo espessado para o exterior	Desenho-Est. XXV
86	CC39	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo simples, parede oblíqua	
87	CC40	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua	
88	CC41	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	Marcas de uso ao fogo
89	CC42	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Fundo	1	Fundo plano	
90	CC43	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Jarra/Bilha	1	Bordo simples moldurado	
91	CC44	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo simples com lábio afilado	Decoração aplicada
92	CC45	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Talha	1	Bordo arredondado dobrado sobre o ombro. A parede é ovoide e esférica	
93	CC46	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo com lábio de extremo arredondado	
94	CC47	Cetária 2	959	CC Bética	Alguidar	1	Bordo extrovertido simples	
95	CC48	Cetária 2	959	CC Acastanhada	Alguidar	1	Bordo em aba recortada e digitada com parede reta e pouco envasada	
96	CC49	Cetária 2	959	CC Bética	Tampa	1	Bordo simples e parede oblíqua	
97	CC50	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo engrossado e virado para o interior, e lábio biselado	

98	CC51	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Asa	1	Asa de fita simétrica	
99	CC52	Cetária 2	959	CC Acastanhada	Alguidar	2	Bordo espessado, decorado com digitação	Desenho-Est. XL- nº105
100	CC53	Cetária 2	959	CC Bética	Indeterminado	1	Bordo	Decoração incisa
101	CC54	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
102	CC55	Cetária 2	959	CC Bética	Alguidar	1	Bordo voltado para o exterior com um ligeiro engrossamento interno	Decoração em meandro
103	CC56	Cetária 2	959	CC Bética	Alguidares pequenos/Bacias	1	Bordo extrovertido, ligeiramente soerguido	
104	CC57	Cetária 2	959	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
105	CC1	Cetária 3	947	CC Avermelhada	Asa	1	Asa de fita simétrica	
106	cc2	Cetária 3	947	CC Avermelhada	Fundo	1	Fundo plano com restos de fuligem	
107	CC3	Cetária 3	947	CC Bética	Jarro/Bilha	1	Bordo com lábio (com canelura) extrovertido com espessamento externo	
108	CC4	Cetária 3	947	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	1	Bordo simples moldurado	
109	CC6	Cetária 3	947	CC Bética	Pote	2	Fundo plano	
111	CC8	Cetária 3	947	CCA	Indeterminado	1	Bordo com lábio boleado	
112	CC10	Cetária 3	947	CC Cinzenta	Potinho	1	Fundo em pé	
113	CC11	Cetária 3	947	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo espessado para o exterior e com a parede arqueada	
114	CC12	Cetária 3	947	CC Bética	Asa	1	Asa de fita simétrica, com depressão longitudinal	
115	CC1	Cetária 3	953	CC Bética	Alguidares pequenos/Bacias	1	Bordo extrovertido, ligeiramente soerguido	Desenho-Est. X- n.º 27
116	CC2	Cetária 3	953	CC Bética	Pote	1	Bordo com lábio inclinado para o exterior com perfil externo concavo	
117	CC4	Cetária 3	953	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	1	Bordo simples moldurado c/arranque de asa completo	
118	CC5	Cetária 3	953	CC regional	Prato fundo?	1	Bordo com lábio em triangulo	tirar duvidas
119	CC6	Cetária 3	953	CC Avermelhada	Fundo	3	Fundo plano com restos de fuligem	Cola com CC8 e CC7
122	CC2	Cetária 4	910	CC Cinzenta	Caçoilas	1	Bordo boleado com engrossamento interno, possível zona de encaixe de tampa	
123	CC3	Cetária 4	910	CC regional	prato?	1	Fundo plano com caneluras interiores no bojo. Caneluras no fundo	Imitação de CCA. VER
124	CC4	Cetária 4	910	CCA	Hayes 196	1	Bordo espessado e ligeiramente convexo. Exterior do bordo enegrecido.	

125	CC5	Cetária 4	910	CCA	Hayes 197	1	Bordo espessado e ligeiramente convexo. Exterior do bordo enegrecido.	
126	CC1	Cetária 4	909	CC Avermelhada	Fundo	1	Fundo plano com restos de fuligem	
127	CC2	Cetária 4	909	CC Avermelhada	Fundo	1	Fundo plano	
128	CC3	Cetária 4	909	CCA	Hayes 182	1	Bordo espessado e voltado para o exterior	
129	CC4	Cetária 4	909	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	
130	CC5	cetária 4	909	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de sita simétrica com resto do bojo	
131	CC6	Cetária 4	909	CC Bética	Alguidar	1	Bordo plano	
132	CC7	Cetária 4	909	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	2	Bordo simples moldurado	
133	CC8	Cetária 4	909	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
135	CC10	Cetária 4	909	CC Avermelhada	Asa	1	Asa de fita simétrica	
136	CC11	Cetária 4	909	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo voltado para o exterior reto	
137	CC12	Cetária 4	909	CC Cinzenta	Indeterminado	1	Arranque de asa de fita simétrica, pasta cinzento-clara	
138	CC13	Cetária 4	909	CC Avermelhada	Alguidar	2	Bordo arredondado e voltado para o interior	
140	CC15	Cetária 4	909	CC Imitação Regional	Hayes 67	1	Bordo voltado para o exterior	
142	CC18	Cetária 4	909	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	
143	CC19	Cetária 4	909	CCA	Indeterminado	1	Fundo com base plana com estrias exteriores	
144	CC1	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo espessado para o exterior e com a parede arqueada	Desenho-Est. XXIX
145	CC2	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo com lábio voltado para o exterior com pequena saliência	
146	CC3	Cetária 4	894	CC Cinzenta	Indeterminado	1	Resto do bordo com arranque de asa e restos do bojo	
147	CC4	Cetária 4	894	CC Cinzenta	Potes/Paneias	1	Bordo com lábio voltado para o exterior em quadrado, pasta cinzenta	
148	CC5	Cetária 4	894	CCA	Hayes 182	1	Bordo espessado e voltado para o exterior	
149	CC6	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	
150	CC7	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo simples com lábio voltado para o exterior	

151	CC8	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Asa	1	Asa de fita simétrica	
152	CC9	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	
153	CC10	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado. Apresenta asa completa	Desenho -Est. XXVI; apresenta decoração penteada
154	CC11	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Pote/Panela	3	bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	Desenho-Est. XXXII - n.º 86
155	CC12	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita	
156	CC13	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	
157	CC14	Cetária 4	894	CC Bética	Tampa	1	Bordo simples e parede oblíqua	
158	CC15	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de rolo	
159	CC16	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de rolo	
160	CC17	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
161	CC18	Cetária 4	894	CC Bética	Alguidar	1	Bordo voltado para o exterior com um ligeiro engrossamento interno	
162	CC19	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	
163	CC20	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
164	CC21	Cetária 4	894	CC Bética	Pote	1	Bordo quase triangular com lábio biselado	
165	CC22	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo simples, parede ligeiramente curvada	Desenho-Est. XXXV
166	CC24	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo dobrado sobre o ombro	
168	CC26	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	
169	CC27	Cetária 4	894	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	Desenho-Est. XXVI
171	CC29	Cetária 4	894	CC Bética	Alguidar	1	Bordo com lábio voltado para o exterior com perfil externo concavo, apresenta várias caneluras	Decoração pinçada
172	CC30	Cetária 4	894	CC Acastanhada	Talha	1	Bordo horizontal, amendoado ou arredondado, mais espessado que a parede que apresenta uma forma esférica ou ovoide. Duas asas	Desenho- Est. XLIII- nº109
173	CC1	Cetária 5	107	CC Cinzenta	Taça	1	Bordo com lábio ligeiramente introvertido	Desenho- Est.XIX

A CERÂMICA UTILITÁRIA DOS NÍVEIS DE ABANDONO DE UMA OFICINA DE SALGA EM OSSONÓBA (FARO)

174	CC3	Cetária 5	107	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo simples com lábio arredondado
175	CC4	Cetária 5	107	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica
176	CC5	Cetária 5	107	CC Bética	Asa	1	Asa de fita simétrica
177	CC6	Cetária 5	107	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica com depressão longitudinal
178	CC7	Cetária 5	107	CCA	Hayes 23b	1	Bordo simples com lábio espessado no interior
179	CC8	Cetária 5	107	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado
180	CC9	Cetária5	107	CCA	Hayes 196	1	Bordo espessado e ligeiramente convexo. Exterior do bordo enegrecido.
181	CC10	Cetária 5	107	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado
182	CC11	Cetária 5	107	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica com restos do bojo
183	CC12	Cetária 5	107	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de rolo
184	CC13	Cetária 5	107	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado
185	CC15	Cetária 5	107	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo simples ligeiramente voltado para o interior, com lábio boleado
186	CC16	Cetária 5	107	CCA	Hayes 197	1	Bordo arredondado e voltado para o exterior com pequeno sulco para o encaixe de tampa
187	CC17	Cetária 5	107	CCA	Indeterminado	1	Bordo
188	CC18	Cetária 5	107	CC Avermelhada	Asa	1	Asa de rolo
189	CC20	Cetária 5	107	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo dobrado sobre o ombro
190	CC21	Cetária 5	107	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	1	Bordo simples moldurado
191	CC22	Cetária 5	107	CC Bética	Taça	1	Bordo arredondado ligeiramente voltado para o interior
192	CC23	Cetária 5	107	CC Cinzenta	Potes/Panelas	1	Bordo com lábio voltado para o exterior com perfil externo côncavo
193	CC24	Cetária 5	107	CCA	Indeterminado	1	Bordo
194	CC25	Cetária 5	107	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo espessado para o exterior
195	CC26	Cetária 5	107	CC Avermelhada	Asa	1	Asa de fita simétrica com duas depressões longitudinais

196	CC27	Cetária 5	107	CC Bética	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica com depressão longitudinal na parte de trás da asa	
197	CC28	Cetária 5	107	CC regional	Indeterminado	1	Bordo com lábio voltado para o exterior em bico de pato	
198	CC1	Cetária 5	108	CC Avermelhada	Fundo	1	Fundo de base plana, com restos de fuligem	
199	CC2	Cetária 5	108	CC Bética	Indeterminado	1	Fundo com lábio biselado, apresenta 2 caneluras no exterior do bordo	
200	CC3	Cetária 5	108	CCA	Hayes 196	1	Bordo espessado e ligeiramente convexo. Exterior do bordo enegrecido.	
201	CC5	Cetária 5	108	CCA	Hayes 196	1	Bordo espessado e ligeiramente convexo. Exterior do bordo enegrecido.	
202	CC6	Cetária 5	108	CCA	Hayes 23B	1	Bordo simples com lábio espessado no interior	
203	CC7	Cetária 5	108	CCA	Hayes 197	1	Bordo arredondado e voltado para o exterior com pequeno sulco para o encaixe de tampa	
204	CC8	Cetária 5	108	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
205	CC9	Cetária 5	108	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo com lábio voltado para o interior	
206	CC11	Cetária 5	108	CC Bética	Indeterminado	1	Fundo plano	
207	CC12	Cetária 5	108	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo simples, parede oblíqua	
208	CC13	Cetária 5	108	CC Cinzenta	Potes/Panelas	5	Bordo com lábio voltado para o exterior com perfil externo côncavo	
213	CC1	Cetária 5	112	CCA	Hayes 23b	1	Bordo simples com lábio espessado no interior	
214	CC2	Cetária 5	112	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	
215	CC3	Cetária 5	112	CC Cinzenta	Potes/Panelas	1	Bordo com lábio pendente voltado para o exterior	
216	CC4	Cetária 5	112	CC Cinzenta	Potes/Panelas	2	Bordo com lábio boleado voltado para o exterior	
217	CC5	Cetária 5	112	CC Bética	Tampa	1	Bordo simples e parede oblíqua	
218	CC6	Cetária 5	112	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	
219	CC8	Cetária 5	112	CC Bética	Indeterminado	1	Bordo com lábio voltado para o exterior em semicírculo	
220	CC9	Cetária 5	112	CC Bética	Alguidar	1	Bordo plano	
221	CC10	Cetária 5	112	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
222	CC11	Cetária 5	112	CC Bética	Alguidares pequenos/Bacias	1	Bordo extrovertido, ligeiramente soerguido	

223	CC12	Cetária 5	112	CCA	Hayes 197	1	Bordo arredondado e voltado para o exterior com pequeno sulco para o encaixe de tampa	
224	CC13	Cetária 5	112	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
225	CC15	Cetária 5	112	CC Bética	Taça	1	Bordo arredondado ligeiramente voltado para o interior	
226	CC16	Cetária 5	112	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo simples, parede oblíqua	
227	CC17	Cetária 5	112	CC Avermelhada	Asa	1	Asa em fita simétrica	
229	CC19	Cetária 5	112	CC bética	Indeterminado	1	Bordo	
230	CC20	Cetária 5	112	CC Bética	Taça	1	Bordo arredondado ligeiramente voltado para o interior. Asa horizontal ligeiramente abaixo do bordo	Desenho-Est. I- n.º 4
231	CC21	Cetária 5	112	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
232	CC22	Cetária 5	112	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
233	CC1	Cetária 5	114	CC Avermelhada	Taça	2	Bordo engrossado e virado para o interior, e lábio biselado	
234	CC2	Cetária 5	114	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo simples com lábio arredondado	
236	CC4	Cetária 5	114	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
237	CC1	Cetária 6	1140	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
238	CC2	Cetária 6	1140	CC Avermelhada	Asa	1	Asa completa de fita simétrica	
239	CC3	Cetária 6	1140	CC Acastanhada	Cântaro	1	Bordo voltado para o exterior e decoração pinçada no lábio	Desenho- Est. XXXVIII- nº100
240	CC4	Cetária 6	1140	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
241	CC5	Cetária 6	1140	CC Bética	Alguidar	1	Bordo voltado para o exterior com um ligeiro engrossamento interno	Desenho-Est. X- n.º 26
242	CC6	Cetária 6	1140	CC Bética	Pote	1	Bordo extrovertido. Canelura para encaixe de tampa	Desenho-Est. XI- n.º 28
243	CC7	Cetária 6	1140	CC Avermelhada	Talhas	2	Bordo arredondado dobrado sobre o ombro. A parede é ovoide e esférica	Desenho-Est. XXXIV
245	CC1	Cetária 6	1141	CC Bética	Alguidar	1	Bordo com lábio voltado para o exterior com perfil externo côncavo	
246	CC2	Cetária 6	1141	CC Avermelhada	Taças	3	Bordo voltado para o exterior com engrossamento interno, e paredes retas	Desenho- Est. XXV

248	CC4	Cetária 6	1141	CC Acastanhada	Alguidar	2	Bordo em aba simples com parede reta e pouco envasada	Desenho-Est. XXXIX-nº101
250	CC6	Cetária 6	1141	CC Acastanhada	Talha	2	Bordo horizontal, amendoado ou arredondado, mais espessado que a parede que apresenta uma forma esférica ou ovoide. Duas asas	
252	CC8	Cetária 6	1141	CC Avermelhada	Jarra/Bilha	1	Bordo simples moldurado c/arranque de asa completo	Desenho-Desenho- Est. XXVII
253	CC9	Cetária 6	1141	CC Avermelhada	Fundo	1	Fundo de base plana	
254	CC10	Cetária 6	1141	CC Bética	Alguidar	1	Bordo com lábio voltado para o exterior em perfil externo côncavo	
255	CC11	Cetária 6	1141	CC Acastanhada	Taça	1	Bordo de extremo plano ligeiramente voltado para o interior. Forma hemisférica, bem como uma pega horizontal junto ao bordo. Decoração Digitada	Desenho -Est. XXXVIII-nº99
256	CC12	Cetária 6	1141	CC Bética	Talha/ <i>Dolium</i>	1	Bordo simples e introvertido com algumas caneluras na parte exterior do lábio	Desenho-Est. IV- n.º 13
257	CC13	Cetária 6	1141	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
258	CC14	Cetária 6	1141	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	Decoração penteada
259	CC15	Cetária 6	1141	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	Desenho-Est. XXIX
260	CC16	Cetária 6	1141	CC Avermelhada	Potes/Panelas	1	bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	Desenho-Est. XXXI fig84
261	CC18	Cetária 6	1141	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica. caneluras sobre a aba e decoração digitada no lábio	
262	CC19	Cetária 6	1141	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
264	CC22	Cetária 6	1141	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
265	CC23	Cetária 6	1141	CC Acastanhada	Alguidar	1	Bordo em aba simples com parede reta e pouco envasada	
266	CC24	Cetária 6	1141	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
267	CC25	Cetária 6	1141	CC Bética	Alguidar	1	Bordo plano	

268	CC26	Cetária 6	1141	CC Bélica	Pote	1	Bordo extrovertido, com uma canelura na ligação com o lábio	Desenho- Est. XII- n.º 31
269	CC27	Cetária 6	1141	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
270	CC28	Cetária 6	1141	CC Acastanhada	Alguidar	1	Bordo em aba recortada e digitada com parede reta e pouco envasada	
271	CC29	Cetária 6	1141	CC Bélica	Alguidar	1	Bordo voltado para o exterior com um ligeiro engrossamento interno	
272	CC30	Cetária 6	1141	CC Acastanhada	Alguidar	1	Bordo em aba recortada e digitada com parede reta e pouco envasada	Desenho-Est. XL- nº103
273	CC31	Cetária 6	1141	CC Bélica	Jarros/Bilhas	1	Bordo com lábio (com canelura) extrovertido com espessamento externo	
274	CC32	Cetária 6	1141	CC Bélica	Alguidar	1	Bordo extrovertido simples	
275	CC1	Comp II	712	CC Bélica	Alguidar	1	Bordo plano	Desenho- Est. VIII- n.º 21
276	CC2	Comp II	712	CC Bélica	Alguidar	1	Bordo com lábio voltado para o exterior, com perfil externo côncavo	Decoração pinçada
277	CC3	Comp II	712	CC Bélica	Indeterminado	2	Bordo com lábio voltado para o exterior, com perfil externo côncavo	
279	CC5	Comp II	712	CC Bélica	Alguidar	2	Bordo com lábio voltado para o exterior	Decoração pinçada
281	CC7	Comp II	712	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo dobrado sobre o ombro	
282	CC8	Comp II	712	CC Cinzenta	Potes/Panelas	1	Bordo com lábio voltado para o exterior, pasta preta	
283	CC9	Comp II	712	CC Modelada à mão	Grande Taça	1	Bordo vertical	
284	CC10	Comp II	712	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo boleado com uma ligeira saliência para o exterior	Desenho-Est. XXXV
285	CC11	Comp II	712	CC Cinzenta	Potes/Panelas	1	Bordo com lábio voltado para o exterior em triângulo, com pequena depressão no extremo	
286	CC12	Comp II	712	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo dobrado sobre o ombro	
287	CC13	Comp II	712	CC Bélica	Alguidares pequenos/Bacias	1	Bordo extrovertido, ligeiramente soerguido	

288	CC14	Comp II	712	CC Cinzenta	Caçoilas	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	Decoração: Pequenas ranhuras
289	CC15	Comp II	712	CC Cinzenta	Potes/Panelas	1	Bordo com lábio arredondado com engrossamento no exterior	
290	CC16	Comp II	712	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	
291	CC17	Comp II	712	CC Cinzenta	Potes/Panelas	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	
292	CC18	Comp II	712	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
293	CC19	Comp II	712	CC Bética	Taça	1	Bordo arredondado ligeiramente voltado para o interior	
294	CC20	Comp II	712	CC Bética	Asa	1	Asa de fita simétrica dimensões pequenas	
295	CC21	Comp II	712	CCA	Hayes 196	2	Bordo espessado e ligeiramente convexo. Exterior do bordo enegrecido.	
296	CC22	Comp II	712	CC Cinzenta	Tampa	1	Tampa	
297	CC23	Comp II	712	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
298	CC24	Comp II	712	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo dobrado sobre o ombro	
299	CC25	Comp II	712	CC Cinzenta	Indeterminado	1	Bordo com arranque de asa, pasta cinzenta	
300	CC1	Comp II	715	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo dobrado sobre o ombro	
301	CC2	Comp II	715	CC Cinzenta	Tampa Pequena	1	Tampa Pequena	
302	CC3	Comp II	715	CC bética	Almofariz	1	Bordo amendoado	
303	CC1	Comp II	718	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo simples, parede ligeiramente curvada	
304	CC2	Comp II	718	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo simples, parede ligeiramente curvada	
305	CC3	Comp II	718	CCA	Hayes 196	1	Bordo espessado e ligeiramente convexo. Exterior do bordo enegrecido.	
306	CC1	Comp II	721	CC bética	Asa	1	Asa de rolo com decoração	
307	CC2	Comp II	721	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo boleado com uma ligeira saliência para o exterior	
308	CC3	Comp II	721	CC Modelada à mão	Grande Taça	1	Bordo vertical	
309	CC4	Comp II	721	CC Avermelhada	Fundo	1	Fundo plano	
310	CC5	Comp II	721	CCA	Hayes 23b	1	Bordo simples com lábio espessado no interior	
311	CC1	Comp III	714	CC Bética	Taça	2	Bordo ligeiramente extrovertido	Desenho -Est. I- n.º 5
312	CC2	Comp III	714	CC Bética	Cálice	1	Fundo em pé	
314	CC4	Comp III	714	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa com engobe preto?	
315	CC5	Comp III	714	CCA	Hayes 197	1	Fundo radiado	

316	CC1	Comp III	828	CC Acastanhada	Alguidar	12	Bordo em aba simples com parede reta e pouco envasada	Desenho- Est. XXXIX N°102
325	CC10	Comp III	828	CC Cinzenta	Pote/Panela	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	Desenho- Est. XX
328	CC13	Comp III	828	CCA	Hayes 197	1	Fundo radiado	
330	CC1	Comp v	720	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica. Caneluras sobre a aba e decoração digitada no lábio	
331	CC2	Comp V	720	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo simples com lábio boleado	Desenho-Est. XXIV
332	CC3	Comp V	720	CC Acastanhada	Talha	1	Bordo horizontal, amendoado ou arredondado, mais espessado que a parede que apresenta uma forma esférica ou ovoide. Duas asas	
333	CC4	Comp V	720	CC Bética	Almofariz	1	Bordo	
334	CC5	Comp V	720	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
335	CC6	Comp V	720	CC Bética	Alguidar	1	Bordo extrovertido simples	
336	CC7	Comp V	720	CC Bética	Alguidares pequenos/Bacias	1	Bordo extrovertido, ligeiramente soerguido	
337	CC8	Comp V	720	CCA	Hayes 196	1	Bordo espessado e ligeiramente convexo. Exterior do bordo enegrecido.	
338	CC9	Comp V	720	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
339	CC10	Comp V	720	CC Bética	Almofariz	1	Bordo	
340	CC11	Comp V	720	CC Acastanhada	Alguidar	1	Bordo em aba simples com parede reta e pouco envasada	
341	CC12	Comp V	720	CC Cinzenta	Potes/Panelas	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	
342	CC13	Comp V	720	CC Bética	Pote	1	Bordo extrovertido, com uma canelura na ligação com o lábio	
343	CC14	Comp V	720	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	1	Bordo simples moldurado	
344	CC15	Comp V	720	CC Bética	Almofariz	1	Bordo com bico de almofariz	
345	CC16	Comp V	720	CC Bética	Pote	1	Bordo extrovertido em fita e ombro descaído. Decoração incisa na superfície interior	Desenho-Est. XI- n.º 29
346	CC17	Comp V	720	CC Bética	Almofariz	1	Bordo com lábio virado para o exterior pendente para baixo	
347	CC1	Comp V	724	CC Avermelhada	Asa	1	Asa em fita simétrica	
348	CC2	Comp V	724	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	

349	CC3	Comp v	724	CC Avermelhada	Asa	1	Asa de fita simétrica	
350	CC4	Comp V	724	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de rolo	
351	CC5	Comp V	724	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
352	CC6	Comp V	724	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	
353	CC1	Comp V	860	CC Cinzenta	Tacho	26	Bordo com lábio virado para o interior, pasta cinzenta	Desenho- Est. XXII
384	CC32	Comp V	860	CC Acastanhada	Alguidar	2	Bordo em aba simples com parede reta e pouco envasada	
385	cc33	Comp V	860	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo dobrado sobre o ombro	
386	CC34	Comp V	860	CCA	Hayes 196	1	Bordo espessado e ligeiramente convexo. Exterior do bordo enegrecido.	
387	CC35	Comp V	860	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	1	Bordo simples moldurado	
388	CC36	Comp V	860	CC Bética	Indeterminado	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	
389	CC37	Comp V	860	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	
391	cc39	Comp V	860	CC Cinzenta	Tampa Pequena	1	Tampa	
392	CC40	Comp V	860	CC Bética	Pote	1	Bordo extrovertido. Canelura para encaixe de tampa	
393	CC41	Comp V	860	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	1	Bordo com lábio em aba pendente	
394	CC42	Comp V	860	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado, com arranque de asa	
395	CC43	Comp V	860	CC Cinzenta	Tampa	1	Tampa	Desenho- Est. XXIII
396	CC1	Comp VI	709	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
397	CC3	Comp VI	709	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo dobrado sobre o ombro	
398	CC4	Comp VI	709	CC Bética	Almofariz	1	Bordo amendoado	
399	CC5	Comp VI	709	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
400	CC6	Comp VI	709	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	1	Bordo com lábio em aba pendente	
401	CC7	Comp VI	709	CC Bética	Alguidar	1	Bordo com lábio virado para o exterior	Decoração pinçada
402	CC1	Comp IX	722	CC Avermelhada	Pote/Panela	2	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
404	CC3	Comp IX	722	CC Acastanhada	Alguidar	2	bordo menos destacado e uma aba com caneluras	
406	CC5	Comp IX	722	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo com lábio boleado	
407	CC6	Comp IX	722	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo com lábio boleado	
408	CC7	Comp IX	722	CC Avermelhada	Asa	1	Asa de fita simétrica	

409	CC8	Comp IX	722	CC Avermelhada	Fundo	1	Fundo de base plana	
410	CC9	Comp IX	722	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo simples com lábio boleado	Desenho-Est. XXIV
411	CC10	Comp IX	722	CC Bética	Alguidar	1	Bordo voltado para o exterior com um ligeiro engrossamento interno	Decoração em meandro
412	CC12	Comp IX	722	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo voltado para o interior com lábio boleado	
413	CC13	Comp IX	722	CC Avermelhada	Fundo	1	Fundo em pé	
414	CC14	Comp IX	722	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa em rolo	
415	CC15	Comp IX	722	CC Cinzenta	Potes/Paneias	1	Bordo com lábio voltado para o interior, pasta cinzenta	
416	CC16	Comp IX	722	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo simples com lábio boleado	
417	CC17	Comp IX	722	CC Imitação Regional	Hayes 61A	1	bordo encurvado e aresta na ligação entre o bordo e a parede	Desenho-Est. XXXVI
418	CC18	Comp IX	722	CCA	Hayes 197	1	Bordo arredondado e voltado para o exterior com pequeno sulco para o encaixe de tampa	
419	CC19	Comp IX	722	CC Bética	Indeterminado	1	Bordo	
420	CC20	Comp IX	722	CC Bética	Taça	1	Bordo arredondado ligeiramente voltado para o interior	
421	CC21	Comp IX	722	CC Avermelhada	Asa	1	Asa de fita simétrica com depressão longitudinal	
422	CC22	Comp IX	722	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	
423	CC23	Comp IX	722	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo simples com lábio arredondado	
424	CC24	Comp IX	722	CC Bética	Alguidar	1	Bordo extrovertido simples	
425	CC25	Comp IX	722	CC Avermelhada	Asa	1	Asa de fita simétrica com depressão longitudinal	
426	CC26	Comp IX	722	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	
427	CC27	Comp IX	722	CC regional	Indeterminado	1	Fundo de base plana, com pasta cinzenta	
428	CC28	Comp IX	722	CC Bética	Alguidar	1	Bordo extrovertido com lábio amendoado	
429	CC29	Comp IX	722	CC Bética	Pote	1	Bordo quase triangular com lábio biselado	
430	CC30	Comp IX	722	CC Avermelhada	Asa	1	Bordo com arranque de asa de fita simétrica	
431	CC31	Comp IX	722	CC Bética	Alguidar	1	Bordo voltado para o exterior com um ligeiro engrossamento interno	
432	CC32	Comp IX	722	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
433	CC33	Comp IX	722	CCA	Hayes 196	1	Bordo espessado e ligeiramente convexo. Exterior do bordo enegrecido.	

434	CC34	Comp IX	722	CC Bética	Almofariz	1	Bordo	
435	CC35	Comp IX	722	CC Bética	Indeterminado	1	Fundo de base plana	
436	CC36	Comp IX	722	CC Bética	Tampa	1	Bordo simples e parede oblíqua	
437	CC37	Comp IX	722	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	1	Bordo simples moldurado	
438	CC38	Comp IX	722	CC Bética	Almofariz	1	Bordo com lábio virado para o exterior	
439	CC39	Comp IX	722	CC Bética	Indeterminado	1	Fundo	
440	CC40	Comp IX	722	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	
441	CC41	Comp IX	722	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
442	CC42	Comp IX	722	CC Bética	Alguidar	1	Bordo com lábio virado para o exterior	Decoração pinçada
443	CC1	Comp IX	731	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	
444	CC2	Comp IX	731	CCA	Hayes 196	1	Bordo espessado e ligeiramente convexo. Exterior do bordo enegrecido.	
445	CC3	Comp IX	731	CC Bética	Pote	1	Bordo extrovertido. Canelura para encaixe de tampa	
446	CC4	Comp IX	731	CC Cinzenta	Tampa	1	Tampa	
447	CC5	Comp IX	731	CC Bética	Taça	1	Bordo vertical. Apresenta carena	
448	CC6	Comp IX	731	CC bética	Indeterminado	1	Bordo	
449	CC7	Comp IX	731	CC Cinzenta	Potes/Paneles	1	Bordo com lábio virado para o exterior	
450	CC8	Comp IX	731	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
451	CC9	Comp IX	731	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	
452	CC10	Comp IX	731	CC Bética	Taça	1	Bordo arredondado ligeiramente voltado para o interior	
453	CC11	Comp IX	731	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo ligeiramente inclinado para o exterior com lábio plano	
454	CC12	Comp IX	731	CC Cinzenta	Indeterminado	1	Bordo arredondado	
455	CC13	Comp IX	731	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo dobrado sobre o ombro	
456	CC14	Comp IX	731	CC Bética	Pote	1	Bordo extrovertido. Canelura para encaixe de tampa	
457	CC15	Comp IX	731	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	

A CERÂMICA UTILITÁRIA DOS NÍVEIS DE ABANDONO DE UMA OFICINA DE SALGA EM OSSONÓBA (FARO)

458	CC16	Comp IX	731	CC Bética	Indeterminado	1	Bordo	
459	CC17	Comp IX	731	CC Bética	Indeterminado	1	Bordo	
460	CC18	Comp IX	731	CC Avermelhada	Fundo	1	Fundo Plano	
461	CC19	Comp IX	731	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular, com arranque de asa	
462	CC20	Comp IX	731	CC Bética	Pote	1	Bordo quase triangular com lábio biselado	
463	CC21	Comp IX	731	CC regional	Indeterminado	1	Arranque de asa fita simétrica	
464	CC22	Comp IX	731	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
465	CC23	Comp IX	731	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de rolo	
466	CC24	Comp IX	731	CC Bética	Pega de frigideira	1	Pega tubular	
467	CC25	Comp IX	731	CC Avermelhada	Asa	1	Asa de fita simétrica	
468	CC26	Comp IX	731	CC Bética	Jarros/Bilhas	1	Bordo simples com paredes caneladas	Desenho- Est. III- n.º 12
469	CC27	Comp IX	731	CC Bética	Taça	1	Bordo arredondado ligeiramente voltado para o interior	
470	CC28	Comp IX	731	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo espessado para o exterior	
471	CC29	Comp IX	731	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo simples com lábio arredondado	
472	CC30	Comp IX	731	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo voltado para o interior, com lábio boleado	
473	CC32	Comp IX	731	CCA	Indeterminado	1	Fundo	
474	CC33	Comp IX	731	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo simples com lábio arredondado	
475	CC34	Comp IX	731	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
476	CC35	Comp IX	731	CCA	Hayes 23B	1	Bordo simples com lábio espessado no interior	
477	CC37	Comp IX	731	CC Avermelhada	Asa	1	Asa de fita simétrica	
478	CC1	Pós-Abandono	704	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	3	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	Desenho-Est. XXVIII
481	CC4	Pós-Abandono	704	CC Bética	Alguidar	1	Bordo plano	
482	CC5	Pós-Abandono	704	CC Bética	Alguidar	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	Decoração pinçada
483	CC1	Pós-Abandono	705	CCA	Hayes 197	1	Bordo arredondado e voltado para o exterior com pequeno sulco para o encaixe de tampa	
484	CC2	Pós-Abandono	705	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo simples com lábio boleado	
485	CC3	Pós-Abandono	705	CC Avermelhada	Pote/Panela	2	Bordo dobrado sobre o ombro	

486	CC4	Pós-Abandono	705	CC Acastanhada	Talha	1	Bordo horizontal, amendoado ou arredondado, mais espessado que a parede que apresenta uma forma esférica ou ovoide. Duas asas	
488	CC6	Pós-Abandono	705	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
489	CC7	Pós-Abandono	705	CC Bética	Talha/Dolium	1	Bordo simples e introvertido com algumas caneluras na parte exterior do lábio	
490	CC8	Pós-Abandono	705	CC Bética	Alguidar	1	Bordo extrovertido simples	
491	CC9	Pós-Abandono	705	CC Bética	Jarros/Bilhas	1	Bordo simples com paredes caneladas	
492	CC10	Pós-Abandono	705	CC Cinzenta	Potes/Panelas	1	Bordo com lábio voltado para o exterior com pequeno engrossamento rectangular, pequena depressão no topo do lábio. Interior com depressões longitudinais	Desenho-Est. XX
493	CC11	Pós-Abandono	705	CCA	Hayes 197	1	Fundo com as radiações para a temperatura	
494	CC12	Pós-Abandono	705	CCA	Hayes 198	1	Fundo com as radiações para a temperatura	
495	CC1	Pós-Abandono	702	CC Modelada à mão	Grande Taça	3	Bordo vertical	Desenho- Est. XLIV
498	CC4	Pós-Abandono	702	CCA	Hayes 196	1	Bordo espessado e ligeiramente convexo. Exterior do bordo enegrecido.	
499	CC5	Pós-Abandono	702	CC Avermelhada	Tampa	2	Bordo boleado com uma ligeira saliência para o exterior	Bordo apresenta marcas de fogo
501	CC7	Pós-Abandono	702	CC Bética	Almofariz	1	Bordo com lábio voltado para o exterior em círculo	
502	CC1	Pós-Abandono	708	CC Bética	Taça	1	Bordo vertical. Apresenta carena	Desenho-Est. II- n.º 7
503	CC2	Pós-Abandono	708	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo com lábio boleado	
504	CC3	Pós-Abandono	708	CC Bética	Almofariz	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	
505	CC4	Pós-Abandono	708	CC Cinzenta	Tampa Pequena	1	Tampa Pequena	
506	CC5	Pós-Abandono	708	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
507	CC6	Pós-Abandono	708	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo simples com lábio boleado	
508	CC7	Pós-Abandono	708	CC Bética	Alguidar	1	Bordo voltado para o exterior com um ligeiro engrossamento interno	Decoração no lábio
509	CC8	Pós-Abandono	708	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
510	CC9	Pós-Abandono	708	CC Bética	Alguidar	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	
511	CC10	Pós-Abandono	708	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo com lábio boleado	

512	CC11	Pós-Abandono	708	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo dobrado sobre o ombro	
513	CC12	Pós-Abandono	708	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo com lábio boleado.	Apresenta fuligem no exterior da peça
514	CC13	Pós-Abandono	708	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo com lábio voltado para o interior	
515	CC14	Pós-Abandono	708	CC Bética	Alguidar	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	Decoração pinçada
516	CC15	Pós-Abandono	708	CC Bética	Almofariz	1	Bordo com lábio voltado para o exterior, com pequeno engrossamento interno	
517	CC16	Pós-Abandono	708	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo com lábio voltado para o exterior, apresenta pega	
518	CC17	Pós-Abandono	708	CC Bética	Taça	1	Bordo arredondado ligeiramente voltado para o interior	
519	CC18	Pós-Abandono	708	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo simples	
520	CC19	Pós-Abandono	708	CC Bética	Pote	1	Bordo quase triangular com lábio biselado	Desenho-Est. XII- n.º 30
521	CC20	Pós-Abandono	708	CCA	Hayes 197	1	Bordo arredondado e voltado para o exterior com pequeno sulco para o encaixe de tampa	
522	CC21	Pós-Abandono	708	CC Bética	Pote	1	Bordo extrovertido, com uma canelura na ligação com o lábio	
523	CC22	Pós-Abandono	708	CC Bética	Alguidar	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	
524	CC23	Pós-Abandono	708	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
525	CC24	Pós-Abandono	708	CC Bética	Alguidar	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	Decoração no lábio
526	CC25	Pós-Abandono	708	CC Bética	Alguidar	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	Decoração no lábio
527	CC26	Pós-Abandono	708	CC Avermelhada	Púcaro	2	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	Decoração penteada
528	CC1	Pós-Abandono	707	CC Cinzenta	Potes/Panelas	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	Desenho-Est. XX
529	CC2	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo espessado para o exterior	
530	CC3	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo simples, parede oblíqua	
531	CC4	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	
532	CC5	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
533	CC6	Pós-Abandono	707	CC Bética	Taça	1	Bordo ligeiramente extrovertido	
534	CC7	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Talha	1	Bordo arredondado dobrado sobre o ombro. A parede é ovoide e esférica	

535	CC8	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	
536	CC9	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo ligeiramente inclinado para o exterior com lábio plano	Desenho-Est. XXIV
537	CC10	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	
538	CC11	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	
540	CC13	Pós-Abandono	707	CCA	Hayes 196	1	Bordo espessado e ligeiramente convexo. Exterior do bordo enegrecido.	
541	CC14	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	
542	CC15	Pós-Abandono	707	CC Cinzenta	Potes/Panelas	1	Bordo com lábio boleado	
543	CC16	Pós-Abandono	707	CCA	Hayes 182	1	Bordo espessado e voltado para o exterior	
544	CC17	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
545	CC18	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
546	CC19	Pós-Abandono	707	CC Cinzenta	Caçoilas	2	Bordo com Lábio voltado para o exterior.	Desenho- Est. XXI
547	CC20	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	
548	CC21	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	1	Bordo arredondado ligeiramente inclinado para fora, e apresenta colo cilíndrico	Desenho-Est. XXVII
549	CC22	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	1	Bordo arredondado ligeiramente inclinado para fora, e apresenta colo cilíndrico	
550	CC23	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
551	CC24	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo com lábio boleado	
552	CC25	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	
553	CC26	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua	
554	CC27	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
555	CC28	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	

556	CC29	Pós-Abandono	707	CC Cinzenta	Potes/Panelas	1	Bordo com lábio voltado para o exterior arredondado	
557	CC30	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo simples, parede ligeiramente curvada	Desenho-Est. XXXV
558	CC31	Pós-Abandono	707	CC Bética	Taça	1	Bordo arredondado ligeiramente voltado para o interior	Desenho-Est. II- n.º 6
559	CC32	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo simples com lábio de extremo reto	Fuligem no exterior da peça
560	CC33	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	1	Bordo simples moldurado	
561	CC34	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Alguidar	4	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica. caneluras sobre a aba e decoração digitada no lábio	Desenho- Est. XXIX
562	CC35	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
563	CC36	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo espessado para o exterior	
564	CC37	Pós-Abandono	707	CC Cinzenta	Potes/Panelas	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	Desenho-Est. XX
565	CC38	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo ligeiramente inclinado para o exterior com lábio plano	
566	CC39	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
567	CC40	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua	
569	CC42	Pós-Abandono	707	CCA	Hayes 181	1	Bordo espessado para o interior	
570	CC43	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	1	Bordo com lábio em aba pendente	
571	CC44	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo espessado para o exterior e com a parede arqueada	
572	CC45	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo simples, parede oblíqua	
574	CC47	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	
575	CC48	Pós-Abandono	707	CC Bética	Indeterminado	1	Bordo boleado	
576	CC49	Pós-Abandono	707	CC Cinzenta	Caçoilas	1	Bordo boleado com pequena canelura para tampa	Fuligem na parte exterior da peça
577	CC50	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
578	CC51	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo boleado com uma ligeira saliência para o exterior	
579	CC52	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo espessado para o exterior	

580	CC53	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
581	CC54	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
582	CC55	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Funil	1	Funil	Desenho-Est. XXXIII
583	CC56	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	
584	CC57	Pós-Abandono	707	CCA	Hayes 196	1	Bordo espessado e ligeiramente convexo. Exterior do bordo enegrecido.	
585	CC58	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo espessado para o exterior e com a parede arqueada	
586	CC60	Pós-Abandono	707	CC Bética	Alguidares pequenos/Bacias	1	Bordo extrovertido, ligeiramente soerguido	Decoração digitada no lábio
587	CC61	Pós-Abandono	707	CC Cinzenta	Taça	1	Bordo com lábio boleado	Desenho- Est..XIX
588	CC62	Pós-Abandono	707	CC Bética	Jarros/Bilhas	1	Bordo simples com paredes caneladas	
589	CC63	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica. Caneluras sobre a aba e decoração digitada no lábio.	
590	CC64	Pós-Abandono	707	CCA	Hayes 182	1	Bordo espessado e voltado para o exterior	
591	CC65	Pós-Abandono	707	CC Bética	Pote	1	Bordo quase triangular com lábio biselado	
592	CC66	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular com arranque de pega	
593	CC67	Pós-Abandono	707	CC Imitação Regional	Hayes 61A	2	Bordo encurvado e aresta na ligação entre o bordo e a parede	Desenho- Est. XXXVI /cola com 707. CC85
594	CC68	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo simples, parede ligeiramente curvada	
595	CC69	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo ligeiramente inclinado para o exterior com lábio plano	
596	CC70	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo simples, parede oblíqua	
597	CC71	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo espessado para o exterior	
599	CC73	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo com lábio boleado	
600	CC74	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado, c/ arranque de asa	
602	CC76	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
603	CC77	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	

604	CC78	Pós-Abandono	707	CC Cinzenta	Potes/Paneias	1	Bordo com lábio voltado para o exterior. Cerâmica fina e pasta cinzenta	
605	CC79	Pós-Abandono	707	CCA	Ostia IV, fig. 59	1	Bordo espessado recurvado para o exterior	
606	CC80	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	
607	CC81	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Tampa	1	bordo simples, parede oblíqua	
608	CC82	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Pote/Panella	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
609	CC83	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Pote/Panella	1	Bordo dobrado sobre o ombro	
610	CC84	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo simples com lábio boleado	
612	CC86	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo simples, parede ligeiramente curvada	
613	CC87	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
614	CC88	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo com lábio voltado para o exterior. Presença de caneluras	
615	CC89	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Pote/Panella	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
616	CC90	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo com lábio boleado	
617	CC91	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	
618	CC92	Pós-Abandono	707	CC Bética	Asa	1	Arranque de asa	
619	CC93	Pós-Abandono	707	CC Bética	Alguidar	17	Bordo extrovertido com lábio amendoado	Desenho- Est. IX- n.º 23
636	cc110	Pós-Abandono	707	CC Bética	Alguidar	1	Bordo extrovertido simples	
637	CC111	Pós-Abandono	707	CC Bética	Almofariz	1	Bordo de almofariz, apresenta restos do funil	
638	CC112	Pós-Abandono	707	CC Bética	Jarros/Bilhas	1	Bordo com lábio (com canelura) extrovertido com espessamento externo	Desenho-Est. III- n.º 9
639	CC113	Pós-Abandono	707	CC Bética	Alguidar	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	Decoração pinçada
640	CC114	Pós-Abandono	707	CC Bética	Alguidar	1	Bordo extrovertido com lábio amendoado	
641	CC115	Pós-Abandono	707	CC Bética	Alguidar	1	Bordo voltado para o exterior com um ligeiro engrossamento interno	
642	CC116	Pós-Abandono	707	CC Bética	Alguidar	2	Bordo com lábio voltado para o exterior	
643	CC117	Pós-Abandono	707	CC Bética	Pote	1	Bordo extrovertido, com uma canelura na ligação com o lábio	
644	CC118	Pós-Abandono	707	CC Bética	Alguidar	1	Bordo extrovertido simples	

645	CC119	Pós-Abandono	707	CC Acastanhada	Alguidar	2	bordo coberto por engobe branco, com lábio boleado com decoração incisa, pegas horizontais junto ao lábio	Desenho-Est. XLI- nº107
646	CC120	Pós-Abandono	707	CC Bética	Alguidar	1	Bordo extrovertido simples	Desenho-Est. VII- n. °19
647	CC122	Pós-Abandono	707	CC Acastanhada	Alguidar	2	Bordo coberto por engobe branco, com lábio boleado com decoração incisa, pegas horizontais junto ao lábio	Mesma peça que cc129; Desenho-Est. XLI- nº106
648	CC123	Pós-Abandono	707	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua	
650	CC127	Pós-Abandono	707	CC Bética	Alguidares pequenos/Bacias	1	Bordo extrovertido, ligeiramente soerguido	
651	CC128	Pós-Abandono	707	CC Bética	Alguidar	1	Bordo extrovertido simples	
653	CC130	Pós-Abandono	707	CC Bética	Alguidar	1	Bordo extrovertido simples	
654	CC131	Pós-Abandono	707	CC Bética	Taça/Tinteiro	1	Bordo com forma	
655	CC132	Pós-Abandono	707	CC Cinzenta	Tampa	1	Tampa	
656	cc133	Pós-Abandono	707	CC Bética	Almofariz	1	Bordo amendoado	
657	CC1	Pós-Abandono	877	CC Imitação Regional	Hayes 197	14	Bordo com lábio voltado para o exterior, com pequena canelura para a tampa	Desenho- Est.XXXVII
671	CC15	Pós-Abandono	877	CC Bética	Pote	1	Bordo extrovertido, com uma canelura na ligação com o lábio	
672	CC16	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	2	Bordo com lábio em aba pendente	Desenho-Est. XXVII
673	CC17	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo espessado para o exterior	
674	CC18	Pós-Abandono	877	CC Bética	Taça	1	Bordo vertical. Apresenta carena	
676	CC20	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo com lábio boleado, apresenta uma pega	
677	CC21	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
678	CC22	Pós-Abandono	877	CC Bética	Indeterminado	1	Bordo	
679	CC23	Pós-Abandono	877	CC Acastanhada	Almofariz	1	Bordo de extremo plano com aba externa horizontal alongada	
680	CC24	Pós-Abandono	877	CC Bética	Alguidares pequenos/Bacias	1	Bordo extrovertido, ligeiramente soerguido	
681	CC25	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Púcaro	2	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	Desenho- Est. XXV; Decoração penteada
682	CC26	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	
683	CC27	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo espessado para o exterior	

684	CC28	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo espessado para o exterior	
685	CC29	Pós-Abandono	877	CCA	Hayes 196	1	Bordo espessado e ligeiramente convexo. Exterior do bordo enegrecido.	
686	CC30	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo dobrado sobre o ombro	
687	CC31	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
688	CC32	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	1	Bordo com lábio em aba pendente	
689	CC33	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
690	CC34	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo com lábio ligeiramente voltado para o exterior	
691	CC35	Pós-Abandono	877	CC Bética	Alguidar	1	Bordo extrovertido simples	
692	CC36	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	1	Bordo simples moldurado	
693	CC37	Pós-Abandono	877	CCA	Hayes 23B	1	Bordo simples com lábio espessado no interior	
694	CC38	Pós-Abandono	877	CCA	Hayes 196	1	Bordo espessado e ligeiramente convexo. Exterior do bordo enegrecido.	
695	CC39	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo espessado para o exterior	
696	CC40	Pós-Abandono	877	CC Cinzenta	Taça	1	Bordo com lábio voltado para o interior	
697	CC41	Pós-Abandono	877	CC Bética	Pote	1	Bordo quase triangular com lábio biselado	
698	CC42	Pós-Abandono	877	CCA	Hayes 197	2	Bordo arredondado e voltado para o exterior com pequeno sulco para o encaixe de tampa	
699	CC43	Pós-Abandono	877	CC Bética	Pote	1	Bordo quase triangular com lábio biselado	
700	CC44	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
701	CC45	Pós-Abandono	877	CCA	Hayes 197	1	Fundo radiado	
702	CC46	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
703	CC47	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Alguidar	2	Bordo espessado para o exterior e com a parede arqueada	
704	CC48	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Taça	5	Bordo voltado para o exterior, com lábio em triângulo, e paredes retas	Desenho- Est. XXV
705	CC49	Pós-Abandono	877	CCA	Hayes 182	1	Bordo espessado e voltado para o exterior	
706	CC50	Pós-Abandono	877	CCA	Hayes 197	1	Bordo arredondado e voltado para o exterior com pequeno sulco para o encaixe de tampa	
708	CC52	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo simples, parede ligeiramente curvada	Bordo apresenta marcas de fogo

709	CC53	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	
710	CC54	Pós-Abandono	877	CC Acastanhada	Alguidar	2	Bordo em aba simples com parede reta e pouco envasada	
711	CC55	Pós-Abandono	877	CC Bética	Jarros/Bilhas	1	Bordo com lábio extrovertido e topo plano	Desenho-Est. III- n.º 11
712	CC56	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo dobrado sobre o ombro	
713	CC57	Pós-Abandono	877	CCA	Hays 197	1	Bordo arredondado e voltado para o exterior com pequeno sulco para o encaixe de tampa	
714	CC58	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo ligeiramente inclinado para o exterior com lábio plano	
716	CC60	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
717	CC61	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	
718	CC62	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	
719	CC63	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	
721	CC65	Pós-Abandono	877	CC Bética	Jarros/Bilhas	1	Bordo torneado com lábio ligeiramente extrovertido e colo que se adivinha cilíndrico	Desenho-Est. III- n.º 10
722	CC66	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	
723	CC67	Pós-Abandono	877	CC Bética	Pote	1	Bordo quase triangular com lábio biselado	
724	CC68	Pós-Abandono	877	CC Acastanhada	Almofariz	1	Bordo de extremo plano com aba externa horizontal alongada	
725	CC69	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua, de pança hemisférica	
726	CC70	Pós-Abandono	877	CC Bética	Alguidar	1	Bordo extrovertido simples	
727	CC71	Pós-Abandono	877	CC Bética	Alguidar	1	Bordo extrovertido simples	
728	CC72	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
729	CC73	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica com depressão longitudinal	
731	CC75	Pós-Abandono	877	CC Cinzenta	Taça	1	Bordo com lábio boleado	
732	CC77	Pós-Abandono	877	CCA	Ostia IV, fig. 59	1	Bordo espessado recurvado para o exterior	

733	CC78	Pós-Abandono	877	CCA	Hayes 197	1	Fundo Radiado	
734	CC79	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	Decoração penteada
735	CC80	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Alguidar	4	Bordo espessado para o exterior e com a parede arqueada	
739	CC84	Pós-Abandono	877	CC Acastanhada	Almofariz	2	bordo de extremo plano com aba externa horizontal alongada	Desenho-Est. XLII-nº108
740	CC85	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
741	CC86	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Jarro/bilha	1	Bordo com lábio em aba pendente	
742	CC87	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular, com arranque de pega	
743	CC88	Pós-Abandono	877	CC Bética	Pote	1	Bordo quase triangular com lábio biselado	
744	CC89	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo aba larga horizontal a levemente oblíqua	
745	CC90	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Jarro/bilha	1	Bordo com lábio em aba pendente	
746	CC91	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
747	CC92	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
749	CC94	Pós-Abandono	877	CC Bética	Pote	1	Bordo extrovertido, com uma canelura na ligação com o lábio	
750	CC95	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo simples, parede oblíqua	Bordo apresenta marcas de fogo
751	CC96	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo com lábio com engrossamento externo	
752	CC97	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
753	CC98	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo com lábio boleado	
754	CC99	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo boleado com uma ligeira saliência para o exterior	Bordo apresenta marcas de fogo
755	CC100	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	
757	CC102	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo simples com lábio boleado	
758	CC103	Pós-Abandono	877	CCA	Hayes 182	1	Bordo espessado e voltado para o exterior	
759	CC104	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado. arranque de asa	Desenho- Est. XXVI; Decoração penteada
761	CC106	Pós-Abandono	877	CC Bética	Alguidar	1	Bordo extrovertido simples	
762	CC107	Pós-Abandono	877	CC Bética	Taça	2	Bordo oblíquo que surge decorado	Desenho-Est. I- n.º 1

764	CC109	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Jarro/Bilha	1	Bordo com lábio em aba pendente	
765	CC110	Pós-Abandono	877	CC Regional	Indeterminado	1	Bordo com lábio voltado para o exterior	
766	CC111	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
767	CC112	Pós-Abandono	877	CC Bética	Asa	1	Asa de rolo	
768	CC113	Pós-Abandono	877	CC Bética	Taça	1	Bordo ligeiramente extrovertido	
769	CC114	Pós-Abandono	877	CCA	Ostia IV, fig. 61	1	Bordo levemente espessado. Pequena ranhura na parede externa	
770	CC115	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
771	CC116	Pós-Abandono	877	CC Cinzenta	Taça	1	Bordo com lábio ligeiramente introvertido	
772	CC117	Pós-Abandono	877	CC Bética	Pote	1	Bordo extrovertido, com uma canelura na ligação com o lábio	
773	CC118	Pós-Abandono	877	CC Bética	Alguidar	1	Bordo extrovertido simples	
774	CC119	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
776	CC121	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo dobrado sobre o ombro	
777	CC122	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	Peça apresenta marcas de ir ao fogo
778	CC123	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Caçoila/Tacho	1	Bordo arredondado com lábio extrovertido e topo plano	Peça apresenta marcas de ir ao fogo
779	CC124	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo engrossado e virado para o interior, e lábio biselado	
780	CC125	Pós-Abandono	877	CC Regional	Indeterminado	1	Bordo com lábio boleado, mas ondulado	
781	CC126	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Indeterminado	1	Bordo com lábio boleado voltado para o exterior	
782	CC127	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Asa	1	Arranque de asa de fita simétrica	
783	CC128	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Púcaro	1	Bordo simples voltado para o exterior de lábio arredondado	
784	CC129	Pós-Abandono	877	CC Bética	Pote	1	Bordo extrovertido. Canelura para encaixe de tampa	
785	CC130	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo ligeiramente inclinado para o exterior e lábio plano. Tem perfil externo convexo e ligeiro engrossamento externo	
786	CC131	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
787	CC132	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Taça	1	Bordo simples com lábio boleado	
788	CC133	Pós-Abandono	877	CC Cinzenta	Caçoilas	1	Bordo com lábio biselado, engrossamento interno, possivelmente para assentar tampa	Desenho-Est. XXI;

A CERÂMICA UTILITÁRIA DOS NÍVEIS DE ABANDONO DE UMA OFICINA DE SALGA EM *OSSONOBA* (FARO)

791	CC136	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Potes/Panelas	1	bordo extrovertido com lábio sub-rectangular. Apresenta asa completa	
793	CC138	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Alguidar	2	Bordo espessado para o exterior e com a parede arqueada	
795	CC140	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Tampa	1	Bordo simples, parede oblíqua	
796	CC141	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Alguidar	1	Bordo espessado para o exterior e com a parede arqueada	
797	CC142	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
798	CC143	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo extrovertido com lábio sub-rectangular	
799	CC144	Pós-Abandono	877	CC Avermelhada	Pote/Panela	1	Bordo dobrado sobre o ombro	Desenho-Est. XXXII- n.º 87

